JOANNE HARRIS



# O FEITIÇO DA LUA AZUL

O AMOR FEZ DELA UMA PRISIONEIRA

SÓ A VINGANÇA A LIBERTARÁ

ASA

# Ficha Técnica

Título: O FEITIÇO DA LUA AZUL
Título original: A POCKETFUL OF CROWS
Autor: Joanne Harris
Tradução: Ana Saldanha
Revisão: Salvador Guerra
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagens da capa: Shutterstock
ISBN: 9789892343662

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2017, Frogspawn Ltd.
Ilustrações: 2017, Bonnie Helen Hawkins
Publicado originalmente por Gollancz, Londres
O direito de Joanne M. Harris de ser identificada como
autora da obra foi estabelecido em conformidade
com o Copyright, Design and Patents Act 1988.
© 2018, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

JOANNE
HARRIS

# O FEITIÇO
# DA LUA AZUL



# Véspera de Maio

†

*Sou do mais moreno que há,*
*E tenho olhos pretos como abrunhos;*
*Sou do mais veloz que há,*
*E livre como no bosque a corça.*

The Child Ballads, 295

# Um

O ano gira, gira, gira. Do inverno para o verão, da escuridão para a luz, a fazer girar o mundo como madeira num torno, a dar forma aos meses e às estações. Hoje é a Véspera de Maio, e há lua cheia pela segunda vez este mês. Véspera de Maio, e uma lua leitosa azulada. É a hora de uma bruxa ir viajar.

Hoje sou uma raposa. Poderia ser uma coruja, uma lebre, uma cotovia, um lobo ou uma lontra. O povo viajante pode assumir qualquer aparência. Mas nesta noite – nesta noite especial, quando as queimadas ardem e as bruxas voam – nesta noite, sou uma raposa.

Deixo as minhas roupas junto à fogueira. A saia de penas, o manto de pele de lobo, os colares de pedras polidas. Nua, transformo-me à luz do lume; prata de lua, ouro de fogo. E agora ouço os sons da noite: a água a bater na margem; o guincho de um rato nas ervas altas; os pios das corujas nos ramos. Ouço o tique-tique-tique de um bicho da madeira numa viga, a quase uma légua; sinto o perfume sonolento de lilases no largo da vila. Lanço as vistas para mais longe. A raposa está perto. Meio adormecida na sua terra cálida, pressente a minha presença e espeta as orelhas. Os três gordos raposinhos ao seu lado estão ensonados, repletos de leite quente. Mas a raposa está inquieta, pressentindo-me tão perto, tão pouco familiar.

Envio-lhe o leve desejo persistente de uma corrida sob as estrelas. Ela ergue a cabeça e move os maxilares, desconfiada mas mesmo assim curiosa. Envio-lhe a sensação do ar fresco da noite, do musgo no chão sob os meus pés, da fome na minha barriga. A tremer, viro costas ao lume e embrenho-me na floresta. O chão está macio, húmido e frio. Cheira a chuva e a campainhas. A minha pele está às riscas ao luar, castanha e prateada sob a copa das árvores. Por um momento, vejo a raposa, fulva como brasas por entre fumo, um só clarão de branco no pescoço, a trotar ao meu lado.

Os aromas da floresta intensificam-se, uma tapeçaria de fios brilhantes que correm em todas as direções. A pele da raposa é quente e espessa; já não tremo. Durante algum tempo, corro ao seu lado, a sentir a sua força e o júbilo feroz de caçar à luz de uma lua leitosa azulada, com a promessa de sangue no ar e o verão à distância de um batimento do coração. Depois, de

um momento para o outro, somos uma só.



Os seres bravios sentem a fome de modo diferente. A minha é profunda como o inverno; frugal como a velhice. A da raposa é jubilosa; exuberante; a farejar à procura de rãs debaixo da relva; a atirar-se a traças no ar brilhante. Chegamos ao rio – arganazes e ratazanas – mas eu tenho fome de algo mais. Sigo o rio até um espaço de campos abertos, e daí até junto a uma vila, onde o cheiro a presa é forte. Sigo o trilho de uma galinha pintalgada até um galinheiro de madeira, e aí sou desapiedada, não deixando mais nada a não ser penas.

A lua tem um anel de prata – é um sinal. O ar é doce como o do verão. De barriga cheia e com sangue nos queixais, demoro-me na neblina do prado, sob a sebe de espinheiros que delimita a vila. Ao fim de algum tempo, sentindo o cheiro a fumo, deixo que a raposa regresse para junto das suas crias, e, nua na minha própria pele, deito-me no junco e escuto os sons da noite e ouço as corujas a chamarem e fico a ver a longa e lenta dança das estrelas.

Esta noite assinala a vinda do tempo de verão. Já conheci catorze verões. Queimadas, lume da lareira, fogueiras acesas contra o escuro. Flor de cerejeira, feitiços de amor, raparigas da vila com corações quentes a dançarem no círculo de pedras à volta da árvore encantada. As raparigas da vila são brancas e macias. O seu riso soa como aves domésticas. Gansos, talvez, com as asas cortadas, rechonchudas, bem nutridas, obedientes. As raparigas da vila são pão acabado de cozer. As raparigas da vila têm pele de pétalas de flores. As raparigas da vila têm cabelos entrançados que brilham como a luz do sol ao fim da tarde.

Eu não sou uma rapariga da vila. Sou morena e veloz e bravia. Caço com a coruja e danço com a lebre e nado com a truta e a lontra. Nunca entro na vila, a não ser como raposa ou ratazana. A vila é perigosa para a minha gente. O Povo matar-nos-ia se pudesse. Mas esta noite é diferente. A caçada fez-me cantar o sangue. E por isso me demoro sob o espinheiro, a sentir o cheiro da erva nova e a escutar o som distante das vozes vindas da clareira.

Aproxima-se o som de passos na vereda ao lado da sebe de espinheiro. Uma rapariga da vila com cabelos de prímula está junto à árvore encantada. O Povo chama-lhe isso, embora nada saibam sobre encantamentos e Fadas. Mas há feitiços – o osso de uma lebre; um nome, pespontado em flanela vermelha – a que até mesmo uma rapariga da vila pode recorrer. E na Véspera de Maio, à luz de uma lua azul, um feitiço de amor pendurado numa árvore encantada pode, até mesmo a uma rapariga da vila, trazer o verão mais depressa.

A árvore encantada é um espinheiro. Torcida e cansada, velha como a Velhice, meio comida pelo azevinho, ergue-se dentro do círculo de pedras a que algum Povo chama o anel das fadas. Todos os anos, digo para comigo: talvez seja este o ano em que a árvore morre. Mas todos os anos despontam rebentos pálidos daqueles ramos estalados e nodosos. A árvore encantada é esperançosa. As suas flores mal duram uma semana. Mas todos os anos se apressa a ostentar um punhado de bagas vermelhas.

A rapariga tem um feitiço. Têm sempre. Um feitiço de amor, ou talvez um feitiço para se tornar mais bela. Da sebe, fico a vê-la prendê-lo no seu sítio. As sombras das pedras das fadas tremeluzem ao luar.

Esta noite, vai sonhar com o seu jovem, desassossegada no seu leito virginal. Talvez fique a ver a lua brilhante de maio a passar pela sua janela. E amanhã, ou no dia seguinte, ele vai vê-la ali – uma rapariga que já viu muitas vezes, mas em que nunca tinha reparado – e vai perguntar-se como pôde ter sido tão cego que não a visse.

Depois de ela se ir embora, pego no feitiço. Ela vai pensar que foram as fadas que o levaram. Um pedaço de tecido vermelho, da cor do sangue, talvez rasgado de um saiote, e enfiado pelo buraco de uma pedra furada polida. Tive em tempos uma pedra como esta, mas perdi-a há muito. Onde é que a rapariga da vila encontrou a dela? Quanto tempo demorou a bordar o feitiço, à luz da candeia? Que nome pronunciou enquanto dava o nó à linha?

Olho para os pontos minúsculos. Seis pequenas letras, bordadas a seda. Não sei ler palavras. Não tive ninguém que me ensinasse. Mas conheço as *letras*; esses sinais mágicos que falam da página, ou até mesmo da sepultura. Há poder nelas, um poder que nem o Povo compreende. As letras têm significado. Podem formar palavras. E as palavras podem fazer praticamente tudo – uma lei, uma crónica, uma mentira.

O nome nas letras é W-I-L-L-A-M. Esse é o nome que a sua mãe lhe deu. Esse é o nome que a sua amada dirá ao seu ouvido, no escuro. Esse é o nome que vão gravar na sua lápide quando o meterem debaixo da terra.

Eu não tenho nome. As gentes viajantes não têm nome nem dono. Quando eu morrer, nenhuma lápide será erigida. Nenhumas flores serão espalhadas. Quando eu morrer, vou transformar-me em mil seres: besouros, minhocas. E assim continuarei a viajar, para sempre, até ao Fim dos Mundos. Esse é o destino das gentes viajantes. Não quereríamos que fosse de outra maneira.

Levo o feitiço para o meu sítio na floresta. Uma cabana de toros cortados e canas e musgo, toda forrada com peles e fetos. A minha fogueira fica cá

fora, à porta, com o meu pote de ferro. Como sinto fome, frito uns brotos de fetos e com eles toucinho, uma mancheia de ervas aromáticas e os quartos traseiros de um coelho que estava pendurado sobre o fumo. E depois prendo o feitiço da rapariga da vila por cima da entrada da minha cabana, com todas as minhas bonitas coisas coloridas. Uma conta de vidro azul, alguma lã amarela, a caveira embranquecida de uma pega. As coisas coloridas que recolho e escondo na floresta.

As coisas coloridas são-nos proibidas, a nós, as gentes viajantes prudentes. As cores significam perigo para os da nossa condição; revelam-nos ao inimigo. A nossa gente esconde-se de todos – mesmo uns dos outros. A nossa gente sabe manter-se à distância, nunca mostrar as suas cores.

As raparigas da vila usam coisas coloridas. Fitas nos seus toucados. Saiotes de flanela escarlate. As raparigas da vila não têm medo. As raparigas da vila gostam que reparem nelas. Mas a cor castanha é fácil; a cor castanha é segura. Na floresta, ninguém vê uma rapariga castanha escapulir-se de árvore em árvore, desaparecer por entre os fetos. Na floresta sou corça, furão, raposa, rouxinol. Castanha como uma baga, vivo nas árvores. Castanha, não projeto sombra.

É assim que passo sem ser vista, sem que me incomodem as gentes da vila. Só os seus cães sabem onde estou, e aprenderam a manter-se à distância. Já comi cão, e volto a comer, digo-lhes. Sento-me no meu cobertor de pele de lobo, envolta na minha saia de pano caseiro e no meu casaco de penas de pardal, e olho para o fumo para ver o que o futuro me trará.

Amanhã é o Dia de Maio. O mês florido: o mês do espinheiro e das abelhas. Amanhã, vai haver folia e danças no largo da vila. Amanhã, as raparigas da vila vão enfeitar as fontes e os poços com flores, deixar oferendas para o Homem Verde[1], e coroar uma donzela Rainha de Maio. Mas isso não me diz respeito. Não tenho necessidade de grinaldas. Tenho as campainhas no bosque e o espinheiro nas sebes. Nenhum jovem me roubará o coração com palavras de amor e grinaldas. Nenhum jovem atrairá o meu olhar. Quando sentir o ardor, entrarei na pele de uma corça e escolherei entre os veados novos e nem uma vez olharei para trás.

A raposa dorme na terra quente, rodeada por pequenos corpos peludos. A lebre castanha dança ao luar na encosta do monte. A coruja-das-torres caça: o rato dos campos foge; o fogo reduz-se a brasas. E eu vou entrar na minha cabana e correr o cortinado de pele de veado e dormir na minha cama estreita de lã castanha e fetos.

1 No original, Jack-in-the-Green, personagem tradicional nos desfiles e celebrações do mês de maio. Enverga uma estrutura de forma piramidal ou cónica coberta de folhas que o oculta da cabeça aos pés. *(N. do E.)*

# Maio

## O Mês das Abelhas

†

*Quando a ambrósia*
*floresce em maio*
*As bruxas viajam e a boa*
*gente reza.*

Provérbio da Cornualha



# Um

Hoje vou ser uma cotovia, a voar docemente no azul. Ou talvez entre na pele de uma lebre e corra pela encosta do monte e lute contra as sombras dos juncos e tasquinhe as prímulas. Hoje, sinto-me inquieta, sem saber ao certo o que quero e para onde ir. Ao tomar o pequeno-almoço de ossos partidos, sinto o sol da manhã e anseio pela liberdade dos montes.

Mas ainda não abundam os alimentos, e viajar tem os seus custos. A aventura da noite passada deixou-me fraca, apesar da força do feitiço da rapariga da vila, e por isso pego na minha sacola de recolhas – com o feitiço em segurança no bolso – e parto para a beira-rio, os campos abertos e as minhas armadilhas de canas, que talvez me apanhem uma ave ou duas, ou talvez até um coelho.

Hoje tenho sorte. Arrecado quatro tordos, alguns rebentos de maio e um bolso cheio de brotos de feto, aqueles pequenos fetos bem compactos, que, como o Povo, são tão tenros em novos, mas veneno amargo quando crescem. Basta. Viro-me para me ir embora, mas subitamente ouço cascos de cavalos na vereda por trás de mim. Um cavalo de sela com ferraduras de ferro, a trotar a um passo animado a menos de meia légua de distância. Rapidamente, saio da vereda e escondo-me por trás de uns ramos de árvores tombados. O cavaleiro não tardará a ir-se e logo poderei seguir caminho.

Daí a uns minutos, vejo o cavalo, castanho com crina preta, e a montá-lo um homem com um casaco verde da cor de maio e uma grinalda de flores. Rapidamente, a minha mão procura o feitiço da rapariga da vila. Uma pedra furada dá proteção a quem não queira ser visto. A pedra é lisa e fria na minha mão. O pedaço de saiote escarlate desponta vivo entre os meus dedos.

Normalmente, não olharia para cima. Não quero que reparem em mim. No entanto, sinto curiosidade por ver melhor o cavalo e o seu cavaleiro. Com toda a cautela, espreito por entre os ramos tombados quando ele passa ao meu lado, com os botões do seu casaco verde a brilharem ao sol.

Um nobre, então – vejo-o pelas suas botas, e pela maneira como olha à volta, como se fosse dono das próprias árvores. Tem o cabelo tão liso como o pelo do flanco do seu cavalo. Por que reparo sequer nele? Será a pedra

furada na minha mão que me faz querer vê-lo mais claramente? Ergo a pedra polida à altura dos olhos e miro o homem através do buraco estreito. De algum modo, sei que ele olhará para trás. Sei que o seu nome é W-I-L-L-A-M. E agora, quando ele se vira, como eu sabia que aconteceria, vejo que é formoso.

Nesse preciso momento, o belo cavalo castanho tropeça na vereda pedregosa. O jovem desequilibra-se, escorrega e cai da sela. O cavalo ergue as patas dianteiras, com um olhar desatinado e os cascos a fazerem faíscas contra as pedras. O jovem será espezinhado, e não há ali ninguém para o ajudar. E por isso eu salto do meu esconderijo e agarro no freio do cavalo.

Uma fórmula mágica tranquilizante: o cavalo não tarda a acalmar-se. Os cavalos selvagens são diferentes. Os cavalos selvagens não acolhem bem o nosso toque. Mas este é um cavalo de sela; nervoso, mas treinado para o freio. Viro-me agora para o homem, que jaz na vereda. Está um pouco atordoado por causa da queda, mas não corre perigo. Reparo que é muito jovem, pouco mais velho do que eu. Amarro o cavalo a um ramo ali perto e preparo-me para desaparecer no bosque.

– Espera. – Viro-me, e vejo que ele me observa. Os seus olhos são azuis como a asa de um gaio. – Quem és tu?

Não respondo. Uma coisa nomeada é uma coisa amansada, e o meu povo é bravio para todo o sempre. Devia ignorá-lo e afastar-me. Os da sua condição são muitas vezes perigosos. No entanto, ele parece bastante inofensivo, ali por terra, com lama na manga do seu fino casaco verde, a face arranhada por uma silva. E vê-me – *vê-me* realmente. Vislumbro um minúsculo reflexo de mim nos seus olhos. Talvez seja por isso que me apetece ficar, ouvir o som da sua voz outra vez, que ele olhe para mim daquela maneira e eu possa ver-me nos seus olhos azuis. Ninguém me vê, em regra. Mesmo quando me mostro, ninguém me vê *realmente*.

– Quem és tu? – pergunta ele de novo. A sua voz é aveludada como chifre de veado.

Sacudo a cabeça.

– Não tenhas medo. Quem és? Onde está a tua gente?

A minha gente são os lobos, as lebres, as abelhas silvestres na floresta. A minha gente são as bétulas, as corças e as lontras. A minha gente são o povo viajante que viaja no fumo da fogueira do acampamento e entra na pele da raposa, do lobo, do texugo e da doninha. E não tenho medo.

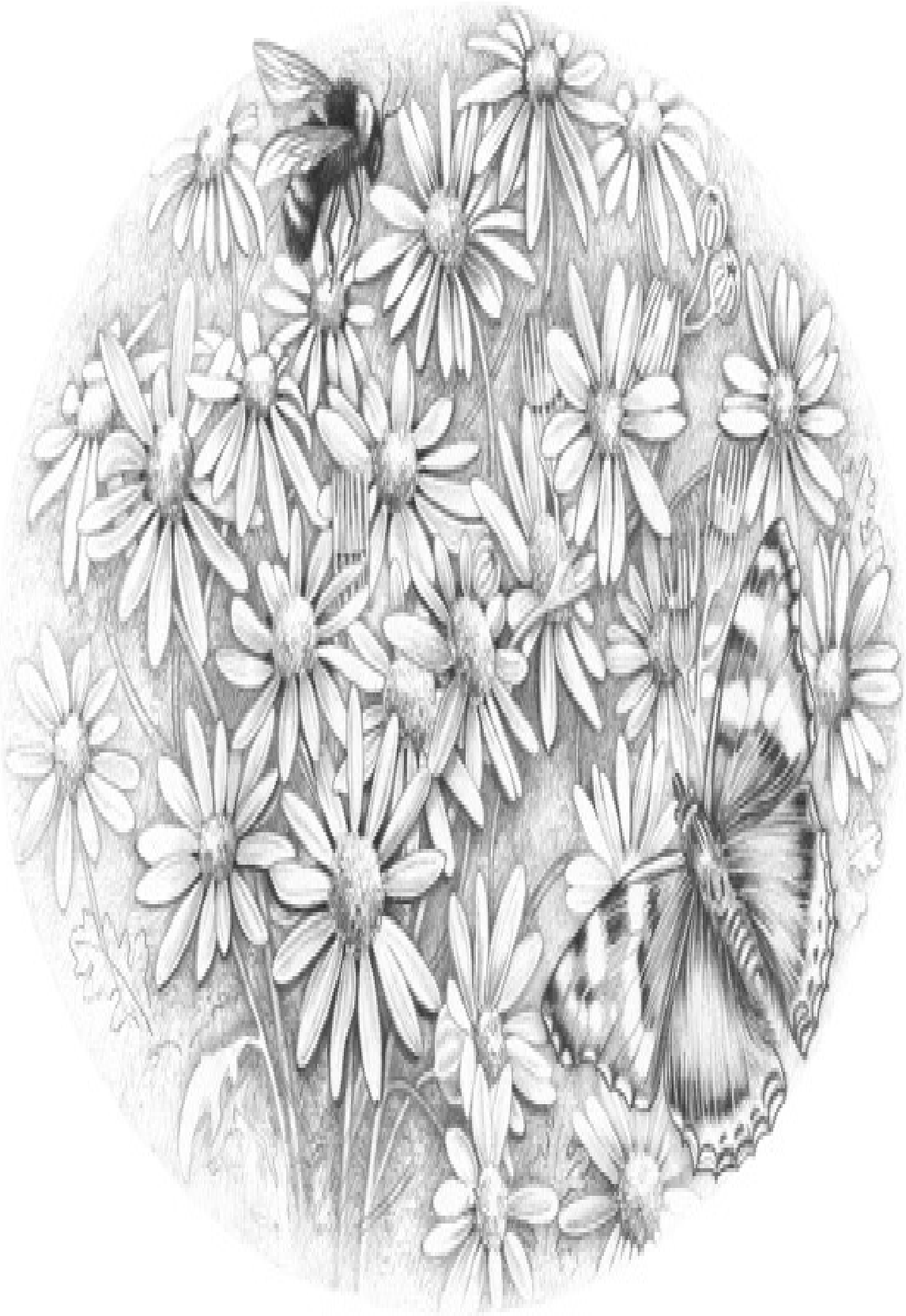
Ergo o queixo e digo: – Nos bosques.

– Então, deves ser a Rainha de Maio – diz ele, e levanta-se e pega na sua grinalda do Dia de Maio, que caiu por terra. É uma grinalda de folhas de

morangueiro, entretecidas com rosas silvestres.

Coloca-a delicadamente no meu cabelo. – Tens nome? – diz.

É claro que não. Os nomes são para gente amansada. Os nomes são para os que têm medo do nosso tipo de liberdade.



Penso no feitiço da pedra furada da rapariga da vila. Digo: – Sei o *vosso*. É W-I-L-L-A-M. – Ele sorri. Pergunto-me porque não fica surpreendido por eu saber o seu nome. Depois, apercebo-me de que ele sabe que *todas* as raparigas da vila sabem o seu nome. Todas as raparigas da vila reparam nele. Todas as raparigas da vila sonham com ele e segredam o seu nome às suas almofadas. A surpresa seria se eu não o soubesse.

Por um momento, a sua arrogância emudece-me. Mas mesmo isso tem uma espécie de encanto. Ele recorda-me um veado novo a mostrar o seu primeiro par de chifres. Ostenta o mesmo tipo de embaraço, de jovialidade, de confiança. Algo diferente dos outros da sua condição. Algo quase selvagem.

– É *Will-i-am*. – Ele escreve o nome na poeira da vereda.

W-I-L-L-I-A-M. Com mais aquele traço vertical. A rapariga da vila deve tê-lo soletrado mal.

– Will-i-am. – Soa tão doce como água do poço. Ele sorri de novo. Eu raramente sorrio. Não tenho a quem sorrir. E agora sei porque tirei o feitiço da árvore encantada ontem à noite. Agora começo a compreender a minha inquietude, a minha fome. Faltava algo à minha vida. Havia algo que nunca suspeitei que estivesse mal. E agora, hoje, algo veio responder ao apelo insistente do maio.

W-I-L-L-A-M.

W-I-L-L-*I*-A-M.

É só uma letra. Um só traço vertical. Mas sinto-o, mesmo assim. Também ele tem um espaço dentro de si, como o buraco na pedra furada. Um vazio à espera de ser preenchido. Algo que faltava. E, embora eu mal consiga ler o seu nome riscado no caminho poeirento, já sei secretamente no meu íntimo que a coisa que faltava era I, eu.1[2]

---

2 1 O jogo de palavras só resulta em inglês. I é a vogal que faltava ao nome de William e significa também *eu*. *(N. da T.)*

# Dois

Hoje sou um espinheiro, trémula e abalada. Dormi com a grinalda dele ao meu lado, e esta manhã ela ainda estava verde, embora as rosas tivessem murchado. E então entrei na pele de uma ave – um pintarroxo, castanho e animado – e cantei e voei e voei e cantei, e mesmo assim não consegui deixar o jovem para trás ou esquecê-lo, como conseguia esquecer aqueles jovens amansados da vila.

Que doença é esta? Porque não tenho prazer na minha liberdade? O ar está límpido; o céu azul; o vento está cheio de promessas. Porque me sinto tão diferente do costume, tão inquieta e estranha, tão incompleta? Porque padeço e me aflijo e anseio e me enraiveço e questiono?

Fugi quando, pela segunda vez, o jovem me pediu para lhe dizer o nome. Tentou seguir-me, mas foi demasiado lento e pouco desembaraçado no mato. Como uma seta, atravessei matagal e silvas e espinhos, depois atravessei onde o rio ia mais baixo, seguindo os caminhos secretos que só os veados e as raposas conhecem. Mas, de algum modo, *W-I-L-L-I-A-M* ficou comigo, e na canção do pintarroxo ouvia o seu nome, e no som do vento, e todo o dia, do céu, fiquei à espera de ver o seu cavalo e o verde do seu casaco e estive à escuta do som da sua voz. Mas não voltei a vê-lo nem a ouvi-lo, e finalmente regressei para a minha cabana e tentei comer, mas não conseguia; e tentei dormir, mas não conseguia; e tentei esquecê-lo, e não consegui. Em vez disso, recordei uma canção do Povo; uma canção que as donzelas por vezes cantam:

*Tomei a linda donzela pela sua mão de lírio,*
*Numa encosta de musgo verde nos sentámos;*
*Dei-lhe um beijo nos seus doces lábios rosados,*
*Uma árvore estendeu-nos à volta os ramos...*

*Na manhã seguinte fi-la minha noiva,*
*Mal o sol despediu o primeiro raio;*
*Os sinos repicaram e as aves cantaram,*
*E eu coroei-a a Rainha de Maio.*

Que bruxaria é esta? Que maleita? Tento purgar-me dele com artemísia e valeriana. Não sou donzela de vila, para suspirar com sinos e aves canoras. Não sou rapariga do Povo, para sonhar com casamentos e grinaldas. Não devia ter tirado o feitiço da rapariga da vila do ramo do espinheiro. A árvore do espinheiro é vingativa e matreira e velha – roubá-la foi um erro. Puxo o pedaço de seda escarlate do centro da pedra furada e atiro-o para o lume. A pedra, atiro-a para o ribeiro, para que role de volta para o mar. A árvore do espinheiro vai esquecer, com o tempo, e as coisas voltarão a ser como eram. No entanto, apesar de tudo isso, *William* permanece em mim, como uma farpa no meu coração. E quando por fim adormeço, sonho com uma noite de verão; e no meu sonho ele é quente e doce, e sabe a sangue e a morangos.

# Três

Hoje sou uma rã pintalgada no canavial à beira de um lago. O lago é profundo e negro como um pântano: as suas águas, frias da montanha. Uma dúzia de cascatas e ribeiros vêm mergulhar os pés no lago; vivem lontras nas ilhotas que se erguem acima da superfície. Hoje está a chover; uma chuva macia e miudinha como pontos da mais fina seda. E no entanto não há alegria, nem no lago nem nos bosques, nem na chuva nem no céu aberto, porque o meu amado está longe e não há prazer sem ele.

O seu nome é William MacCormac. Ouvi-o a um corvo de cabeça branca, que o ouviu a uma ovelha negra, que o ouviu a um gato malhado que vive num castelo com um fosso seco. O castelo pertence a um velho rico chamado Sir James MacCormac. Ele é o senhor deste pedaço da terra, e William é o seu único filho.

As gentes viajantes não têm castelos nem riqueza. Não possuímos terras ou territórios. Em vez disso, temos as montanhas, o mar, os lagos, as charnecas e os rios. *Essa* é a nossa herança. Mas William herdará um dia tudo o que o seu pai possui: o castelo, os cavalos, as quintas, as ovelhas, o ouro, o grão, os celeiros. Todas as coisas amansadas que o seu pai possui passarão para o seu serviço. Pelos cálculos do Povo, William será um homem rico. E os homens ricos são cortejados aonde quer que vão, por damas nobres e por raparigas da vila; por vilãs e cortesãs. Um dia, vai enamorar-se, e com essa donzela se casará. E os seus nomes serão pronunciados em voz alta na igreja, e casados um com o outro. E ela vai usar um véu de musselina, e ele usará uma grinalda. E ele vai dar-lhe um anel de ouro, para a unir a ele para sempre. E ele nunca será meu, nem uma vez, nem me olhará com amor nos olhos, pois quem poderia amar uma rapariga morena que nunca se deixa ficar na sua própria pele?

Quem me dera ter guardado a pedra furada. Uma pedra dessas é um potente feitiço, e olhando pelo buraco no seu centro à luz de uma vela de sebo pode ver-se até ao oceano – até mesmo, talvez, para lá de muros de castelos. Se eu tivesse ficado com a pedra furada, poderia vê-lo dormir. Vê-lo-ia para onde quer que fosse, até por fim me cansar desse jogo. Mas o feitiço está perdido, embora se mantenha forte, e só posso ter a esperança

de esquecer o jovem com o casaco verde de maio, que me coroou com rosas silvestres...

# Quatro

Hoje, sou um rouxinol à janela do teu quarto. O meu canto é mais doce do que mel, e mesmo assim não me ouves. Em vez disso, sentas-te no teu quarto e lês um livro encadernado com pele vermelha, e por vezes suspiras e olhas lá para fora, mas não me vês, nem sabes como te espio avidamente do meu poleiro de pedra.

Há um raminho de espinheiro branco ao lado da tua cama. *Má sorte para quem dorme deitado junto ao maio*. Esta noite vou entrar na pele de um rato, de uma ratazana ou de um gato doméstico, e meter-me à socapa no teu quarto. Aí, pegarei no raminho da má sorte e deixarei uma rosa silvestre no seu lugar – uma rosa silvestre como as que puseste no meu cabelo. Uma rosa silvestre cor-de-rosa, ainda fresca com o orvalho e tenra como a manhã. E depois, talvez penses em mim e saibas que ainda penso em ti.

Uma gata mia no escuro. Eu não escolheria viajar com ela. Os gatos domésticos são, no melhor dos casos, só meio bravios; bajulam e ronronam para caírem nas boas graças. Mas ninguém questiona uma gata doméstica ou a impede de ir e vir. Porque suspiras, doce William? Porque estás tão inquieto? Arranho a tua porta; tu deixas-me entrar. Meneio-me e ronrono ao toque da tua mão.

– Bichaninha, bichaninha – dizes tu. É quase um nome. Que coisa estranha deve ser, ter nome. Que coisa estranha e terrível. Nenhum homem jamais me dará nome, nem como gata nem como eu própria. E William sente-se atraído por coisas bravias, ou nunca teria olhado para mim.

– Bichaninha, bichaninha. – Dou um salto gigante para a coberta de seda. A tua cama é tão grande como a minha cabana, toda rodeada por cortinas de um pesado brocado. As minhas garras ficam embainhadas em ouro e seda. Há um bom lume na lareira. O meu pelo parece incendiado com pirilampos.

Sentes-te só, William? Deixa-me dormir ao teu lado. Serei a tua companheira esta noite. Velarei o teu sono. Nem rato nem ratazana se atreverão a mostrar os seus bigodes à tua porta. Dormirei em cima da tua almofada, e ronronarei, até que sejas meu para sempre.

Então, é *esta* a sensação que deve dar. Ser uma coisa com nome; uma coisa amansada; um animal doméstico. É claro que é uma tolice e um

absurdo, mas é bom estar aqui ao teu lado, com a tua mão a fazer-me festas delicadas no pelo. Só por hoje, sabe bem ser amansada, e, além disso, quem mais a não ser eu precisa de saber? Durmo, e ao teu lado sonho com coisas que nunca soube que queria, e antes do amanhecer esgueiro-me e volto a meter-me na minha pele, porque viajar para demasiado longe pode ser perigoso, e talvez nunca mais nos reencontremos se ficarmos ausentes demasiado tempo. Enfio-me na minha pele e, deitada na minha cama de fetos, penso em William, e sorrio, e olho para cima, para a lua minguante na tapeçaria do céu.

# Cinco

Hoje, sou uma cabra-montesa castanha na encosta escarpada da montanha. Lá em baixo na vila vejo o pastor com o seu rebanho na colina; o lavrador com o seu arado puxado a cavalo. Junto à igreja, há um casamento, com bolo de noiva e grinaldas. *Quem em maio casar sentirá pesar.* No entanto, a noiva parece bem feliz, com o seu véu como a rede de um apicultor. Ambos são guardiães da colmeia. Ambos terão o seu mel.

Passei todas as noites desta semana a dormir ao lado da cama de William. Em vez de ir à caça com a coruja ou de correr com a raposa, tenho sido uma gata malhada, a ronronar, brincalhona e contente, a ver William dormir, sentada no seu regaço quando ele está a ler, aceitando pedacinhos de comida da sua mão. E agora sei que este sentimento não é uma maldição, um feitiço ou um sonho. É tão real como o céu estrelado e o sangue quente da ratazana que apanhei ontem à noite nas cozinhas do castelo. Este sentimento, ao mesmo tempo tão forte e tão doce; tão real e, no entanto, insubstancial. Fui avisada contra ele, mas não parece tão perigoso assim. E, além disso, o meu William não é nada como os outros jovens do Povo. William é bondoso, gentil, apaixonado e atencioso. O lugar de William não é atrás de muros de pedra e ameias. E William está só, e bravio, e anseia por alguém de quem gostar.

Enquanto corto a urze, um falcão chama do céu aberto: *Afasta-te. Afasta-te!* A intenção é que seja um aviso. As gentes viajantes rapidamente ficam a par de quaisquer violações das nossas leis. A minha não é crime – ainda não – mas é causa para preocupação. *Afasta-te,* guincha o falcão. *Afasta-te de William MacCormac*.

Tenho ouvido este aviso muitas vezes ao longo dos últimos dias. Chega-me das ovelhas nos montes; da lebre na erva alta; até mesmo das abelhas silvestres na floresta. *Abelhas, abelhas, a vossa mestra morreu. Trabalhareis para a nova?*

Sacudo os chifres ao falcão. Não tenho necessidade do seu aviso. Irei ao castelo quando me aprouver e nenhum William me apanhará na armadilha. Entrarei na pele de uma gata e dormirei na almofada dele durante toda a noite. Não porque ele seja o meu amado, mas porque faço o que me apetece

e ninguém me diz o que fazer. E talvez por causa daquela lareira quente e da colcha, toda seda e ouro, e do odor dele, e das mãos dele no meu pelo, e da sua voz como veludo de veado...

Alto nos penedos, é a vez de um bando de corvos me fazer o aviso. *Cuidado!* Mas eu já estou de partida, e entro primeiro na pele de uma raposa e a seguir na de uma toutinegra e depois na de uma gata que ronrona enquanto cá fora, na noite, a coruja grita – *Tonta! Tonta domada pelo amor!* – e os ratos, cada vez mais gordos e afoitos, dançam à luz da chama que morre.

# Junho

## O Mês da Rosa

†

*O verão chegou*
*Canta alto o cuco*
*A semente cresce*
*e o prado está em flor*
*e o bosque verdejante*
*agora*
*Canta o cuco...*

Canção do cuco, século XIII



# Um

Hoje sou uma cotovia, a voar alto entre as nuvens, a arremessar a minha canção contra os cumes dos montes, a dançar com os arcos-íris. Quem poderia saber que seria assim o amor? Porque é que ninguém me disse?

Ontem à noite fui uma gata malhada, tal como em todas as noites da semana passada. Dormi na almofada de William e ronronei e vi-o dormir. Mas já não me sentia satisfeita. Queria mais do que isso. E porque não? Porque só a mim me seria negado algo que qualquer rapariga da vila pode conhecer? A nossa gente tem tantos poderes. Porque é que o amor haveria de ser proibido? E, por fim, cheguei até ao meu amado, não como raposa ou rouxinol, mas como eu própria, na minha pele, quente e morena e nua. Ele abriu os olhos e fitou-me. Os seus olhos eram o verão num vidro.

– Como podes estar aqui? – perguntou. – És uma fada, ou um sonho?

Abanei a cabeça.

– Tenho sonhado contigo – disse ele – desde o dia em que te vi. Saíste de entre as árvores como uma corça da floresta. E depois desapareceste tão de súbito como chegaste, e pensei que enlouquecia de tanto te desejar.

– Nunca cheguei a desaparecer – disse eu. – Estive aqui todo o tempo.

E depois invadiu-me um ardor, não como corça ou loba ou lince, mas – e pela primeira vez – como mulher.

*Então, isto é o amor*, disse para comigo quando, eu escura como uma baga e ele pálido como uma pétala, nos deitámos juntos flanco contra flanco. E com as suas mãos e com a sua boca ele fez-me cantar como um rouxinol e subir às alturas como uma águia e uivar como um lobo e gritar e bufar como um gato-montês.

– Quem és tu? – perguntou ele, quando por fim ficámos esgotados. – Diz-me o teu nome, pelo menos, para eu poder escrevê-lo no meu coração.

Sorri, e não respondi.

– Mas como te encontro outra vez? – perguntou ele. – Porque tenho de te ver outra vez, ou morro.

– Eu estarei aqui – respondi-lhe – enquanto houver peixes no mar e estrelas no céu e aves no ar e sonhos nos corações do Povo.

Ele disse: – Isso não é tempo suficiente. – E depois beijou-me e eu subi

às alturas como uma cotovia e desci a rir e cheia de amor, e jurei que seria sua para sempre.



# Dois

Hoje tenho de ir apanhar lenha e arranjar mantimentos. Há três dias que a minha cabana está vazia. Há três dias que a minha fogueira está fria e as minhas armadilhas de canas não são verificadas. Sei tudo isto porque viajei numa corça hoje de manhã e vi as coisas coloridas junto à minha porta a brilharem à luz do sol e o corvo de cabeça branca empoleirado junto à porta, e ouvi o seu aviso numa voz ríspida. E esta manhã um grande cão preto veio sentar-se à beira da minha cama e, quando o olhei nos olhos, rosnou e disse: *Vem para casa. Vem para casa.*

Mas William não quer que eu vá. – Que me importa a tua cabana? – diz ele. – Que me importam as tuas armadilhas de canas? O meu lar é um castelo. Tu és a sua rainha. Comerás galinha-pintada, e morangos da minha estufa. Beberás os mais finos vinhos e provarás os pastéis mais delicados.

Tento explicar-lhe que a minha gente tem hábitos diferentes dos do Povo – mais bravios. Fazemos a nossa cama no tojo e viajamos com as estações. Não temos casa, nem família, nem sequer um nome para nos prender.

– Então, toma o *meu* nome – diz William. – A minha casa é orgulhosa e nobre. Partilharei contigo o meu nome se tu ficares comigo. O meu pai é um homem rico, que foi combater numa guerra estrangeira. Quando ele morrer... o que poderá acontecer em breve... herdarei a sua fortuna. Tu terás ouro e sedas e peles. Terás cavalos e servos. Terás tudo o que desejas, se ficares comigo.

Não tenho necessidade de sedas e de peles. Não tenho necessidade de servos. Tenho a seda da asa da libélula, o casaco de neve da lebre no inverno. Tenho o ouro do sol da manhã, as cores da aurora boreal. E posso entrar na pele de um cavalo e atravessar os pantanais a galope ou viajar com os gansos selvagens quando eles voam em direção ao sol...

Mas não posso dizer nada disto ao meu amado, que me olha com tanta ternura. E, assim, prometo ficar, e ele ri-se e puxa-me para a cama mais uma vez e corre os cortinados à nossa volta, como a tenda de um chefe nómada, e diz-me que sou a sua morena bonita e que preferia morrer do que ver-se separado de mim.

# Três

– Tu és a minha bela morena – diz ele. É a primeira vez que alguém me chama bela. A minha gente não é bela, não no sentido em que o Povo compreende a beleza. Não nos agradam artifícios. Não tentamos transformar-nos naquilo que não devíamos ser.

Não são para nós os óleos perfumados, as sobrancelhas arranjadas, o cabelo alisado. Não são para nós as pernas depiladas, o espartilho, o pente e o espelho. Não são para nós os ganchos de cabelo, o pó de arroz e o boião de *rouge*. Pelo meu William, eu tentaria. Fingiria ser amansada, se isso significasse que poderia assim manter-me ao seu lado. Mas o meu cabelo é um emaranhado, como arbustos de amoras, impossível de pentear. Os meus olhos são pretos, as minhas sobrancelhas são grossas, o meu corpo é forte e robusto. E William adora a fina seda preta que me reveste as pernas e os sovacos, e os meus seios redondos, e a curva suave e larga da minha anca, e não quer ver-me mudar uma só coisa.

Só que aqui, no seu castelo, para ser vista pela sua gente sem causar escândalo, preciso de usar roupa adequada e tomar banho e aprender a ler as letras e pentear o meu cabelo da mesma maneira daquelas raparigas da vila que tanto desprezo.

– Quando o meu pai regressar das guerras – diz William –, quero que te estime tanto como eu.

– E tu estimavas-me mais – pergunto eu – vestida de veludo em vez de com peles de lobo?

– Com veludo ou peles de lobo, tecido grosseiro ou seda, serás sempre a minha amada. Mas a minha gente tem de te respeitar. Quero que te chamem Minha Senhora. Quero que te sirvam como me servem a mim. E, além disso – diz ele, tomando-me nos braços –, imagina só como ficarás tão mais bela com um vestido de seda, com pérolas no pescoço e chinelos de cetim nos pés?

E por isso aceitei, para lhe agradar. Afinal, que mal pode fazer fingir? Quando viajo como falcão faço-o com plumagem de empréstimo. Em que é isso diferente? E quando tiro as minhas roupas de empréstimo e me deito com ele, serei sempre a sua bravia morena da floresta.

Ele arranjou-me uma aia da vila. A aia chama-se Fiona. É uma rapariga da cor da rosa, da prímula, do ranúnculo, sem nada de bravio. Ele trouxe-a para aqui para me servir, para dispor as minhas roupas e me escovar o cabelo, mas vejo a expressão dos olhos dela, e sei que me despreza. E por vezes surpreendo-a a olhar para ele, e sei que está a pensar: *O que é que ele vê numa rapariga morena sem nome? Como é que ela o enfeitiçou?*

Mas William não vê isso. Diz: – A Fiona é uma boa rapariga. Vai ensinar-te tudo aquilo de que precisas.

Aquilo enfurece-me. Como é que ele acredita que aquela rapariga poderia ensinar-me alguma coisa? Fiona sabe apanhar um salmão só com as mãos? Sabe como voar com a cotovia ou trepar ao ninho da águia? Sabe como fazer um feitiço mais negro do que a noite mais escura, para roubar a alma do seu inimigo?

Ele vê a expressão dos meus olhos e diz: – Pobre Fiona. Com certeza não tens ciúmes dela?

Viro-me e recuso-me a falar.

– Daquela tontinha? Daquela pateta com cara de pastelão? – diz ele. – Daquela garota cheia de suspiros e ademanes, que não merece sequer beijar os pés da minha dama?

Rio-me daquele absurdo. O povo bravio não inveja o amansado. Sinto vergonha por William me julgar capaz de tais pensamentos, e tomo-o nos braços, e rio-me e digo-lhe o quanto o amo. E, assim, Fiona está comigo agora, todas as horas de todos os dias. Acorda-me de manhã com uma chávena de chocolate. Vai buscar água para o meu banho e perfuma-a com óleo de rosas e lavanda. Traz-me livros da biblioteca do castelo e ajuda-me a decifrar as palavras. Traz-me roupas e joias que pertenciam à falecida mãe de William. Uso um vestido de veludo carmesim, com saiotes de seda escarlate, e trago o cabelo preso numa rede enfeitada com joias e os pés encafuados em sapatos de salto alto. Há anéis nos meus dedos e pulseiras ao longo dos meus braços. Dessa maneira, diz-me William, posso viver no palácio sem atrair suspeitas. Dessa maneira, pareço uma dama, diz ele, não uma rapariga morena dos bosques.

– Mas eu *sou* uma rapariga morena dos bosques – digo, rindo apesar do meu desconforto.

Contudo, o meu William não se ri. Em vez disso, parece muito sério. Tenho de fazer um esforço, diz ele. Os servos estão dependentes do seu pai. *Ele* é que é o senhor do castelo, e eles transmitir-lhe-ão quaisquer novidades. É por isso que tenho de me vestir como uma dama e ter uma aia comigo e aprender a ler e a usar garfo e a não correr nem gritar nem rir.

– Se realmente tu me amasses – diz ele –, farias tudo isto por mim. Em vez disso, tratas tudo como se fosse uma brincadeira. Compreende que, se o meu pai não aprovar a minha amada, deserda-me sem um tostão. É isso que queres?

– É claro que não – respondo. No entanto, dói-me o coração. Porque lhe importam tanto estas coisas? Muros do castelo e servos e ouro não são nada quando comparados com a nossa liberdade. Podíamos ter as charnecas e os lagos e os céus abertos e as montanhas. Podíamos viver na floresta, sós, e ser tudo um para o outro. Mas William, sei-o, sentiria a falta do conforto do seu lar e da sua lareira e da sua cama com a colcha sedosa. E fá-lo tão feliz ter-me aqui. Não posso ser ingrata.

No entanto, apesar de toda a obediência dos servos e de me chamarem *Minha Senhora*, sei que me desprezam. Vejo-os a olhar para mim, e uma vez entrei na pele de uma ratazana que vive num buraco junto à porta da despensa e ouvi um dos cozinheiros falar de mim com o Mestre dos Vinhos.

– Ela não passa de uma rameira – disse o cozinheiro –, apesar de todas as suas finas roupagens e de todos os seus adornos.

– Ouvi dizer que é bruxa – respondeu o Mestre dos Vinhos com um sorriso brejeiro. – De que outro modo poderia alguém como ela cravar as garras no jovem Amo William?

– O jovem Amo William – disse o cozinheiro – mal tem dezanove primaveras feitas. Um rapaz deve entregar-se aos prazeres da mocidade, mas não no castelo do seu pai.

– Ouvi dizer que tenciona fazê-la sua noiva – disse o Mestre dos Vinhos.

O cozinheiro abanou a cabeça. – Fantasias de rapaz. Mal o nosso amo volte para casa, tome nota do que lhe digo, o embrulho é despachado daqui para fora.

Aquilo enfureceu-me, e fugi da ratazana para uma loba, e encontrei um redil de ovelhas no vale e rasguei os seus pescoços brancos um a um, mas não me senti aliviada, embora ficasse com o pelo ensopado e carmesim com o seu sangue inocente, e quando regressei a mim, dei com a aia Fiona a observar-me com uma expressão curiosa no rosto, como se soubesse mais do que tencionava dizer.

Por esse motivo, depois daquilo passei a ter o cuidado de não viajar, a não ser à noite. Custava-me muito. Sinto a falta de ser livre. Mas posso suportá-la, por William. Desistiria de tudo por ele, como sei que ele faria por mim se eu lho pedisse. E quando o mês da rosa atinge o seu auge e o solstício de verão se aproxima, sei que o nosso júbilo não parará de crescer e encherá a terra com rosas.

# Quatro

Hoje é Dia do Solstício de Verão, o dia em que as gentes viajantes se juntam para celebrar o mês verde: não como coisas com asas e pintalgadas, mas como nós mesmos, todos morenos e bravios, a vendermos as nossas mercadorias na Feira do Verão.

No Dia da Feira do Verão haverá mel e fitas e frutos na praça da cidade. Haverá cestos e gaiolas de pássaros. Haverá poções e fórmulas mágicas e feitiços para atrair o verdadeiro amor. Haverá baile no largo e até mesmo o Povo da vila virá, com receio e com ânsia – para comprar, mirar, invejar, desprezar – ao ajuntamento das gentes viajantes.

Nunca faltei a uma feira. Mas desta vez receio ir. As mensagens da coruja, do corvo, do falcão e do cão preto foram substituídas por um silêncio mais agourento do que os seus avisos. Não consigo fazer-lhes compreender o quanto o meu William significa para mim. Mas William quer ir à feira. Quer mostrar à sua rapariga morena a cidade, com os seus belos edifícios e torres de pedra. E a aia Fiona falou-lhe de todas as coisas que se podem comprar, e ele prometeu-me um presente, um presente especial do mercado.

– Mas eu já tenho joias e vestidos, e sapatos e pentes, e livros ilustrados. De que mais preciso?

William sorri-me. Essas coisas pertenciam à sua mãe, diz. Ele tem tão pouco de seu. Até atingir a maioridade, só dispõe de uma pequena renda. No entanto, quer comprar-me um presente, um presente para me mostrar o seu amor.

– Quando atingir a maioridade – diz ele –, vou ser um homem rico. Comprar-te-ei uma ave canora numa gaiola de marfim. Comprar-te-ei um enxame de abelhas numa fortaleza de favos de mel. Comprar-te-ei um anel de ouro para usares no dedo.

Um anel de ouro, para mostrar ao mundo que ele é meu e eu sou dele. Bem podem falar o cozinheiro do castelo e o Mestre dos Vinhos. *Noiva de junho é impetuosa e generosa*, diz o Povo. Serei uma noiva de junho e dançarei no largo com o meu véu do casamento e atirarei pétalas de rosa e bolinhos de noiva às crianças na multidão. E todas as raparigas da vila se

perguntarão porque é que, de todas as raparigas que ele poderia ter escolhido, foi a bravia que escolheu.

E por isso pego na mão do meu William e sorrio e digo: – É claro, meu amor – porque quero agradar-lhe, mas também porque quero que *elas* vejam como somos felizes juntos, eu com o meu vestido de veludo vermelho, ele com o seu casaco azul de céu de verão, a caminharmos, graciosos, de mão dada, como o Rei e a Rainha do largo em Festa.

O cão preto observa em silêncio. O falcão ergue-se no ar sem uma palavra. E William manda chamar a carruagem puxada a quatro cavalos e o seu escudeiro (e a aia Fiona, claro) e juntos vamos à feira. E no caminho eu canto para mim uma cançoneta das gentes viajantes.

*Canta uma canção de luz das estrelas,*
*Um bolso cheio de corvos.*
*Vê a bela morena*
*Com vestes emprestadas.*
*Vê-a numa raposa,*
*Vê-a numa lebre,*
*Vê-a nos braços do seu verdadeiro amor, na doce feira do verão.*

# Cinco

A cidade fica a cinco léguas: duas horas a trote acelerado. O dia está quente e sinto-me a transpirar no meu vestido de veludo. Oh, poder ser corça hoje, nas clareiras frescas da floresta. Ou uma lontra junto ao lago, ou um salmão no ribeiro. Mas não me atrevo a viajar aqui, não com William ao meu lado e a aia Fiona a observar todos os meus gestos.

E, por isso, olho para os campos e finjo escutar quando William me fala sobre a cidade – uma cidade que conheço tão bem como ele, porque a vi muitas vezes como ave ou cão ou cavalo, embora não possa dizer-lhe isso por recear trair a minha gente. Talvez lho conte quando formos casados. As pessoas casadas partilham tudo.

Por fim, chegamos ao largo da feira. Uma praça empedrada, com uma fonte à volta da qual centenas de feirantes competem uns com os outros pelos clientes. Conheço a minha gente de vista, claro. Há uma a vender corvos: vive a maior parte da sua vida entre as aves e mesmo agora parece mais uma ave negra do que uma mulher, a não ser o clarão branco no seu cabelo. Há uma a vender amuletos e talismãs – um cacho de sinos para afastar as fadas; a caveira de uma ave num galho de salgueiro para curar um bispo da varíola; um frasco de água de arco-íris para curar um avarento da sua avareza. E há outra – velha como a Velhice, com a pele tão dura e castanha e enrugada como um espinheiro antigo – a vender fiadas de contas coloridas: turquesa, berilo, ametista; quartzo e pérola e rubi.

William para junto à banca da velha. – Quanto queres por estas?

Os olhos dela são tão brilhantes como o lago e igualmente frios. – A esta jovem dama não cobro nada – diz ela. – Porque o que damos de graça no Dia do Verão ser-nos-á devolvido cem vezes. – E estende a sua mão deformada e mostra um colar de contas de olho-de-tigre, castanhas e douradas à luz do sol.

– Usa isto, minha beleza – segreda ela enquanto me aperta o colar à volta do pescoço. – O ouro nos teus olhos é de longe mais verdadeiro do que o ouro que ele te prometeu.

Agradeço-lhe, embora as suas palavras me tenham perturbado. Está a sugerir que ele poderia ser falso? Eu conheço-o bem. O meu amado é

verdadeiro. A velha quer assustar-me, mas não lhe darei ouvidos. Em vez disso, rio-me um pouco alto de mais, finjo olhar para uns rolos de seda e puxo o colar de olho-de-tigre, que me dá a sensação de estar a sufocar-me, e depois rio-me outra vez, pego na mão de William e tento não ver os bravios rostos escuros que me observam de todas as bancas, os bravios olhos escuros iluminados com desprezo...

Fazemos a viagem de regresso em silêncio. William conduz. Também Fiona tem um colar. O dela é de cristais de quartzo, tão branco como uma fiada de campainhas brancas. William comprou-lho, diz, como um presente para lhe agradecer por nos ter acompanhado até tão longe. Isso não me perturba. O colar é uma coisa barata, tão descolorida como a própria Fiona. No entanto, não me agrada a maneira como ela sorri para si própria ao tocar nas contas, encostando os dedos contra o peito como se recordasse algum toque. Não me agrada a maneira como olha William de olhos baixos. Não me agrada o seu cabelo da cor da prímula, que me recorda a rapariga da vila que pendurou o feitiço na árvore encantada...

Poderia ter sido Fiona? Não cheguei a ver o rosto da outra rapariga. *Ela* poderia ter bordado o feitiço de seda e tê-lo passado pelo buraco da pedra furada e tê-lo pendurado na árvore encantada. Suspeitará que lhe roubei o feitiço? Poderá ser por esse motivo que me odeia?

Bem, se sim, que interessa? O meu amado comprometeu-se comigo. Conheço o seu coração, assim como ele conhece o meu. Não tenho necessidade de nenhum feitiço para o capturar; de nenhuma pedra furada para o observar. William ser-me-á verdadeiro. Aconteça o que acontecer – será verdadeiro.



# Julho

## O Mês do Feno

†

*Um enxame de abelhas*
*em maio*
*Vale uma carga de feno,*
*Um enxame de abelhas*
*em junho*
*Vale uma colher de prata,*
*Um enxame de abelhas*
*em julho*
*Não vale uma mosca.*

Provérbio do século XVII



# Um

Amarrarei o meu amado com seda, tão vermelha como as rosas do verão. Amarrá-lo-ei com runas, tão secretas como os sonhos do Povo. Amarrá-lo-ei com espinheiro branco e arruda e rosmaninho e folha de hera e madressilva, e atarei tudo num feitiço para manter fiel o meu amado.

Não que duvide do meu William. O nosso amor é como as montanhas. O nosso amor é como o mar encapelado. O nosso amor é como o céu da meia-noite. Mas as palavras da velha continuam a perturbar-me, e sinto falta da minha liberdade. Ontem à noite, entrei na pele de uma coruja e cacei ratos no fosso seco do castelo. Não me atrevo a viajar para muito longe daqui, para o caso de ser descoberta. Mas sinto a falta dos cumes dos montes e do lago frio e preto e da floresta e das ilhas. Sinto a falta do céu aberto e do sol e da canção da manhã na minha garganta.

E William continua a não compreender porque não posso dizer-lhe o meu nome. – Deves ter um nome – diz ele um dia. – Todas as criaturas de Deus têm um nome.

Mas eu *não* sou uma das suas criaturas. A minha gente é mais antiga do que o teu Deus. A minha gente já cá estava quando estas montanhas eram gelo e estes vales não eram mais do que riachos a correrem do glaciar. Eu já fui todas as aves, todas as bestas, todos os insetos que tu podes nomear. E por isso não tenho um nome meu e não posso ser amansada ou mandada. Contudo, não posso dizer nada disto a William, que me olha com tanta intensidade.

– Tu chamas-me a tua bela morena. Não preciso de nenhum outro nome – digo.

– E o meu pai vai chamar-te assim, quando regressar a casa das guerras? E no nosso casamento o padre terá de dizer: *Uno-vos em matrimónio, William John Makepeace MacCormac e... uma bela morena?*

*A noiva de julho é formosa, mas ríspida e impetuosa.* Não quero ser ríspida, mas o que posso dizer-lhe, quando me provoca e pressiona assim?

– Não tenho nome – digo. – A minha gente não tem necessidade de nomes.

Mas desta vez William não desiste. – O teu nome é Amanda? – pergunta.

– Amanda é *Amada*. Ou Ailsa, *Nobre Donzela*? Ou Morag, que significa *Princesa*?

– E Fiona? – Matreiramente: – O que é que significa?

– Significa *Dama Branca*.

Já devia sabê-lo. *A noiva de julho é formosa, mas ríspida e impetuosa.* Viro-lhe as costas para ele não poder ver-me franzir a testa escura.

Ele ri-se e toma-me nos braços. – Com certeza não tens ciúmes da pobre Fiona? – pergunta. – O sol inveja o dente-de-leão? A estrela inveja o pirilampo?

Abano a cabeça.

Ele ri-se outra vez. – Mas eu não posso casar-me com uma rapariga sem nome. Vou chamar-te Malmuira, *Dama Escura das Montanhas*. Assim te nomeio, minha rapariga morena. Assim me pertences. – E em seguida beija-me e ri-se, sem saber que com uma palavra me amarrou mais fortemente do que com qualquer feitiço das Fadas.

# Dois

Amarrarei o meu amado com sal e chumbo e poejo. Amarrá-lo-ei com seda de aranha e menta e esporas-bravas e com o som de uma borboleta contra uma vidraça à noite e com o sabor de uma recordação que azedou e se esfumou.

*Uma coisa nomeada é uma coisa amansada.* Assim diz a sabedoria da minha gente. Uma coisa nomeada trata da lareira, do lar. Uma coisa nomeada tem amo. E agora, pela primeira vez, eu tenho um nome. Malmuira. *Dama Escura*. Uso-o como uma coroa dourada. Uso-o como uma coleira.

Esta noite sinto-me desassossegada. Apetece-me correr. Apetece-me voar e caçar e nadar. Entrarei na pele de uma garça e voarei sobre os pântanos. Entrarei na pele de um urso e pescarei salmões no lago. Entrarei na pele de uma raposa...

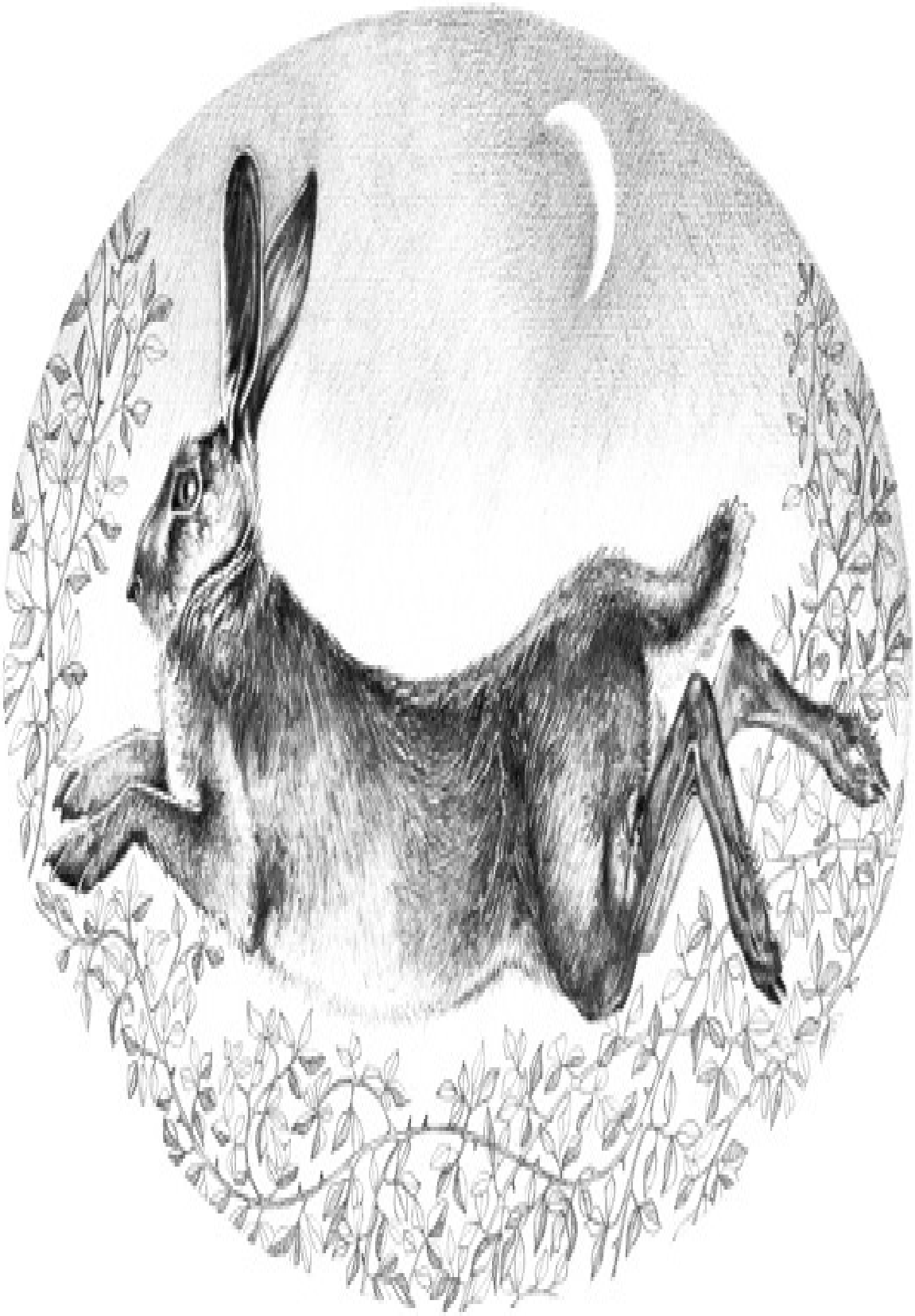
Mas não consigo libertar a minha mente. A garça afasta-se a voar sem mim. O urso caça a montante do rio, abanando a cabeça. A raposa saqueia o galinheiro e atravessa os prados sem mim. Sinto a cabeça em fogo. Que doença é esta? A aia Fiona traz-me uma bebida. Mas eu quero ficar só para deixar esta pele e me libertar de mim mesma. Talvez esteja a exceder as minhas habilidades. Um gato doméstico, então, ou um rato ou um morcego. Farei o ninho no beiral. Atravessarei a correr os átrios de pedra. Sentirei o ar límpido da noite e olharei para as estrelas nuas...

Mesmo assim, não consigo libertar-me. O meu vestido, com o seu corpete, dá-me a sensação de ser uma gaiola. A rede de prata à volta do meu cabelo dá-me a sensação de ser uma rede de pesca com pesos de chumbo. O colar de olho-de-tigre à volta do meu pescoço tornou-se um freio de pedras quentes. Quero arrancar-me a tudo, libertar-me, mas não consigo. Tenho um nome. Ele amarra-me. Já não sou filha do mundo, já não pertenço às gentes viajantes, sou uma coisa nomeada. Uma rapariga chamada Malmuira.

Durante algum tempo, não consigo pensar. Sou uma ave selvagem presa numa armadilha. Sou uma raposa numa armadilha de aço. Quero gritar, morder, fugir. Mas só consigo ficar sentada em silêncio, junto à janela, e fitar o céu. O meu William chama-me para o jantar. Haverá uma ave assada

e alcachofras e muitos vinhos. Haverá uma tarte de maçã e confeitos e cerejas e pêssegos. Usarei um vestido de seda amarela, e anéis de ouro nos dedos, e os servos farão profundas vénias e chamar-me-ão *Minha Senhora*, com aquele sorriso trocista que escondem por trás das mãos, e pensarão: *É esse o vosso nome, Minha Senhora? Pode realmente ser esse o vosso nome?*

Digo a William que não tenho fome. Não irei jantar. Ele parece ficar desagradado, mas não diz nada, e vai jantar sem mim. Quem me dera poder contar-lhe como me sinto. Mas isso implicaria revelar segredos que não são meus para partilhar. Não posso trair o meu coração, o meu sangue. As gentes viajantes podem ter-me renegado, mas continuam a ser o meu povo.



# Três

Ontem à noite choveu, e o som da chuva era como um ribeiro com a garganta cheia de pedras. E no meu sonho lembrei-me da pedra furada que deitara fora e tentei encontrá-la no ribeiro para poder ver William. Mas o ribeiro estava cheio de pedaços de vidro, que me cortaram as mãos e as fizeram sangrar, e daí a nada a água era só sangue, escuro e quente e carmesim...

Acordei do meu sono conturbado com o som de vozes. William não estava ao meu lado. Levantei-me e fui abrir a porta. Havia uma luz no corredor. Vi um homem com roupas de viagem e uma lanterna nas mãos, e William de costas para mim. A aia Fiona estava ao seu lado, trajando um vestido de cambraia cinzenta, o cabelo solto a cair-lhe sobre as costas, e senti uma pequena facada aguda ao ver como ela olhava para ele por entre as suas pestanas.

– O que está a acontecer? – perguntei.

William lançou-me um olhar. Talvez tenha sido da luz, mas, por um instante, pensei que parecia irritado. Não comigo. Nunca comigo. Mas devia ter acontecido algo.

William não me falou e fez-me um gesto para que eu voltasse para dentro. Eu estava descalça, de camisa de noite. Tinha o cabelo despenteado. Compreendi. Voltei para dentro do quarto e esperei que William viesse. Mas passaram-se horas e ele não veio, embora eu ouvisse a sua voz lá fora e o som de cavalos no terreiro. Tinha chegado alguém. Ouvi pelo menos uma dúzia de cavalos.

Normalmente, entraria na pele de uma ave para ver o que se passava. Mas não podia. Nem podia entrar na pele de uma ratazana e escutar de dentro das paredes. E por isso aguardei até ao amanhecer, quando Fiona viria vestir-me e trazer-me a minha bebida de chocolate e a água quente para as minhas abluções.

Mas esta manhã não houve água quente. Nem bebida de chocolate, na sua pequena chávena de porcelana com um bolo de mel ao lado ou uma bolacha de manteiga. Em vez disso, a aia Fiona trouxe-me um singelo vestido verde de cambraia e um prato de papas de aveia, e escovou-me o

cabelo só o suficiente para o prender debaixo de uma singela touca branca, e durante todo o tempo olhou-me por baixo daquelas suas pestanas longas como se a dizer: *Conheço as da tua laia. Não és dos nossos. O Amo talvez não o saiba, mas eu sim.*

Não fiz perguntas sobre o vestido nem sobre a bebida de chocolate que não me trouxera. Não disse nada enquanto lavava o rosto e as mãos em água fria. A aia Fiona deixou-se ficar sentada a olhar para mim e não se ofereceu para me ajudar. E então, quando estendi a mão para as pulseiras e os anéis que tirara para dormir, ela disse-me na sua voz de leite aguado:

– O Amo deseja que eu leve esses de volta. Eram da Minha Senhora, e não deviam ter deixado os seus aposentos.

Fiquei surpreendida, mas não disse nada. Em vez disso, pus o meu colar de olho-de-tigre e desejei poder ser um tigre. Se fosse um tigre, rasgaria os pescoços das raparigas de vila; de raparigas de barba de milho, natas e pelo branco. Rasgaria os seus alvos pescoços e dançaria à chuva com uma capa do seu sangue. É claro que não posso fazer essas coisas. Mas posso usar as minhas contas de olho-de-tigre ao pescoço, que o meu William me deu, e sorrir, embora o meu coração seja chumbo e não me apeteça sorrir. O meu William virá a mim não tarda nada. O meu William vai explicar tudo isto.

Fiona saiu, com aquele seu ar de gata com o focinho na bilha do leite. Atirei as papas frias de aveia para o chão e tentei ler o livro de histórias que estava em cima da mesa. Era sobre um P-R-Í-N-C-I-P-E formoso que se apaixona por uma P-R-I-N-C-E-S-A. Mas ela foi amaldiçoada por uma B-R-U-X-A M-Á e é obrigada a esfregar o chão das cozinhas do seu pai. O estúpido do príncipe não a reconhece quando vai à procura dela. Mas uma F-A-D-A B-O-A, comovida pelo caso da princesa, concede-lhe três desejos. Ela pede um fino vestido de seda e sapatos para o baile e um coche puxado por quatro cavalos brancos, tudo para que o príncipe repare nela. E o certo é que, agora que ela é bela, ele casa com ela e dá-lhe um véu e um anel de ouro para pôr no dedo para mostrar que lhe pertence, e, com a bênção do pai dele, vivem F-E-L-I-Z-E-S P-A-R-A S-E-M-P-R-E.

É uma história ridícula. O príncipe devia ter reconhecido a sua amada, usasse ela o que usasse. Mesmo vestida como ave ou ratazana ou cobra ou raposa ou doninha, o coração dele deveria ter-lhe dito que ela estava ali. E porque é que a princesa não disse nada quando o príncipe foi à procura dela? Porque é que se deixou ficar escondida nas cozinhas, à espera de que a salvassem? Porque é que não podia salvar-se a si mesma? E o que é que o pai do príncipe tem a ver com o que quer que seja? E porque é que uma das Fadas lhe concederia três desejos? E porque é que ela os desperdiçaria num

vestido, nuns sapatos para o baile e num coche puxado por quatro cavalos?

Talvez as ilustrações do livro lancem alguma luz sobre a história. Mas a princesa nas ilustrações parece tal e qual Fiona; uma rapariga da vila com cabelo de prímula e um rosto pálido, redondo, de leitaruga. O príncipe não é muito melhor. Mas a bruxa má é escura, toda vestida de farrapos e penas. A bruxa má tem cabelo preto desgrenhado e olhos tão negros como caldeirões.

Pergunto-me o que a rapariga da vila teria feito para ofender a bruxa má. Teria simplesmente olhado para ela com aquele ar matreiro e de desprezo, como se dissesse: *Conheço as da tua laia*? Ou teria sido algo ainda pior?

Olho-me ao espelho. Mesmo com o meu cabelo desgrenhado preso debaixo da pequena touca, continuo a parecer-me com a bruxa má. Tiro a touca e sacudo o meu cabelo. O colar de olho-de-tigre está a sufocar-me e gostaria de o tirar, mas foi um presente de William para mim, e por isso suporto o desconforto.

Mas seria *realmente* um presente de William? *O que damos de graça no Dia do Verão ser-nos-á devolvido cem vezes.* E agora recordo as palavras da velha ao prender-mo à volta do pescoço. *O ouro nos teus olhos é de longe mais verdadeiro do que o ouro que ele te prometeu...*

Já era meio-dia quando Fiona voltou. Viu o prato partido no chão e o livro ilustrado ao seu lado. Lançou-me um olhar – pela primeira vez olhos nos olhos, como uma igual. Os olhos dela são azuis, como miosótis, e mais atrevidos do que eu esperava. Reparei que estava a usar o colar que William comprou para lhe oferecer e apeteceu-me arrancar-lho do pescoço, espalhar as contas pelo chão, arranhar-lhe o rosto com as unhas. Fiona viu a expressão nos meus olhos e sorriu, como se dissesse: *Sei o que queres fazer. Mas não o farás, porque estás amansada.*

E depois ela disse, na sua voz débil: – O Amo envia os seus cumprimentos e pede-me que vos diga que tem importantes assuntos de família a que atender. Lamentavelmente, isso significa que não poderá continuar a estender a sua hospitalidade a pessoas de visita. Espera que compreendais, e deseja-vos uma agradável viagem de regresso a casa.

Fitei-a por um momento. – O William disse isso? – perguntei, esquecendo-me, com a raiva e o espanto, de dizer *Amo William*.

– Não o *jovem* Amo – respondeu ela. – Foi o *Amo* que me mandou dizer-vos.

– O Amo? – disse eu, sentindo-me uma tonta.

– Sim – respondeu ela, com um sorrisinho. – John MacCormac regressou a casa.

# Quatro

Fui a pé para casa pela estrada, evitando o caminho para a vila. Noutra ocasião, teria viajado como pega ou talvez como cabra montesa, ou teria atravessado o lago como pato bravo antes de ir ter com os veados na floresta. Mas desta vez teria de ir a pé e, embora levasse os meus sapatos de salto alto na mão, demorei a maior parte do resto do dia a regressar à minha cabana na floresta.

Já há muito tempo que não durmo na minha cama de fetos e lã. Há muito tempo que não uso o meu caldeirão para cozinhar ou seco a carne no fumo da fogueira. Uma parte do telhado da minha cabana caiu sob o peso de um ramo tombado. Um qualquer animal esteve dentro da minha casa. O meu cobertor está molhado e tem manchas de bolor. E as minhas coisas coloridas – as fitas e as contas – foram-me roubadas da porta. Talvez tenha sido uma pega, digo para comigo. Ou talvez só um corvo de cabeça branca.

Enquanto me afadigo a tornar a cabana habitável de novo, digo para comigo que William virá. Mal possa, virá até mim e ficaremos juntos outra vez. E não era isso o que eu queria? Estar com o meu amado na floresta, com as árvores como as paredes do nosso castelo e as estrelas por teto?

Tento manter-me alegre. Canto para comigo, mas, de algum modo, as palavras soam ocas.

*Canta uma canção de luz das estrelas,*
*Um bolso cheio de corvos.*
*Vê a bela morena*
*Com vestes emprestadas...*

O que estou a fazer aqui, William? A noite cai. É demasiado tarde para ir caçar. É demasiado tarde para ir apanhar brotos de fetos. Além disso, a época deles já passou: os fetos cresceram muito na minha ausência. Há quanto tempo foi? As campainhas estão secas; os rebentos de maio já lá vão. Por cima do lago, o céu de julho está todo incendiado, cor-de-rosa e ouro. Pergunto-me se William verá o mesmo céu dos seus aposentos no castelo. Como deve estar preocupado, penso. Como deve ansiar por estar

comigo. Mas o seu pai está agora em casa, e William tem de obedecer. Tenho de ser paciente. Não posso deixar que a minha fúria se solte. Depois de acabar de resolver os seus assuntos, talvez John MacCormac me receba. Receber-me-á e verá o quanto o meu William significa para mim. Por que outra razão ficaria eu ao seu lado e usaria vestidos finos para lhe agradar? Por que outra razão tomei um nome e abandonei o modo de vida das gentes viajantes?

E se ele *não* compreender...

Se ele não compreender, o meu amado virá viver comigo na floresta. Será difícil para ele ao princípio, mas não me disse uma centena de vezes? *Preferia viver numa cabana contigo do que num palácio sem ti. Preferia morrer a passar uma só noite longe de ti.*

Bem, talvez passemos uma noite apartados. Mas ninguém pode apartar-nos para sempre. Amanhã, vou reconstruir a minha cabana para a preparar para a tua chegada. Vou construí-la com carvalho verde e fazer-lhe um telhado com canas da beira-lago. Vou forrá-la com peles de coelho, musgo, fetos e urze. Vou pescar salmões e fumá-los, e apanhar ameixas verdes nos pomares, maçãs no adro da igreja e grãos de aveia da beira dos campos. Vou fazer-te um cobertor da mais macia lã de ovelha e tingi-lo com as cores do amor: carmesim, azul e púrpura. E, se o teu pai não ceder, viveremos na floresta sós e apanharemos bagas, e caçaremos veados e dormiremos durante as neves do inverno nos braços um do outro. E se eu nunca tiver um véu ou um anel de ouro no dedo, ter-te-ei a ti, meu amado, e isso me bastará. Dorme bem, meu amado, e sonha comigo. E sabe que, se eu vivesse mil anos, mesmo assim não haveria noites suficientes para sonhar contigo.

# Agosto

## O Mês das Colheitas

†

*O meu amado era tão*
*elevado e orgulhoso*
*A sua fortuna também tão*
*elevada,*
*Que por outra linda*
*donzela alva*
*Me deixou, assim*
*desprezada.*

The Child Ballads, 295



# Um

Já passou uma semana desde que parti, sem uma palavra de William. É claro, ele não sabe onde estou nem como me encontrar na floresta. Mas sei que me encontrará em breve. Como queria poder vê-lo. Como queria poder ir ter com ele, mesmo que fosse como gata doméstica. Mas não consigo entrar nem na pele da mais humilde criatura. Nem formiga nem rã nem besouro me concedem a passagem para dento da sua pele.

*Uma noiva de agosto tem bom feitio e é ativa*. Esforço-me o mais possível por o ser. A minha cabana está toda forrada com musgo fresco e atapetada a rosas do verão. Deito-me em palha limpa todos os dias. Caço tordos e pesco trutas no ribeiro e apanho amoras e morangos silvestres para me preparar para a chegada do meu amado.

Mas ele não vem. Onde poderá estar? Ninguém passa pela clareira. Não vem nenhum som de cascos de cavalos da estrada do castelo. Porque me deixa à espera tanto tempo? Com certeza sabe onde me encontro! Estará doente? Enfeitiçado? Ou ter-me-á esquecido?

Não. Isso seria impossível. O nosso amor é tão forte como as montanhas, tão infinito como os oceanos. Talvez ele esteja a pôr-me à prova. Talvez isto seja um teste para ver quanto mais suportarei por ele.

Nunca precisei tanto do meu dom como agora. Entrar na pele de uma ave, de uma lebre – mesmo que fosse por uma hora – dir-me-ia tudo o que preciso de saber. No entanto, não consigo. Como é isso possível? E como posso endireitar as coisas outra vez?

Ontem à noite, fui à árvore encantada, a mais velha da nossa gente. Ela raramente deixa a sua pele de espinheiro, a não ser uma vez por ano, para a feira. Mas sei que observa, e esperava que pudesse ajudar-me.

Encontrei-a na neblina do prado, com os pés já encharcados em orvalho. À sua volta, as pedras pareciam ilhas a erguerem-se da neblina pálida. Só um dos seus ramos está ainda vivo, e o fruto que cresce nele é escasso e verde. Perguntei-me que idade teria realmente: algumas das gentes viajantes acreditam que tem mais de novecentos anos e nasceu num tempo em que nós andávamos espalhados por todos os Nove Mundos. Agora somos poucos, cada vez menos, à medida que as gentes amansadas se vão

multiplicando.

Os ramos da árvore encantada estavam recamados de farrapos e fitas. A árvore do espinheiro adora os seus enfeites e exige sempre pagamento pelos seus feitiços. Feitiços de amor, na maior parte dos casos, claro, com a caveira de uma ave para afastar uma peste, uma colher de prata para uma boa hora no parto. Os feitiços produziram um estalido quando o vento os agitou uns contra os outros, como se a árvore fosse uma velhota desdentada a bater as gengivas ao luar.

Segredei: – Ouves-me?

A árvore do espinheiro vibrou e palpitou. Por cima da sua cabeça, a Lua da Cevada aguçou a sua foice de prata.

– Preciso da tua ajuda – disse-lhe eu. – O meu dom de viajar abandonou-me.

Houve um som trocista, segredado, quase como uma risada distante.

*Abandonou-te?*, disse a árvore do espinheiro numa voz suspirada e alquebrada. *Foste tu quem parou de escutar. Desististe de nós, por um moço do Povo. Por uma mancheia de pedras bonitas. Pela promessa de um anel.*

– Isso não é verdade – protestei.

*Uma coisa nomeada é uma coisa amansada*, disse a voz da árvore do espinheiro. *Deixaste que o moço te desse um nome. Como podes voltar a viver entre coisas selvagens?*

– Deve haver uma maneira – disse-lhe eu.

*Oh, há uma maneira*, disse a árvore do espinheiro. *Mas não vai ser fácil.*

– Diz-me – pedi-lhe.

*Uma coisa de cada vez. A sabedoria tem sempre de ser paga. Dá-me esses finos sapatos que trazes calçados e eu dar-te-ei o meu conselho.*

Tirei os sapatos e pendurei-os no ramo vivo da árvore do espinheiro. Eram de pele, e feitos com primor, com fivelas de prata e saltos escarlates, mas eu só os usava para fazer a vontade a William, e os meus pés ficavam melhor sem eles.

– Ofereço-tos de bom grado – disse eu. – Agora diz-me o que devo fazer.

A árvore do espinheiro emitiu um som de contentamento. *Primeiro, dá tudo o que ele te deu*, disse ela. *Dá cada pesponto, cada palavra, cada conta, cada suspiro, cada promessa. E quando te livrares de tudo, o teu nome vai dissolver-se como a neve na primavera e ficarás livre dele e poderás viajar como te aprouver.*

– Mas eu não quero ficar livre dele – disse eu. – Não há mais nenhuma maneira?

A árvore suspirou. *Como podes voar com uma pedra pendurada ao*

*pescoço? Como podes correr com uma corrente nos pés?*

– Mas eu amo-o – disse eu.

*Isso é a pedra. Isso é a corrente*, disse a árvore do espinheiro. *E até conseguires devolvê-las, nunca mais voltarás a ser livre.*

Suspirei. – Pois assim seja, Velha Mãe. É melhor viver acorrentada ao meu amado do que viajar livremente sem ele.

Ela riu-se. *Veremos quanto a isso*, disse. *Volta para o teu leito frio. Pensa no que te disse. Talvez mudes de ideias não tarda nada. E obrigada pelos teus lindos sapatos. Mesmo uma velha como eu gosta dos seus truques e enfeites*. As fitas e os talismãs nos seus ramos tilintaram e adejaram sedutoramente. Não pela primeira vez, pensei se ela se recordaria do feitiço da pedra furada; se aquela seria a sua maneira de me punir por lhe ter roubado o que lhe pertencia. Mas não podia devolvê-la agora ou mesmo implorar o seu perdão. O feitiço fora queimado e a pedra furada devolvida à água.

E por isso regressei descalça a casa pelos bosques, para a minha cabana vazia e o meu coração dorido e o fumo acre da minha fogueira.

# Dois

Por fim, uma carta de William. Encontrei-a esta manhã junto à minha cabana, debaixo de uma avelaneira. Estava um corvo de cabeça branca ao lado da árvore, a bicar o envelope. Tentei falar com o corvo de cabeça branca, mas a ave só disse: *Carta*. E foi tal o meu júbilo por a receber que a abri imediatamente, e, quando acabei de a ler, o corvo já tinha desaparecido.

Li:

*Minha querida M-A-L-M-U-I-R-A,*

*Perdoa-me por não ter ido ver-te. O meu pai regressou recentemente das guerras, e há muitos A-S-S-U-N-T-O-S a tratar.*

Era difícil decifrar a sua caligrafia. As letras tinham muitos floreados e arabescos. Mas consegui lê-la, com tempo, e, além disso, era obra da sua querida mão, com palavras que ele escolhera para mim.

*Não penses que E-S-Q-U-E-C...*

É claro. Nunca poderia pensar tal.

*Simplesmente, talvez tenhamos de ser muito mais P-A-C-I-E-N-T-E-S do que eu esperava no início. O meu pai é um homem difícil. Tenho de o tentar A-P-A-Z-I-G-U-A-R antes de tu o conheceres pessoalmente. Ainda não atingi maioridade nem recebi a minha H-E-R-A-N-Ç-A. Tenho de obter a A-P-R-O-V-A-Ç-Ã-O dele antes de pensar em C-A-S-A-M-E-N-T-O.*

*Tenho a certeza de que, a seu tempo, conseguirei fazê-lo C-O-M-P-R-E-E-N-D-E-R. Tu és o meu único amor e não posso viver sem ti.*

*Até então, contudo, mandarei F-I-O-N-A levar as minhas mensagens e aquilo de que possas precisar. Ela é uma boa rapariga, D-E-V-O-T-A-D-A a mim, e podes confiar na sua D-I-S-C-R-I-Ç-Ã-O.*

*Teu sempre fiel,*

*W-I-L-L-I-A-M*

Supunha que Fiona deixara a carta junto à cabana na minha ausência.

Quando regressei, encontrei igualmente um embrulho muito bem embrulhado, com pão e queijo, mel e um cesto de fruta ao lado da fogueira. Ela deve tê-lo deixado aqui para mim, enquanto o corvo de cabeça branca observava das árvores.

Fiona. Aquela rapariga bolachuda da vila. Detesto a ideia de ela ter vindo aqui, meter o nariz onde não era chamada. Como soube onde me encontrar? O povo da vila sabe onde vivo? E porque é que William a enviou em vez de vir ele próprio?

Sei porquê, é claro. Estas coisas demoram o seu tempo. Ele disse que tínhamos de ser pacientes. E pensa em mim. Isso é bom.

Mesmo assim, não deixo de desejar que tivesse vindo ele, com ou sem a aprovação do seu pai. Recorda-me de algum modo aquela história, e o príncipe que não reconheceu a sua amada quando ela estava a trabalhar nas cozinhas.

Bem, eu não sou uma princesa da cozinha, para me esconder e ansiar pelo amor. Se o meu William não vem, irei eu até ele. E se alguém tentar manter-nos afastados...

Cuidado com a ira de uma rapariga morena.

# Três

Amarrarei o meu amado com fumo e musgo e penas de águia. Amarrá-lo-ei com runas tão fortes que até mesmo a Morte o evitará. Amarrá-lo-ei pelo seu nome e o meu – o nome que já me custou tanto –, ambos bordados num pedaço de tecido posto junto ao meu coração, de tal maneira que, por mais léguas que haja entre nós, nunca estaremos apartados.

Fiona veio de novo hoje, mas desta vez eu estava à espera. Trouxe pão, uns bolos de mel e leite, queijo e um jarro de vinho. Não havia nenhuma carta de William. Mas a sua expressão de gata que foi ao leite bastou para me despertar as suspeitas. Será que ela poderia ter roubado a carta dele? Poderia andar a tentar roubar algo mais?

Escrevi uma carta em resposta. Demorei quatro dias, com uma pluma de pena de águia e em papel feito de flores secas. Limitei-me a uma página e selei a carta com um pingo de cera. Escrevi:

*Querido WILLIAM,*
*Obrigada pela tua Carta e pelo Embrulho, embora seja da Tua Pessoa e não de Mantimentos que eu preciso. Sinto tantas saudades de Ti que me dói o Coração e anseio por estar Contigo. Não mandes a FIONA. Nunca confiei nela. Em vez disso, eu vou até Ti amanhã ao Meio-Dia e encontro-me contigo nas Cozinhas, onde Ninguém vai Perturbar o nosso Encontro.*
*Até lá,*
*A tua Amada,*
*Malmuira*

Malmuira. Que estranho escrever aquele nome. Não dá a sensação de ser uma parte de mim. No entanto, foi um presente dele, um presente que eu não podia recusar. Agora fiz-lhe um presente em troca: um saquinho bordado com os nossos nomes e cheio de lavanda roxa, um símbolo do meu amor por William quando o vir amanhã.

Fiona pegou na carta com um sorriso trocista. Mas sei que não a pode abrir sem quebrar o selo de cera. Se o fizer, o meu William saberá. Se não o fizer, não importa.

E agora resta-me aguardar até amanhã. Amanhã vou vê-lo outra vez. Amanhã, nas cozinhas.



# Quatro

Amarrarei o meu amado com o grito de uma coruja-das-neves no escuro. Amarrá-lo-ei com beladona e a clavícula de uma lebre lunar. Amarrá-lo-ei num lençol feito de estrelas e penugem de cardos, e dormirei com ele durante mil anos, até os mares serem só areia e as montanhas serem só oceano.

Fui pela estrada que atravessa os montes em direção ao castelo de William. Levava o vestido que ele me deu, com o meu colar de olho-de-tigre ao pescoço e o cabelo preso com uma fita de seda, toda enfeitada com trevos roxos. O sol já ia alto no céu e os montes tinham grinaldas de arco-íris. Tomei-o como um bom sinal:

*Arco-íris de manhã,*
*Vai-te ao trigo com gadanha.*
*Arco-íris à tarde,*
*Abriga-te na palha.*

Até cantarolei para mim enquanto caminhava ao longo do caminho ladeado por moitas de urze nos montes; não como cotovia, mas como eu própria, e a minha voz sobressaltou os tetrazes na charneca de tal modo que eles fugiram a voar em grande algazarra.

Ao meio-dia cheguei à porta da cozinha e esperei que William viesse. Mas não veio ninguém e por fim tive de tocar a sineta.

Um dos moços veio à porta. Arregalou os olhos quando me viu. A seguir, correu a chamar o cozinheiro – o mesmo que me tinha chamado rameira – que me olhou de alto e disse: – Não há nada para si aqui, menina.

– O Amo William sabe que estou aqui – disse eu. – Escrevi-lhe ainda ontem.

O cozinheiro encolheu os ombros. – Se sabe que está aqui, porque é que não está cá para a receber? E porquê vir aqui, à porta da cozinha, como uma serva ou uma ladra?

Abanei a cabeça. Estava furiosa. Não com William – ainda não –, mas com a situação. Fiona teria entregado a minha carta? William saberia sequer

que eu estava ali? Não me teria visto chegar? Não me teria reconhecido quando eu atravessei a charneca?

– Escute, menina. – Agora o olhar de desprezo mudara para algo como pena. – Devia ir para sua casa, que é onde pertence. Não está ninguém aqui.

– Isso não é verdade. – Eu falava baixo, e detestava-me por não conseguir entrar na pele de um urso, de um lobo ou de um tigre, e rugir...

– Não está ninguém aqui, menina. O jovem Amo foi à cidade.

Senti que começava a tremer. – Sozinho?

– Não, menina. – Aquele olhar de novo: como pena misturada com leite azedado.

– Com quem? – perguntei.

– Com o seu escudeiro, menina. E, claro, com a Menina Fiona.

– Não acredito em si – disse eu, e agora sentia os olhos a arderem. Não choraria. Nunca choro. Mas o fumo que vinha das cozinhas era insuportável, e o calor das lareiras queimava, e as lágrimas caíram-me em catadupa pelas faces antes que pudesse evitá-las.

– Vou buscar-lhe água. E há pão, se tiver fome – disse o cozinheiro.

Por um momento, fiquei surpreendida com a bondade na sua voz. Mas aquele era o homem que me tinha chamado rameira. Não suportaria a sua compaixão. Por isso, ergui bem alto a cabeça e afastei-me, com o meu vestido verde a varrer a poeira do caminho. Algo roxo caiu ao chão. Era um pedaço de trevo. Murcho, caiu da fita de seda que prendia e domava o meu cabelo.

E então chegou a fúria – contra ele, contra ela, mas acima de tudo contra mim mesma. Que tola tenho sido!, pensei. A árvore do espinheiro tinha razão. Ele é infiel: traiçoeiro como todos os da sua condição, cobarde e devasso. Arranquei o pedaço de seda. Já não tenho necessidade dele. Não sou uma das tuas raparigas da vila, a ser amansada e posta de lado. Posso ter perdido o meu dom, mas a minha raiva é mais do que suficiente para me dar alento. Esconde-te atrás dos muros do teu castelo. Esconde-te atrás dos teus servos. Mas da próxima vez que me vires, William, serei um tigre.

# Cinco

Mesmo para alguém como eu, há maneiras de descobrir o que precisa de ser sabido. Já não consigo viajar, mas talvez a minha gente possa ser persuadida a viajar por mim. O corvo de cabeça branca pode ser subornado com bolos; a pega, com pedaços de vidro colorido. E em troca trazem-me notícias, um sussurro e uma palavra de cada vez.

*Tonta!*, crocita a pega. *Sem fé!*, o corvo. *Fiona*, sussurram as canas junto ao lago, e aquele som é como unhas a riscar vidro, como vozes de uma sepultura aberta. E hoje, sentada junto à fogueira, vejo-os juntos, enlaçados no fumo, brancura de lírio em palidez de pétala, e sei que o que vejo é verdade. O meu amado ama outra.

Choveu ontem à noite, e na noite anterior. Chuva bravia, destemperada, que se despenha pelas montanhas. Oh, se pudesse entrar na chuva e perder-me: entrar nos raios e desfechar-me. Mas tenho de ficar na minha cabana sozinha, a ver a chuva a pingar das árvores e a escutar o som do ribeiro e a tentar não sonhar com William.

O que é que ele vê naquela rapariga barbas de milho, naquela rapariga flor de macieira, leite de cabra? Como pode ele ter-me esquecido, depois de todas as suas promessas? Ela deve ter usado alguma espécie de bruxaria. Lavanda, para o esquecimento, uma boneca feita do meu saiote e do cabelo da minha escova. Ela sabia como fazer o feitiço da pedra furada; talvez possua outras habilidades. Talvez eu estivesse errada ao descartá-la como mais uma rapariga do Povo. Deve ser bruxa, para me ter frustrado. Deve ser bruxa, para o ter seduzido. Não ouvi bater à porta, o som de passos no caminho. Mas, quando olhei para cima, vi um rosto a espreitar à minha janela.

As gentes viajantes raramente se deixam ver, mesmo às da sua condição. Não há segurança em grupos. Em vez disso, caçamos em peles pedidas de empréstimo, com dente e chifre e haste. Desta vez, porém, ela escolhera fazer a viagem como ela própria, vestida com nada mais do que fitas e farrapos, e com os sapatos finos que eu lhe dera a parecerem muito deslocados nos seus pés escuros e cheios de nós; e lentamente, muito lentamente: porque ela é tão velha como a Velhice, os seus ossos são tão

leves como galhos, o seu cabelo musgo prateado e fino como penugem de pêssego contra a curva suave do seu crânio.

– Eu avisei que poderias mudar de ideias – disse ela, lançando um olhar rápido e agudo ao meu rosto. – Ouvi no vento que o teu jovem encontrou uma donzela mais bela.

Eu não disse nada, mas lancei-lhe um olhar furioso.

– Conheço um feitiço – disse-me ela – para te ajudar a ficares livre dele.

– Eu não quero ficar livre *dele* – respondi. – Quero que ele fique livre *dela*.

A árvore do espinheiro encolheu os ombros. – Isso é fácil. Mas não te fará recuperar a *tua* liberdade nem o tornará menos infiel.

Abanei a cabeça. – Não me importa.

– Muito bem – disse a árvore do espinheiro. – Vendo-te um feitiço. Contudo, quando mudares de ideias, vem procurar-me. Posso ajudar-te.

– Não vou mudar de ideias – disse eu. – Dá-me o feitiço. Qual é o teu preço?

A árvore do espinheiro sorriu, com o seu rosto escuro todo retalhado de rugas. – Primeiro, dá-me aquele bonito vestido verde que usas, para me manter quente durante o inverno.

Despi o vestido. Não era de modo nenhum tão rico como os vestidos que usara no castelo. Mas era quente e bem feito e sem ele senti-me subitamente fria. Fiquei de pé, com o meu saiote, a tremer. A Anciã vestiu o vestido e pareceu ficar contente com o resultado.

– Para o feitiço – disse –, vais precisar de três coisas. A primeira é a madeira do coração de um freixo encharcado com nove gotas do teu sangue e atado com um novelo de raios. Borda-lhe as runas *Naudr* e *Thuris* e cose-as a uma bolsa feita da mortalha de um homem que morreu em pecado. Deixa-a debaixo da almofada dela e ela não mais terá poder sobre ele.

Amarrarei o meu amado com um feitiço feito da madeira do coração de um freixo. Amarrá-lo-ei com o meu sangue, vertido por ele ao luar. Amarrá-lo-ei com os fios dos raios das tempestades de verão e nunca o largarei, nem por nada, nem se a própria Morte mo ordenar...

A árvore do espinheiro acenou e sorriu. Com o meu vestido e os meus sapatos de salto alto, parecia-se ainda menos com um dos nossos do que quando chegou vestida de farrapos e penas. Depois, pôs-se a caminho pelos bosques – lentamente, muito lentamente – e todos os seres da floresta se afastaram para a deixar passar, porque a árvore do espinheiro é matreira, velha como a Velhice e implacável.

# Setembro

## Mês da Palha Branca

†

*A mim enviou ele uma*
*carta de amor*
*Enviou da cidade a carta*
*dura*
*A dizer que não mais me*
*amava*
*Porque eu era tão escura.*

The Child Ballads, 295



# Um

A parte mais difícil foi encontrar uma maneira de enfiar o feitiço debaixo da almofada dela. Ela dorme no meu quarto agora, na cama com a colcha de seda. Os meus mensageiros dizem-me que Fiona vai para lá à noite, a coberto do escuro, porque é uma virtuosa donzela de boa reputação.

Mas tenho mesmo de ir lá, disse para comigo, porque o feitiço da árvore do espinheiro o requeria. E assim pus-me a planear uma maneira de conseguir entrar no castelo. Primeiro, precisava de um disfarce. Vestimentas, roubadas de uma corda da roupa. Um avental e uma touca branca limpa, para me fazer parecer uma lavadeira. Entrei com o resto das raparigas, ocultando o rosto por baixo da touca, e escondi-me até terem passado todas antes de levar uma pilha de lençóis limpos para dentro do quarto de William. Teria sido fácil enfiar o feitiço numa fronha lavada. Mas eu não esperava ver William ali no quarto – William, o meu único verdadeiro amor, que prometera amar-me para sempre – e Fiona, nas suas sedas cor de cinza de pomba, sentada à janela.

O cabelo dele cresceu desde que o vi pela última vez. Mas ele continua tão formoso como sempre. Formoso no seu casaco do Dia de Maio que trazia quando o vi pela primeira vez, com os seus olhos azuis cheios de pontos de ouro ao virar-se e trespassar-me com o olhar sem me ver.

Senti uma tontura tão forte que quase caí, mas William não reparou. Olhou para mim, e não me viu, apesar de tudo o que eu significara para ele. Porque, o que é mais uma lavadeira, com o cabelo preso numa touca branca engomada, mais uma rapariga escura como uma corça, com um rosto carrancudo e os olhos baixos?

Lembrei-me do conto da princesa da cozinha e do príncipe que a procurou. E se tivesse uma faca comigo em vez de uma braçada de lençóis de linho tê-los-ia despedaçado a ambos ali mesmo e deixado o seu leito inundado de sangue, os olhos dela na almofada, a língua dele aos pés dela e o pescoço cortado dela como o sorriso mais rasgado...

Mas não tinha uma faca. Senti antes um curioso torpor. O feitiço da árvore do espinheiro resultaria, sabia-o. Mas poderia fazê-lo ver-me?

Saí do quarto mal pude. O meu coração estava engaiolado e a bater com

força. Parei no corredor do quarto, com as costas contra a parede, e tentei respirar. Tinha ainda na mão o feitiço da árvore do espinheiro. Não teria oportunidade de o usar agora. Mas não me importava. A minha raiva desaparecera. Queria morrer. Não queria mais nada a não ser enrolar-me como uma folha morta e ser soprada para longe.

Mas agora, de volta à minha cabana de toros, recobrei a coragem. Vou escrever-lhe uma carta e enviar-lha pelos meus próprios meios. O corvo de cabeça branca entregá-la-á e aguardará a sua resposta. Seja qual for a razão para a sua mudança de sentimentos, não a aceitarei sem ouvir a verdade nas suas próprias palavras.

A árvore do espinheiro tinha razão: se William é infiel, eu não devia culpar Fiona. Ela não é nada. Ela não possui poder. Se o possuísse, teria reconhecido o meu disfarce de lavadeira. E se eu me livrasse dela, haveria outra Fiona. Não, tenho de falar com William e descobrir um caminho de volta para o seu coração, porque não consigo ainda acreditar que ele possa ter-me esquecido. E assim escrevo a minha carta de amor e tenho a esperança de conseguir encontrar as palavras.

*Meu queridíssimo WILLIAM,*

*Se Tu alguma vez me quiseste bem, Atende-me agora.*

*Não Sei porque me abandonaste. Eu era o Teu amor. Tu ainda és o Meu. O meu Coração é verdadeiro. Não posso Acreditar que Tu mudarias. Por favor envia-me a Tua Resposta pelo Corvo de Cabeça Branca. Ele Conhece-me. Ele Encontra-me. Imploro-te, escreve e reconforta-me, pois que o Meu Coração sofre e não consigo Pensar em mais Nada a não ser em Ti.*

*Com o meu Amor para Sempre,*

*Malmuira*

# Dois

Esperei todo o dia pela resposta dele. O corvo de cabeça branca partiu ao nascer do dia, mas já era quase noite quando ouvi o seu grito áspero lá em cima. Daí a uns minutos, pousou num ramo baixo junto à fogueira. Trazia um papel dobrado.

Paguei ao corvo de cabeça branca a sua remuneração de bolos de mel e li lentamente:

*Querida Malmuira,*

*Lamento muito sinceramente se sentes que te enganei. Mas o meu pai ordenou-me que tornasse a minha P-O-S-I-Ç-Ã-O clara. Sejam quais forem os meus sentimentos mais calorosos, não posso permitir que a minha P-A-R-C-I-A-L-I-D-A-D-E me cegue ao meu dever. O meu estatuto não me permite A-S-S-O-C-I-A-Ç-Õ-E-S com pessoas do teu tipo: tão bravia, tão carente de polimento, tão morena. Perdoa a minha B-R-U-S-Q-U-I-D-Ã-O e crê no meu continuado R-E-S-P-E-I-T-O.*

*O teu servo,*

*William MacCormac*

Demorei algum tempo a decifrar as palavras. Era quase como se ele as tivesse escolhido de propósito para me confundir. Mas o seu sentido é claro. Ele não pode amar-me. Ele e eu somos demasiado diferentes. Eu sou morena, rude e bravia. Ele é um fino nobre. Não pode amar uma rapariga bravia. E a decisão não é dele, mas do seu estatuto, do seu dever e do seu pai.

Virei a carta. Não tinha mais papel para usar e, além disso, as palavras da carta dele já me estavam gravadas no coração. Não havia o perigo de as esquecer.

Peguei na minha pena e escrevi estas palavras:

*Querido WILLIAM,*

*Perdoa-me que fale claro. A minha gente é franca. Mas fica à vontade, e sabe que não me importa o Teu Respeito. Não sou dominada por Deveres*

*como os Teus. Morena como sou, amo a meu bel-prazer. Eu teria mantido as Minhas Promessas.*

*Desejo-te felicidades com a tua Rapariga da Vila, e espero nunca mais Te ver. E agora que Tu estás livre de Mim, também Eu estarei livre de Ti.*

*Adeus,*

*Malmuira*

Não chorarei. Nunca choro. Há um ditado do Povo: *Sente tanta piedade por uma mulher que chora como por um ganso descalço.* Dei a carta ao corvo de cabeça branca. E depois deitei-me em cima dos fetos e da erva que crescem à volta da minha cabana e pus-me a ver os fragmentos do céu por entre as árvores, e perguntei-me como o sol ainda brilhava quando a minha luz se apagara para sempre.

# Três

Setembro é o mês em que arrumamos o verão. Nozes, maçãs, bagas e trigo, armazenados para o inverno. Come tudo o que puderes em setembro, porque as noites magras vêm aí. No entanto, não consigo comer. Não sou capaz de ir apanhar avelãs e guardá-las para o inverno ou de ir apanhar cogumelos à luz da Lua Ceifeira ou amoras no caminho da floresta.

Em vez disso, esgaravato as searas ceifadas à procura dos últimos grãozinhos do amor que tivemos em tempos. A colheita está estragada; o celeiro fechado. Não voltarei a ver coisa semelhante. Debulho cada recordação, cada palavra que ele me disse. E o meu coração é uma carapaça oca, tão vazia como a malga de um pedinte.

Fui ver a Anciã outra vez, esta tarde no anel das fadas. Contei só catorze bagas no seu único ramo vivo. Mas a árvore do espinheiro estava brincalhona, como um gato velho, que, da sua cama, se digna brincar com um novelo de lã.

Eu disse: – Escrevi ao William. Disse-lhe que não queria saber dele para nada. No entanto, não estou livre. Porquê?

A árvore do espinheiro sacudiu os ramos. Os farrapos e as fitas e as colheres de prata ali colocadas pelas raparigas da vila adejaram, embora não corresse vento.

*Mandei-te dares tudo o que ele te deu*, disse a árvore do espinheiro. *No entanto, continuas a usar essas contas bonitas que ele te deu na Feira do Verão.*

Era verdade. Ficara com elas. As contas de olho-de-tigre estavam à volta do meu pescoço. Eram tudo o que me restava de William; cada conta brilhante uma recordação. Magoou-me tirá-las, como se estivesse a arrancar uma camada de pele com elas, mas desisti delas sem uma palavra, e pendurei-as na árvore encantada.

*O que damos de graça no Dia do Verão ser-nos-á devolvido cem vezes*, disse ela.

Não compreendi o que queria dizer e virei-me para ir embora, com o coração confrangido. Mas a árvore do espinheiro ainda não tinha acabado. Mais uma vez, ouvi os seus ramos a chocalharem como um punhado de

ossos num vento que não soprava.

*Consta que ele lhe prometeu um anel*, disse ela. *Um anel de ouro, para a sua mão branca. E o nome dele, para a amarrar para sempre à sua casa e ao seu coração.*

O meu coração chocalhou. – Não quero saber do coração dele – disse.

*Oh, mas queres*, disse a árvore do espinheiro. *E enquanto não desistires dele nunca serás livre.*

– Mas como posso desistir dele? – gritei. – Ele deu-me um nome. Amarrou-me com as suas promessas. E agora sou como uma avelã carcomida por dentro. Não consigo dormir. Não consigo comer. Não resta nada de mim.

A árvore do espinheiro disse: *Há uma maneira. Mas não penso que te vá agradar o preço.*

– Qual é o preço? – perguntei. – Seja qual for, pagá-lo-ei.

A árvore do espinheiro ficou em silêncio.

– O que posso fazer? Como devolvo um nome?

Mais uma vez, a árvore do espinheiro ficou em silêncio.

Por fim, apercebi-me de que ela não tinha mais nada a dizer e pus-me a caminho por entre as searas ceifadas, descalça, até os meus pés sangrarem por causa do restolho aguçado do trigo amarelo, tão tenro na primavera mas cortante como facas no mês da colheita, que deixei um trilho vermelho na vereda à minha passagem.

# Quatro

Setembro é o mês de mais labuta: colher, armazenar, enfeixar. É quando os gansos engordam e as ovelhas enchem a barriga nas encostas dos montes e os mosquitos dançam no lago silencioso e os ursos castanhos vão à procura de bagas. Mas eu mantenho-me ociosa. Não consigo mexer-me. Não consigo pensar em mais nada a não ser em William e Fiona e no anel de ouro que ele lhe prometeu e nas palavras da árvore do espinheiro na Feira do Verão: *O ouro nos teus olhos é de longe mais verdadeiro do que o ouro que ele te prometeu.*

Sim, era verdade. Que bem me trouxe? Fui fiel, fui verdadeira, e no entanto outra rapariga terá o anel de William e tomará o seu nome e ficará ao seu lado e um dia terá os seus filhos. Fiona, cujo nome significa *Dama Branca*, e que é boa e virtuosa e nunca o deixará ficar mal nem lhe dará um momento de ansiedade.

*Uma noiva de setembro é discreta e sociável, apreciada por todos.* Fiona é a amada de William agora, e sempre foi discreta. Mas os meus sussurros no vento não me trazem notícias de um casamento. Em vez disso, trazem-me boatos de encontros secretos em celeiros, gorgulho nas batatas, céus de tormenta e tempestades a caminho, mas nem uma palavra sobre William e Fiona. Será que ele mudou de ideias? Mas essa é uma esperança infantil, sei-o; e eu não sou uma criança. Talvez o fosse, há cinco meses. Agora, sou tão velha como a Velhice, mais fria do que o gelo e mais dura do que a pedra.

*Setembro sopra suave*
*Até a fruta estar na cave.*
*Esquecido o mês passado*
*Faz tu agora o azado.*

Eu devia estar a trabalhar no duro. Não tarda aí o fim do mês, quando as bagas ficam duras e azedas. Daqui a pouco tempo, a minha gente começará a voar para sul com os gansos selvagens e as andorinhas. As gentes viajantes raramente passam o inverno na sua própria pele. Algumas voarão

para sul e outras vão esconder-se debaixo das folhas secas como ouriços-cacheiros ou debaixo da neve como raposas e lebres. Algumas, como a árvore do espinheiro, entrarão em árvores e dormirão todo o inverno. Mas eu tenho de me preparar, se quero sobreviver. Não pus nada de lado.



Os outros sabem-no. Já por várias vezes encontrei oferendas deixadas à minha porta: dois coelhos; um montinho de avelãs; alguns cogumelos; uma coxa de uma matança de cabra. As gentes viajantes olham pelos seus, mesmo quando eles foram expulsos.

Por vezes, penso que seria mais fácil morrer. Encontrar-me-ão na primavera, um monte de farrapos no mato. Talvez William venha a saber e me chore nos bosques verdes e saiba que, quando prometi ser-lhe fiel até à Morte, falava verdade, embora ele não. Talvez Fiona esteja com ele, com o anel de ouro dele no dedo...

Aquilo decide-me. Não morrerei. Não darei àquela rapariga viçosa a satisfação de me saber morta. Nem serei a princesa da cozinha, com os seus míseros três desejos. Não tenho necessidade nenhuma de um vestido fino, de sapatos ou de uma carruagem de fadas. Mas a vingança, meu doce William. *Isso* ainda posso desejar. E dançarei descalça na tua sepultura e cantarei como uma cotovia com o júbilo e voarei para o céu de tormenta e encherei a garganta com raios.

# Outubro

## O Mês Dourado

†

*Um para fúria,*
*Dois para alegria*
*Três para casamento,*
*Quatro para nova cria.*
*Cinco para luxo,*
*Seis para pobre,*
*Sete para uma bruxa:*
*Não te posso dizer mais.*

Magpies: cantiga infantil do século XVI



# Um

Outubro traz a Lua do Caçador, os corvos, a fermentação da cevada. Outubro é o mês da debulha, o mês do tetraz e dos gansos e dos veados. Outubro é o mês dos abrunhos, das castanhas, das bolotas, do fruto da roseira-brava e das bagas do espinheiro. Outubro é o mês dourado, quando até as árvores são um sonho de avarento.

*Uma noiva de outubro tem rosto bonito, é afetuosa, mas ciumenta.* Pergunto-me se Fiona já terá o seu anel de ouro. Consta-se que não: no entanto, isso não me satisfaz. Ela que tenha o seu anel de ouro. Ela que tenha o seu mel.

Ontem à noite fui à árvore encantada. Não havia luar e a anciã estava tão ferrada no sono, na sua pele de espinheiro, que quase desesperei de conseguir despertá-la. À volta do anel mágico, as pedras não eram mais do que sombras: algumas baixas, outras altas, outras só saliências por baixo da erva. O Povo acredita que as pedras mágicas não podem nunca ser contadas. Tente-se, e as pedras dançarão, mudando de posição dissimuladamente, de modo que o seu número nunca pode ser conhecido. Também as gentes viajantes têm as suas crenças relativamente às pedras do anel mágico. Mas esta não era uma noite para histórias. Esta noite, eu queria algo mais.

Sentei-me junto à árvore e esperei que ela despertasse do seu sono. Mais umas semanas, e será impossível acordá-la. Começava a perguntar-me se ela já teria iniciado o seu sono de inverno quando ouvi um sussurro dos seus ramos.

*Porque me incomodas mais uma vez? Que mais podes querer de mim?*

– Tu sabes o que quero – disse-lhe eu. – Quero poder viajar outra vez. Quero ser livre dele; do nome que me levou a aceitar com o seu truque.

Veio um suspiro da árvore do espinheiro. *Só há uma maneira de fazer isso,* disse ela. *E não penso que tenhas coragem para tal.*

– Eu tenho coragem – disse-lhe eu. – Juro que ela não me falhará.

A árvore do espinheiro encolheu os ombros, lá muito dentro da sua pele de espinheiro. *Não penso que saibas o que estás a pedir,* disse.

Jurei à árvore do espinheiro que sim, que sabia.

*Muito bem*, disse a árvore do espinheiro. *Mas o preço será elevado, tanto para ti como para ele.*

– Seja o que for, eu pago – respondi eu.

A árvore do espinheiro não disse nada, mas, no escuro, tive a certeza de que estava a sorrir.

# Dois

O primeiro é a lã de uma ovelha negra num fuso de madeira de sabugueiro. O segundo é uma madeixa do cabelo dele, atada com um pedaço de fio vermelho. O terceiro é uma fórmula mágica de *Hagall*: *Sou o grão mais frio, mais branco. Assim vós colheis, e assim eu semeio.* O quarto é o sangue de uma Lua do Caçador; o quinto é a mortalha de uma noiva de abril. O sexto é a raiz de uma mandrágora; o sétimo, uma pedra furada, gravada com o nome dele. Cose-se com eles uma boneca de bolso, que se coloca na fenda de uma árvore do espinheiro na Véspera do Dia de Todos os Santos. Com o passar do ano, o feitiço ganha raiz: *Assim como colheis, assim semeareis.*

Mas essa colheita é para um mês mais frio. Outubro é suave e enganador: as maçãs douradas a escorrerem vespas. As vespas pressentem a vinda do frio. Estão furiosas e prontas a picar. Agora também eu estou pronta a picar. E tenho de recolher aquilo de que necessito para fazer o feitiço antes da Véspera do Dia de Todos os Santos, ou achar-me desprevenida.

A ovelha negra é fácil. Recolho a sua lã do fuso de cardo e espinho. O sabugueiro, também, é complacente: e não me esqueço de agradecer à árvore com todos os encantamentos corretos. O cabelo é mais complicado. Não tenho recordações dessas de William. Mas o corvo de cabeça branca tem mais uma vez a resposta: voa até ao parapeito da janela dele. A escova do cabelo e o pente de William estão junto à cama; o corvo saqueia ambos e regressa para junto de mim com um rolinho de cabelo. Conheço bem aquele cabelo. Amei-o em tempos. Agora, entranço-o na lã de ovelha, onde brilha com o ouro do outono.

Agora o sangue, e a mandrágora, com pedrinhas enfiadas nos meus ouvidos para atenuar o som dos gritos. A pedra furada vem de uma praia de seixos a dez léguas, trazida até mim por uma águia, que grita *Tola!* quando se afasta a voar para as alturas.

Mas todas estas coisas têm um preço. O rolinho de cabelo e a pedra furada já me custaram bastante. Todos os fragmentos, todos os berloques foram usados para pagar os componentes do feitiço. E agora tenho de encontrar a coisa mais potente – um pedaço da mortalha de uma noiva de

abril –, que é a razão por que eu estou agora aqui, com uma pá de madeira na mão e uma farpa de gelo no meu coração.

O cemitério fica junto à igreja da vila. A nossa gente nunca aqui vem. Nem eu escolheria vir aqui agora, especialmente não na minha própria pele. Contudo, sem o pedaço de mortalha o meu feitiço não resultará. Tem de ser esta noite. Entro à socapa na vila a coberto da escuridão. À luz da lua em quarto minguante leio o que está gravado nas lápides. Há muitas lápides aqui, e o risco de ser descoberta cresce a cada momento mais que me demoro. Por fim, encontro o que procurava, e o coração dá-me um salto no peito com um júbilo selvagem.

A sepultura pertence a uma rapariga da vila, casada em abril, falecida no final de agosto. *Uma noiva de abril é inconstante, não muito sensata, não muito formosa.* Casada quando o cuco chama; falecida quando deixa de chamar. Pobre rapariga de abril. O seu nome está aqui, gravado na tabuleta de madeira. Diz:

**KATE MILLER,**
**Amada Esposa de SAM e Filha de ELDER.**

Faleceo de Maleita Emaciante no 17.º Ano de Sua Idade.

*Como tu estás agora, assim estive eu:*
*Como eu estou agora, assim estarás tu.*

Mas eu nunca estarei como tu estás. Quando recuperar a minha liberdade, vou entrar no ar. Vou transformar-me em mil sementes de dente-de-leão e epilóbio, de tasna e de cardo, de amieiro e de teixo. E vou lançar raiz onde quer que caia, nos vossos jardins e nas vossas sepulturas. E se me cortardes, crescerei e multiplicar-me-ei mil vezes.

Agora tenho de cavar bem fundo. Uso as mãos e a pá de madeira. A terra é pedregosa por baixo da erva. Isso é bom. O buraco cresce mais depressa.

Por fim, chego ao caixão dela. O caixão é estreito, a tampa está pregada. Tiro os pregos um a um. A mortalha está quase toda carcomida. Mas resta mais do que o suficiente para pregar com uns pontos na boneca de bolso.

Volto a encher o buraco da sepultura. Bato com os pés a alisar a erva. Ninguém saberá que estive aqui. Pobre rapariga de abril, pouco sensata e pouco formosa. E, no entanto, foi amada. Usou o anel dele no seu dedo. Eu sei. Encontrei o anel. Fiquei com ele. Ela já não tinha uso para lhe dar. E uma aliança de casamento é um amuleto potente, mais ainda do que uma

pedra furada, e sei como o usar.

E agora só preciso de esperar pela Véspera do Dia de Todos os Santos. O ano gira: as fogueiras ardem, a anunciar a chegada do inverno. O homem do arado lavra a terra; o feno é guardado no celeiro. E as gentes viajantes andam em folias, pois que este é o nosso tempo: o nosso pacto.

Chamam-nos os filhos do Diabo. Mas não temos nenhuma aliança com o vosso Diabo ou com o vosso Deus. Somos as gentes viajantes. Vivemos. E viveremos para sempre.

# Três

*Eh-oh, em Todos os Santos*
*Todas as bruxas pelos cantos.*
*Umas negras, outras com mantos*
*Eh-oh, em Todos os Santos.*

E chega agora: a Véspera do Dia de Todos os Santos, embora as gentes viajantes lhe chamem outro nome. Esta é a noite em que os espíritos andam à solta: quando o Povo põe pratos com comida para os seus desaparecidos e oferendas para as Fadas. É a noite em que se acendem fogueiras e se assam maçãs na lareira. É um tempo de velhos deuses; de amores perdidos; de cerveja com especiarias e sidra forte. Na Véspera do Dia de Todos os Santos, os mortos erguem-se do túmulo e as gentes viajantes andam nas suas peles uma última vez antes do inverno.

Esta é a nossa noite. Na Véspera do Dia de Todos os Santos, ninguém questiona a nossa presença. Podemos ir e vi a nosso bel-prazer entre as vossas casas e as vossas vilas. Mesmo o Povo do castelo não fechará a porta às gentes viajantes; não na Véspera do Dia de Todos os Santos, a noite em que qualquer pessoa pode ser qualquer pessoa: o vosso tetravô; o próprio Diabo; o Rei e a Rainha da Terra dos Elfos.

O Povo da vila fez uma fogueira no meio do largo. Homens de palha, feixes de lenha e as roupas dos defuntos – porque as roupas dos defuntos têm de ser queimadas, diz-se, ou arrisca-se a ira do Povo Bom. É uma crença que me convém, porque preciso de roupas para o inverno. Saqueio a fogueira. Um par de botas, um casaco, uma fina saia de lã. Luvas e lãs e meias tricotadas, tão macias como a barriga de um cordeiro recém-nascido. Essas coisas levo para a minha cabana na floresta. Mas esta noite preciso de algo diferente. Esta noite, tenho de ser bela. Esta noite, tenho de ter nada mais nada menos do que o vestido de casamento de uma noiva de abril, tirado de uma pilha de roupas colocadas na fogueira por um viúvo desgostoso, e se o marido me vir pensará que a sua amada anda na Terra e fechará as portadas bem fechadas e fará o sinal da cruz e estremecerá.

O vestido é preto. Talvez uma cor malfadada para uma noiva, mas sei que

me fica bem. Descalça, danço à roda da fogueira; descalça, à volta da árvore encantada: e na sua fenda amarro o feitiço que fiz com o cabelo de William, e o meu sangue, e uma pedra furada, e fixo-o no seu lugar com uma fórmula mágica:

*Sou o grão mais frio, mais branco. Assim vós colheis, e assim eu semeio.*

Chega uma voz por trás de mim, uma voz ao mesmo tempo estranha e familiar.

– Desta vez não hesitaste – diz, e viro-me e vejo a árvore do espinheiro, ali de pé na sua própria pele, toda escura e encarquilhada e sorridente. Traz o meu vestido verde e os meus sapatos escarlates de salto alto, o colar de olho-de-tigre ao pescoço, e talvez seja da luz rósea da fogueira no largo, mas penso que parece mais nova, mais animada, mais viva do que quando a vi antes. O cabelo como musgo é mais farto agora, com madeixas de um preto brilhante de abrunho. Os seus olhos são penetrantes e têm pontos de ouro. Os seus lábios, em tempos pálidos como cinza, são agora da cor de rosas silvestres.

– A estação favorece-te, Velha Mãe – comento.

– Maçãs e castanhas – responde a árvore do espinheiro. – A sidra alimenta as minhas raízes definhadas e a aguardente faz o meu sangue correr. Mas *tu* – lança um olhar ao meu vestido de seda –, tu és uma rainha do inverno esta noite. E isso no teu dedo é um anel?

– Atrevo-me a dizer que talvez seja – respondo.

– E vais dançar debaixo da janela dele – pergunta ela – e fazê-lo estremecer e fitar-te?



Sorrio. – Talvez o faça – respondo. – Porque, se não esta noite, quando?

Ela solta uma risada baixa. – Acompanho-te, minha filha. Há muito tempo que não vejo as estrelas.

O caminho para o castelo está alumiado por tochas esta noite, e cheio de gentes viajantes. A mulher pega; o corvo; o veado; o lobo; a águia. Aqui vai um salmão, com cabelo prateado e um vestido de cadeias finas. Aqui uma lontra, brilhante e castanha; uma bétula, alta e formosa. Todos vestidos com couro e seda e peles, com coroas de chifres e de ossos. Todos com violinos, sinos, flautas, gaitas, tambores e pandeiretas.

Junto-me a eles e, pela primeira vez desde que me deitei com William, sinto que pertenço aqui, que fui perdoada. Um pintarroxo com um casaco de penas ergue a sua doce voz numa canção. Acompanho-a, e por meu turno sou acompanhada por um tambor de madeira e um chocalhar de sinos. Começo a dançar e eles animam-me com bater de pés e palmas. E quando nos aproximamos do castelo vejo uma luz na janela de William e uma sombra junto ao cortinado, e sei que ele me vê, e que sente a mão da Morte sobre o seu ombro.

Alguém me passa um cantil de algo quente e oloroso. Bebo e danço e canto um pouco mais, até as estrelas andarem à roda. E agora sinto um acesso de amor por todas as gentes viajantes. O chapim azul maltrapilho, o pardal, a raposa, o codornizão e o rato do campo. Os homens morenos e as mulheres morenas que dormem nos vossos campos e espreitam à volta das vossas fogueiras. Talvez pareçamos mendigos à luz do dia, mas nesta noite somos reis e rainhas, e o mundo é o nosso reino, o nosso recreio esta noite, e a noite estrelada o nosso dossel.

# Novembro

## O Mês Negro

†

*Casa de azul, amor de verdade*
*Casa de rosa, sem tempo para pensar*
*Casa de cinza, vive muito longe*
*Casa de castanho, em breve na tumba*
*Casa de verde, pouco tempo para ser vista*
*Casa de amarelo, tens vergonha do teu homem*
*Casa de preto, não podes voltar atrás*
*Casa de vermelho, deseja estar morta*
*Casa de dourado, a cama será fria*
*Casa de branco, tudo está bem.*

Rima tradicional



# Um

Chega agora o tempo das árvores sem folhas e dos gansos a dirigirem-se para sul para passarem o inverno. As últimas maçãs foram colhidas; os campos nus foram semeados. O Homem Verde pôs de lado o seu casaco de verão e o Rei do Inverno reina sobre o campo. E as gentes viajantes mais uma vez partiram; as fogueiras da Véspera do Dia de Todos os Santos arderam até só ficarem cinzas.

O primeiro de novembro assinala o momento em que o meu povo se recolhe. A raposa ao seu buraco; o lobo à sua toca; as árvores aos seus sonhos sem folhas. A árvore do espinheiro largou os seus últimos frutos e já não fala comigo. Só o corvo de cabeça branca continua a trazer-me notícias do castelo.

O casamento está previsto para o Ano Novo. Até lá, a futura noiva continua a ser hóspede no castelo. O corvo vê-a ocasionalmente, sentada com o seu bordado ou a olhar pela janela na direção do vale distante. Também eu a vejo, através do olho dourado da aliança que roubei. Uma aliança de casamento é um amuleto potente, uma janela para outros mundos. A aliança de casamento mostra-me o que vê um corvo, a voar bem alto por cima do vale.

Não que haja muito para ver. O nevoeiro desceu dos montes e só a ponta da torre se ergue acima da brancura ininterrupta. Por baixo, está tudo húmido e parado. A floresta é só teias de aranha. A minha fogueira fumega e tenho os olhos vermelhos. O pior de tudo é o tédio.

Se eu fosse eu de novo, entraria na pele de um urso e dormiria até à primavera. Ou numa macieira, para acordar com flores nos ramos. Em vez disso, tenho de ficar sentada na minha cabana e esperar, sabendo que o inverno vem aí.

Pergunto-me o que Fiona estará a coser, lá em cima no seu quarto no castelo. O enxoval de noiva, suponho, para se manter ocupada durante o tempo das neves. Imagino fronhas e lençóis, cada um deles bordado com o nome dela e o dele, ou talvez uma colcha de seda, toda bordada com miosótis.

Pergunto-me quem fará o vestido dela, e de que cor será. Amarelo,

talvez, para condizer com o seu cabelo, ou cor-de-rosa ou azul-celeste. Mas não. O branco é a sua cor. Tem de usar branco no dia do seu casamento. *Casa de branco: tudo está bem*. Se ao menos a pobre rapariga de abril tivesse feito uma escolha afortunada.

Tenho um tear na parte traseira da minha cabana. No ano passado, teci um fino tapete de lã de ovelha castanha e pelo de cavalo. Neste inverno, farei um vestido; um vestido de todas as cores. A minha agulha é aguçada; o meu olhar apurado. Tenho todo o inverno para o fazer. E quando o acabar e o meu feitiço da Véspera do Dia de Todos os Santos tiver obrado o seu caminho para dentro do coração de William, dançarei então em cima da sua sepultura e ficarei livre dele para sempre.

# Dois

Começarei pelo vestido da noiva de abril, com os seus panos modestos e imaculados. Um fino vestido, para uma rapariga da vila, mas eu preciso de algo mais fino. Com a minha faca, cortarei a saia em farrapos de barbas de milho e bordá-la-ei toda com botões de rosa e grinaldas de hera entrelaçada.

Mais uma vez dou comigo a pensar na história da princesa da cozinha e nos seus sapatos para o baile e no seu fino vestido de seda e no seu coche puxado por quatro cavalos brancos. Que tonta, desperdiçar assim as suas dádivas num príncipe tão insignificante. Se eu tivesse três desejos, desejaria subir ao céu e tombar numa chuva de estrelas, e dançar entre as estrelas da aurora boreal. Se tivesse três desejos, transformava-me em bolo de Natal, com castanhas e ameixas cristalizadas, e todo o tipo de doçarias...

*Gueerrra! Guerra!*

Deu agora ao corvo de cabeça branca para bicar o telhado da minha cabana sempre que quer atrair a minha atenção. Afasto o cortinado de pele de veado que impede o vento de entrar. O corvo saltita para dentro da cabana. Tem fome. Os bolos de mel há muito que acabaram. Em breve não haverá mais nada para comer a não ser batatas e bagas secas.

– Que novas me trazes? – pergunto ao corvo de cabeça branca. Mas já sei que novas me traz. A minha aliança de casamento mostrou-me os sinais de más notícias do castelo. Parece que o velho Amo adoeceu. Uma inflamação do pulmão, a seguir a uma caçada. *Um vento de sul e um céu nublado proclamam uma manhã de caça.* Mas o velho tonto foi à caça num vento de leste, que traz sempre tempo de chuva. E agora jaz no seu leito de morte, enquanto o filho percorre os corredores e a futura noiva conta as colheres de prata nas cozinhas e se pergunta – *Quanto tempo mais?*

Se o velho morrer, ela será senhora da colmeia. E William será o seu senhor. Pelo menos, até o meu feitiço funcionar.

*Sou o grão mais frio, mais branco. Assim vós colheis, e assim eu semeio.* A resposta para a adivinha é *Granizo*, o flagelo de todas as colheitas. As minhas sementes foram semeadas, William. E agora vejamos o que tu colherás...

# Três

O velho levou nove dias a morrer. Aguentou-se até ao dia de São Martinho. Mas no dia de Santa Catarina jazia morto e foi sepultado na igreja.

É claro que isso significa que o casamento tem de ser adiado até passar o período de luto. Isso significa doze meses com fitas pretas até a pobre Fiona poder usar o seu vestido branco. Se ao menos o velho tivesse comido uma maçã na Véspera de Ano Novo, como eu – uma cura soberana, dizem, contra todas as maleitas de peito. De qualquer modo, é demasiado tarde para ele agora. Através do olho da aliança, vi o féretro descer o caminho, com as plumas dos cavalos todas molhadas da chuva, e William, no seu casaco de inverno com gola de pele de foca, a caminhar atrás dele, com Fiona ao seu lado.

Sepultaram-no, não com o povo comum, mas no túmulo da família MacCormac. O seu nome está gravado de fresco na parede da pequena capela de repouso final. Esperei até as pessoas se terem ido embora e tudo estar de novo em silêncio e fui apresentar os meus cumprimentos e deixar uma pedra com uma runa junto à porta, para que ele soubesse que era eu. E ali, à luz da nova Lua de Sangue, prometi que poria fim à sua linhagem e veria a sua casa de família em ruínas e as suas terras passarem para estranhos, até ficarem retalhadas e mesmo o seu nome ser esquecido.

E depois voltei para a minha cabana na floresta, o conforto da minha fogueira, o meu bordado e o corvo de cabeça branca. E quando acordei de manhã vi que a primeira geada já viera, pespontando com prata a erva e as teias de aranha, os campos lavrados e as sebes, e soube que o inverno começara de verdade e que a minha espera chegara ao fim.

# Quatro

*Lua recortada: é certa a geada*, é o que dizem. E a lua tem-se apresentado recortada nestas últimas cinco noites, congelando a terra e trazendo geada preta e a morte para muitos animais pequenos – ratos do campo, chapins azuis, lagartixas, rãs – que vivem à volta do lago. Também o lago está gelado: grandes flores de gelo despontam à volta das ilhotas. Os patos escorregam e deslizam na superfície. O corvo de cabeça branca dorme perto da cabana, demasiado bravio ainda para ficar dentro dela.

O castelo está de luto. A minha aliança de casamento mostra-me espelhos tapados, relógios parados e cenas de discreta histeria. A Fiona não agrada que a data do casamento tenha sido adiada. Também não lhe agrada que William, que ainda não atingiu a maioridade, não possa herdar as terras do seu pai, mas tenha de aguardar até fazer vinte e um anos. Até essa data, o seu tio será o administrador da fortuna *e* tem de dar a sua aprovação às núpcias iminentes. O desprazer silencioso de Fiona é claro. Trabalha no seu enxoval com os lábios comprimidos: sem dizer nada, de olhos baixos. Teve de contratar uma dama de companhia, escolhida pela sua falta de atrativos.

Entretanto, o Povo anda inquieto. A morte do senhor do castelo, tão súbita, causou pena e ansiedade. O velho senhor era popular; o seu filho foi criado entre o povo da vila. Nadou com as outras crianças no lago; roubou-lhes maçãs dos seus pomares. O povo da vila lembra-se disso. Agora, ele é o senhor deles.

Uma morte em novembro significa que se avizinham tempos duros. O inverno ainda está a começar. Ao longo dos três meses seguintes, poderá haver mais do que uma dúzia de baixas. Idosos, na maior parte, ou bebés de colo demasiado fracos para aguentarem as noites húmidas. Mas com o fim do ano chega a sensação de algo mais tenebroso a aproximar-se. Quatro ovelhas foram levadas por lobos na noite passada, e o lavrador jura que viu a marca de uma mão no sangue no muro de pedra do redil e soube então que aquele não era um lobo comum. Há outros agoiros também. Uma pedra com uma runa, encontrada no adro da igreja. A sepultura violada de uma rapariga. Esses são de facto sinais de mal, e o Povo anda perturbado.

Através do olho da minha aliança de casamento, vejo como fermenta o

medo. O Povo é como um formigueiro atravessado por uma carroça de passagem. A carroça prossegue, mas as formigas ficam em guerra contra tudo o que se aproxime delas. Tenho de ter cuidado. Não é um bom sinal para os da minha condição. O Povo é medroso e facilmente excitável, o que muitas vezes se transforma em ódio. E eu não posso simplesmente entrar na pele de uma lebre ou de uma cabra até este perigo ter passado.

No domingo, passou pela vila um vendedor ambulante com um carregamento de cestos. Noutra ocasião, poderia ter sido bem-vindo. Desta vez, o Povo mandou-o embora com olhares reprovadores e resmungos. Alguns moços pequenos atiraram-lhe pedras. Tenho de ter cuidado. Sozinha na minha cabana na floresta, tenho agora mais do que lobos com que me preocupar. E com as noites a ficarem mais compridas e o vento frio e cortante como o gume de uma navalha, talvez tenha ainda de lidar com o Povo e de negociar a minha sobrevivência.

# Cinco

Mais gelo, e o lago está duro, gelado. Mas o gelo no mês negro é traiçoeiro, com a água ainda quente do verão. Um par de rapazes da vila, atraídos pela esperança de patinar até às ilhotas, caiu à água. Um morreu, o outro não. O lago não estava assim tão quente, afinal.

Em tempos de menos suspeitas, o Povo teria visto aquilo como o que foi – um acidente. Mas agora, com a mais ínfima coisa tomada como mau presságio, as formigas estão prontas a atacar tudo o que se lhes atravesse no caminho.

Assisti ao funeral de longe. Soaram as badaladas de luto do sino da igreja. E as formigas, com os seus casacos negros e os seus chapéus de inverno, agruparam-se no cemitério, no círculo de ouro da aliança de casamento. A morte de um ancião – mesmo que seja o senhor da terra – é natural, dizem elas. Mas um rapaz saudável de nove anos, que teria crescido forte e formoso...

Isso é mais do que uma tragédia para uma comunidade como esta. A mãe do rapaz que morreu chora como um gato. O pai dele é como um urso, e está furioso. As outras crianças, numa atitude submissa forçada pela presença da Morte, mantêm-se de pé, de olhos arregalados, à volta da campa. A Morte levou uma delas. A Morte poderia ter levado qualquer uma delas. Da árvore encantada pendem mais uma vez fitas e oferendas.

Vejo-as. Tiro-as. Uma colher de prata; um pote de barro, um pedaço de aço, um lenço com rendas. Estas coisas podem ser vendidas, desde que eu faça o meu negócio longe da vila. Com o dinheiro poderei comprar pão, queijo, um garrafão de vinho para as noites de inverno. Mas tenho de proceder com cautela. Irei à cidade. Há lá uma feira mensal. Posso chegar a pé em dois dias. Mais dois dias para regressar. Duas noites a dormir como calhar – num abrigo, num celeiro – e depois de volta à minha cabana, e à segurança. E tenho outras coisas para vender: feitiços contra a febre, saquinhos com lavanda para pôr na arca do linho. A gente da cidade compra-os, sei que sim.

Amanhã, parto ao romper do dia. Ninguém me verá ir. Ninguém a não ser o corvo de cabeça branca que faz de meu protetor. Avisa-me quando se

aproximam estranhos; quando a minha fogueira lança demasiado fumo; quando o vento traz chuva ou os lobos rondam por perto. Virá comigo à cidade, para ver o que está na estrada à minha frente, para me avisar de perigo a aproximar-se. O corvo de cabeça branca é o meu guardião, o mais fiel do meu povo. De entre todos, só ele decidiu ficar comigo durante o inverno, para olhar por mim, para me ajudar a sobreviver. E se por vezes anda na pele de um lobo e chacina as ovelhas no seu redil – que dizer a isso? Se eu tivesse de novo os meus poderes, não faria o mesmo?

# Dezembro

## O Mês que Também É Negro

†

*Com boa cerveja, bom pão e paz em casa –*
*Se a neve vier, então que venha.*

Provérbio das Terras do Norte



# Um

Pedi a um leiteiro que me levasse na sua carroça na última légua da viagem e assim, chegando à cidade ao fim do dia, pude passar a noite numa estalagem, num quarto no sótão que partilhei com duas outras mulheres – uma freira, a outra uma meretriz – o que era mau prenúncio para a minha noite de sono.

Dormi até tarde, no entanto, e acordei com o som de atividade. O corvo de cabeça branca estava empoleirado no telhado debaixo da minha janela e, ao olhar para a praça, vi os mercadores e os vendedores ambulantes a disporem as suas carroças e as suas bancas, enquanto os ferreiros, os ciganos e as pessoas como eu paravam por ali, a aguardarem a sua oportunidade de arranjar um lugar.

Havia vendedores de cerveja, homens com ostras, carniceiros e rameiras; homens a venderem empadas de unto e de cebola e de trigo. Havia vendedores de lã e vendedores de feno, de vinho e de algas, e de couro e de luvas. Havia homens do queijo e farrapeiros, e vendedores de camarões e de colheres, e esfoladores e todo o tipo de mercadores e comerciantes, assim como tocadores de gaitas e de rabeca, carteiristas, ladrões, contadores de histórias e outras aves de arribação de feira.

Passei em revista a minha mercadoria. Quatro colheres de prata, dois potes de barro, um cobertor tecido com pelo de coelho. Sessenta e dois saquinhos com lavanda, feitos de um saiote de musselina roubado a uma corda da roupa. Feitiços contra a febre, a peste; um coração despedaçado, uma madre seca. Tudo coisas que eu podia vender ali, a começar pela prata, mais abaixo dos ourives e dos fundidores de bronze.

As colheres renderam-me menos do que valiam. Mas o homem não fez perguntas. Daí para o mercado, onde vendi uma dúzia de saquinhos com lavanda, e feitiços, e previ o futuro e li algumas sinas, de modo que a minha bolsa estava a ficar cheia...

Havia uma mulher à minha frente, a olhar para uma das bancas vizinhas. Estava meio virada na minha direção e trazia uma touca de seda preta. O seu cabelo claro estava penteado numa longa trança; tive uma oportunidade de observar o seu rosto quando ela olhou para a fruta exposta. E depois ela

olhou para cima e viu-me...

Fiona tinha engordado desde a última vez que eu a vira. O seu rosto era tão redondo como a lua cheia. Vestia um casaco preto sem forma que lhe chegava quase aos pés, mas, mesmo assim, pude ver o seu andar bamboleante e a maneira como a sua cintura engrossara. A mulher ao lado dela, disse eu para mim própria, devia ser a dama de companhia. Mas quando a vi mais de perto, reconheci-a. Uma solteirona, com lábio leporino, que era a parteira da vila...

Fiona reconheceu-me imediatamente. Vi o seu olhar azul aguçar-se. Virou a cabeça. Falou numa voz como um bando de codornizes a voarem do seu esconderijo...

– Ela está aqui!

E depois ali estava William, e tudo parou. Os sons da feira tornaram-se um murmúrio. A voz de Fiona silenciou-se. *Tudo* se silenciou – a não ser o círculo à volta de nós os dois, um círculo que era de ouro de aliança de casamento, a girar como uma roda de luz.

Ele trazia um casaco de lã de um amarelo mortiço, com uma gola de pele clara e felpuda. Tinha o cabelo limpo e preso. Os seus olhos estavam em todo o lado menos nos meus.

Avançou um passo. – Malmuira – disse.

– Esse não é o meu nome – disse-lhe eu.

Fiona, encorajada pela presença dele, veio pôr-se ao seu lado. Eu disse: – O teu tio sabe que ela está de esperanças?

Ele não teve de responder. O seus olhos disseram-me tudo o que eu precisava de saber. Já era bastante mau que o jovem senhor tivesse prometido casamento aos dezanove anos a uma rapariga da vila sem nada mais como dote a não ser um rosto bonito, mas agora que ela já não era virtuosa, o tio nunca daria o seu consentimento.

Sorri. – Desejo-vos felicidades – disse. – Mas não haverá batizado. Esta criança que trazes no ventre será tão sem nome como qualquer uma das gentes viajantes.

– O que queres dizer? – perguntou Fiona.

Os olhos de William bailavam daqui para ali, como pulgas numa chapa quente.

Ri-me. – Penso que sabes o que quero dizer.

Fiona disse: – Como te atreves!

Ri-me de novo e disse-lhe: – Mesmo que ele casasse contigo, até ao Dia de Maio ficarias viúva.

O rosto pálido dela ficou mais pálido. – O que queres dizer? – repetiu.

Eu disse: – *Sou o grão mais frio, mais branco. Assim vós colheis, e assim eu semeio.*

– É uma maldição – disse Fiona, arregalando os seus olhos azuis.

William deixou-se ficar ali, sem olhar para mim. Parecia muito novo, e perguntei-me como pude alguma vez vê-lo como um homem. Julgara-o muito mais velho do que eu, muito mais sofisticado. Mas agora via que era um rapaz, inexperiente, quase imberbe.

– O que lhe dizes a ela, William? – perguntou Fiona, toda queixosa. – A bruxa, a bruxa amaldiçoou-nos! Chama o padre! Chama a aia! Sinto-me mal. Posso desmaiar, posso *morrer*...

– Malmuira, por favor – disse ele. – Para com isso. Estás a perturbar a Fiona.

*Não, estou a perturbar-te a ti,* pensei, e sorri interiormente mais uma vez. Os seus olhos estavam finalmente pousados em mim, e eu sabia que ele estava a perguntar-se como poderia alguma vez ter pensado que amava uma rapariga tão morena assim, uma rapariga tão bravia, uma rapariga tão diferente dele a todos os respeitos. Olhei para ele através das farripas do meu cabelo, todo entrançado com penas. Disse:

– Com roupa te aquece até que maio fenece, porque nesse dia dançarei na tua sepultura e voarei acima de ti como uma cotovia. Nesse dia, saberás o meu nome, que só é conhecido pelos mortos. E nesse dia ficarei livre e no céu soará o meu riso.

Fiona soltou um gritinho e caiu nos braços da parteira.

William recuou um passo. – Não tenho medo de ti – disse, em voz trémula. – Podes ter-me enfeitiçado uma vez, mas agora vejo-te como a rameira ordinária que és.

Aquilo enfureceu-me. – Eu era donzela. Catorze anos fui donzela – disse eu – até me dar a ti.

Ele riu-se escarninho, pressentindo a minha fraqueza. – Uma rameira ordinária, e mentirosa também – disse. – Uma bruxa feia, que merece a forca.

Ri-me outra vez, embora me doesse o coração. Então é isto o que ele pensa de mim. É isto que resta do seu amor, desaparecido como os nós na árvore encantada, como o primeiro chamamento do cuco. Que tonta fui ao pensar que um moço do Povo poderia conhecer o meu coração. O Povo é fraco e inconstante e amansado e não merece que reparemos nele.

– Procura-me quando o abrunheiro florir – disse eu. – Estarei a pensar em ti.

E depois dei meia-volta e deixei-os ali antes que pudessem ver as

lágrimas nos meus olhos, e, com o meu fardo e o meu corvo de cabeça branca, abandonei o largo da feira e a cidade e iniciei a caminhada para casa pela estrada para que, quando William passasse por mim na sua carruagem, não me visse a chorar.

# Dois

Passei a noite num abrigo, com o corvo de cabeça branca como minha sentinela. *Guerra, Guerra*, é o seu grito áspero, e agora que amanheceu vejo os primeiros polvilhos de neve, lá alto no cume dos montes pretos.

Será bom regressar à minha cabana e à floresta, e à minha fogueira. Será bom dormir todo o dia com a neve macia a cair. O céu está pesado e nublado. Ainda não neva, mas vai nevar. O vento sopra do norte, mas quando soprar do leste trará neve. Os mais avisados de entre o Povo cobrirão os seus morangueiros com palha, recolherão os seus porcos, cortarão a lenha e darão às abelhas água com mel e rosmaninho.

Hoje é a véspera do Dia de Santa Luzia. *Luz de Luzia, luz brilhante: o dia mais curto e a noite mais grande*. De facto, ainda faltam alguns dias para o dia mais curto do ano; e, no entanto, esta manhã dá a sensação de crepúsculo, embora ainda seja cedo. O céu está baixo e soa como um tambor e as nuvens são como água suja. Estugo o passo, na esperança de ganhar a corrida às nuvens de neve que rolam no céu, mas já está escuro quando chego à vereda estreita para a vila.

No entanto, há um clarão no céu. Não do pôr do sol, não ainda do amanhecer, mas como luz de fogo. Vem da floresta, e com ele um cheiro a fumo de madeira a arder e gritos distantes de excitação.

Uma fogueira, para a Véspera do Dia de Santa Luzia? A floresta parece um local estranho para isso. Seria demasiado fácil, mesmo num dia como este, que o fogo alastrasse e queimasse as árvores. No entanto, é o que parece; e o fogo já está a alastrar, enquanto homens do Povo, de casaco e capuz, sobem e descem a vereda da floresta.

Não posso entrar na pele de uma lebre e observá-los dos fetos. Mas posso atravessar o bosque em silêncio e, deixando o meu fardo escondido em segurança debaixo de um arbusto de abrunheiro junto ao lago, parto para ver o que se passa.

Sei no meu íntimo o que está a acontecer antes de chegar à vereda para a minha cabana. A vereda é estreita, ladeada por arbustos de giesta, mas já os ouço. O Povo é muitas vezes trapalhão, muitas vezes ruidoso, e, esta noite, vem armado com tochas e paus, as suas vozes erguidas com a ira. Ouço-os

gritar – *Bruxa! Enforquem a Bruxa!* – e recuo para a sombra. Ninguém me verá debaixo da giesta. Ninguém ouvirá o meu coração engaiolado.

E assim fico a ver a minha casa arder e a escutar os seus gritos ébrios – porque estes são homens da vila, com a audácia de serem muitos e das canecas de cerveja que beberam – e eu sei quem os conduziu a este lugar. Só duas pessoas o conheciam. E quando o corvo grita – *Guerra! Guerra!* – sinto o vento virar para leste: e, com ele, penso que já consigo sentir os primeiros flocos de neve a caírem.

# Três

Não tarda aí a época do Natal, com talismãs de azevinho na árvore encantada e o sino da igreja a tocar e cânticos e grinaldas nas portas. O Natal, tempo de paz e de boa vontade e de gansos gordos a assar no lume e de castanhas, de maçãs bravas, de papas de trigo; de pudins, bolos e vinho doce...

Não que eu vá ter nada disso. Os ricos darão a sua esmola na igreja e pagarão pela remissão dos seus pecados. *Mas o dinheiro é como uma grande porta que se fecha para dentro no coração de um homem.* Os pobres passarão fome neste Natal, como as gentes pobres sempre passam, e os ricos jantarão carne de veado e cantarão os seus cânticos de redenção e acenderão as suas velas para contrariar a noite e tentarão não pensar na escuridão.

No castelo, Fiona estará ocupada com os bordados do seu enxoval. William olhará para a neve, que tem agora quase trinta centímetros, e pensará em mim, e em si, e perguntar-se-á porque não fui encontrada.

Nevou na noite do meu regresso. Talvez tenha sido isso que me salvou. O Povo tinha cães a procurar-me, mas a neve que caía ocultou o meu odor e, quando por fim compreenderam que eu abalara da floresta, a neve já cobrira tudo, sem sequer uma pegada a indicar o meu rasto.

Vão tomar aquilo como sinal de bruxaria, é claro. Só uma bruxa poderia desaparecer sem deixar sequer uma pegada. Só uma bruxa poderia esconder-se, enganando até os cães de caça trazidos pelo Amo William. Mas até mesmo uma rapariga viajante sozinha pode desembaraçar-se, se necessário. E, sem mais nenhum refúgio em vista, atravessei o lago para a maior das ilhotas.

Estas ilhotas formam um colar à volta da garganta escura do lago. Só há duas de tamanho suficiente para me dar abrigo; as outras não passam de dentes partidos. Só uma estava ainda ligada à margem pelo gelo, e eu rastejei de gatas até lá, a testar o gelo centímetro a centímetro.

Assim consegui chegar à margem mais próxima, e a seguir trepei a encosta com o fardo à cabeça. Não deixei pegadas a assinalar a minha passagem. Não ficaria o meu odor para os cães o encontrarem.

A ilhota teria uns noventa metros de comprido, uns trinta de largo. Algumas dúzias de árvores; alguns penedos tombados, uma gruta pouco funda na sua base. Eu trazia alguns mantimentos no meu fardo da feira e o meu cobertor de lã para o frio, mas, mesmo assim, sabia que sem abrigo não poderia sobreviver. Encontrei uns fetos e umas árvores tombadas e consegui fazer um alpendre improvisado junto à entrada da gruta, mas havia demasiada humidade para fazer lume, e, além disso, o fumo de uma fogueira certamente me trairia. Embrulhei-me no cobertor e puxei o feto para cima de mim, mas dormi muito pouco, um sono sobressaltado, e quando acordei, algum tempo antes do amanhecer, sentia dores no corpo por causa do frio.

A maior parte das pessoas morre uma hora antes do amanhecer. É o ponto de menor resistência ao puxão do escuro. Uma hora antes do amanhecer, pode ver-se a bainha pálida do céu noturno a começar a desfazer-se: podem ouvir-se as aves a acordarem; há esperança. E esse é o momento em que se desvanecem, os velhos e os bebés de colo, os que deslizam suavemente para a escuridão e os que lutam até ao fim. Eu já luto há tanto tempo, pensei. E agora o meu William quer-me morta. E seria muito mais fácil ir-me em silêncio com a madrugada, e com a neve a cair como pétalas.

E então ouvi um rosnado cavo junto à entrada da gruta. Forçando-me a mover-me, olhei para fora e vi uma forma magra e cinzenta a encarar-me com os dentes arreganhados.

Era um lobo. Um grande lobo cinzento com olhos como tições. E, atrás dele, outro, preto como o carvão, com uma só lista pálida na cabeça.

Senti um súbito acesso de medo, e com ele uma pontada de divertimento. Claramente, não estava tão pronta a morrer como pensara. Comecei a levantar-me a custo, sabendo que, por vezes, os lobos hesitam em face de uma presa mais imponente. Mas eu estava demasiado fraca; tombei sobre um joelho nos fetos, indefesa.

O lobo cinzento rosnou de novo, mas não me atacou. Em vez disso, e para minha surpresa, enfiou o focinho por entre a camada de fetos e veio deitar-se ao meu lado. O lobo preto fez a mesma coisa, pousando a cabeça no meu ombro. E ao sentir o seu calor começar a trazer de volta à vida o meu corpo gelado, compreendi que aqueles não eram lobos do tipo comum, mas gentes viajantes que tinham vindo ajudar-me.

Quem eles eram na sua outra vida, não sabia. As nossas gentes raramente comunicam cá fora, abertamente. Algumas vivem como eu, nos bosques; outras guardam rebanhos nas montanhas. Algumas vivem até entre o Povo, mantendo secreta a sua verdadeira natureza: fazendo como faz o Povo;

escondendo-se à vista de todos. Os lobos não falaram, deitando-se apenas ao meu lado no abrigo. Sentia o pelo deles contra a minha pele, cheirava o seu odor, não exatamente de cão. De vez em quando, sentia uma língua áspera na nuca; um focinho macio a roçar-me o rosto. Aos poucos, senti que o frio, e com ele aquela sensação de desesperança, se desvanecia. William quer-me morta, pensei: por si só, isso deveria bastar para eu sobreviver. O lobo cinzento e o lobo preto dormiam, estremecendo e bufando nos seus sonhos. E, finalmente, também eu adormeci; e quando acordei, estava a nevar.



# Quatro

*A neve cuida da terra*, diz-se, *e de tudo que nela seja semeado*. Por isso, para sobreviver, eu tenho de ser como as sementes que dormem debaixo da terra coberta de branco. Cavei a terra para expandir a gruta, forrei-a com musgo seco e fetos, e assim tornei o meu abrigo tão confortável quanto pode ser um lugar como esse.

Podia ser pior, digo para mim própria. Tenho roupas e comida e vinho. Ainda tenho a minha faca e o meu feitiço da aliança de casamento e a minha caixa para acender o lume. Não que me atreva ainda a fazer uma fogueira, mas este tempo húmido não vai durar, e em breve poderei cavar uma cova para uma fogueira e mantê-la escorada e sem fumo.

Os dois lobos vêm até mim todas as noites. Juntos, dormimos em segurança. E, sob a neve que cobre a terra, estamos escondidos, estamos quentes, e aguardamos que a perseguição termine. Por vezes, os meus amigos trazem-me carne das suas caçadas. Coelho, ainda quente; e a sua pele pode ajudar a forrar e a impermeabilizar o nosso covil. Ou um quarto traseiro de um borrego, arrastado dos montes, ou um peixe do rio. Não posso cozinhar a carne, claro. Mas isso não me incomoda. Já comi carne crua, como loba, como ursa, como raposa. Como com os lobos. Durmo com os lobos. E, embora continue a não poder viajar, consigo por vezes esquecer-me de quem sou e sonhar que sou uma deles e com o sonho ficar mais forte.

Passaram cinco dias desde que a minha cabana foi queimada. William ainda me perseguirá? Os cães estão em silêncio desde ontem. Na neve, o meu odor ficou perdido. Também o gelo está a derreter, de rendas brancas para pretas. Em breve este lugar voltará a ser uma ilhota. E os cães não se atreverão a aproximar-se dos lobos. O odor deles cobre o meu e mantém afastado quem me queira fazer mal.

Tento não pensar em William. Julgo que não compreendia até agora o quanto ele me receia e odeia. Penso que uma parte de mim ainda tinha a esperança de que ele pudesse de algum modo mudar de ideias. O corvo de cabeça branca foi quem primeiro o disse – *Guerra!* – e agora que é um lobo de cabeça branca di-lo ainda mais claramente.

Tenho de o mandar investigar outra vez. O meu amuleto da aliança de casamento só me mostra neve. Mas sei no meu íntimo que ele pensa em mim, e estremece, e sorrio, deitada na terra como um cadáver, e sei que ele jazerá nela em breve. Esta certeza aquece-me mais do que a lareira dele; mais do que o sabor a sangue na minha boca; mais do que o bater do meu coração. Tu declaraste-me guerra, William: fica a saber que tenciono combater até à morte. E quando estiveres frio e debaixo da terra, as aves cantarão e o sol brilhará e dançarei descalça em cima da tua sepultura com uma coroa de flores de maio na cabeça. Mas não antes de tu me implorares de joelhos que te perdoe e de veres tudo aquilo de que gostas transformar-se em fumo e cinzas...

*Guerra*, diz o meu protetor. O som é quase como um ronronar.

*Guerra*.

# Cinco

Dia de Natal, e a luz do dia prolonga-se tanto como o bocejo de um mosquito. Do meu covil, ouço os sinos e sei que William os ouve também.

O meu amigo na pele de corvo diz-me que o tio de William chegou por fim da cidade, com muita agitação, e em resultado Fiona foi mandada para casa. O escândalo da gravidez dela garante que não haverá casamento. O tio de William deixou-o claro: está em jogo a honra da família. William pode dormir com quantas raparigas da vila queira – ele é, afinal, o morgado, e tem o direito de lançar a sua semente onde lhe aprouver –, mas a sua noiva tem de ser uma virgem. O tio não se deixa demover.

Quanto a Fiona, está de cama. A sua hora não deve tardar. E, além disso, na cama não pode ouvir os boatos, ver as sobrancelhas erguidas ou ouvir as palavras ásperas. Mas sobreviverá, penso eu. A minha guerra não é com ela.

A neve persiste, embora o gelo tenha derretido e seja agora renda branca. A minha cova para a fogueira está pronta: um metro de profundidade e meio de largura, e o fogo arde, baixo e quente nas brasas, e o fumo pálido filtra-se por entre as árvores. Mesmo assim, sinto que é duro. Não saio da ilha. Os lobos trazem-me comida das suas caçadas e dormem ao meu lado e dão-me forças, mas continuo a sentir a falta da minha liberdade. O meu refúgio tornou-se uma prisão e sofro tanto com o tédio como com o medo de ser perseguida e apanhada.

Mas não estou inteiramente isolada. Três dias depois de chegar aqui, encontrei um barco na ilhota. Era um pequeno barco a remos, do tipo que o Povo usa por vezes, e tinha sido ancorado num local arborizado onde não poderia ser visto da margem. Nele, encontrei mantimentos: vinho, comida, cobertores, lenha.

Ao princípio, pensei que descobrira os pertences de um pescador. Mas como ninguém veio reclamar a mercadoria, compreendi que devia ter uma pessoa amiga na vila. Talvez uma das gentes viajantes, a viver em segredo entre o Povo? Sinto-me tão só na minha fraga no lago, apenas com os lobos por companhia. A ideia de que alguém possa querer o meu bem é subitamente, dolorosamente tocante. Ajudar-me – perseguida e proscrita – é arriscar-se a partilhar a minha sorte. Quem quer que seja, já fez mais por

mim do que William. Compreendo agora quão pouco ele se importava comigo. Mas quando se teve tão pouco amor, até mesmo as migalhas da mesa servem.

Não me atrevo a usar o pequeno barco para sair da ilha – ainda não. Andam demasiadas pessoas à minha procura – entre elas, William. E o corvo de cabeça branca é demasiado reconhecível. Já se diz que ele está ao meu serviço. Só tenho o meu amuleto da aliança de casamento para me mostrar o que está a acontecer. E por isso passo os dias curtos e escuros a ver o Povo através do seu olho brilhante e a registar a passagem do tempo na casca prateada de uma árvore vizinha e à espera do regresso a casa dos lobos e a pensar na minha vingança.

*Quando a época do Natal chega qual noiva...*

O que vai ser?, pergunto-me. Uma doença ou um acidente? Ele terá tempo para compreender que eu fui a causa da sua perdição? Terá tempo para suplicar e rezar ou acontecerá tudo num instante? O meu amuleto da aliança de casamento não me mostra nada, e eu ando de um lado para o outro e rosno com impaciência na minha pequena fraga, enquanto na vila os sinos da igreja soam paz e boa vontade aos virtuosos.

# Seis

*Não faleis mal do ano*, diz-se, *antes de o ano acabar*. Alguém deve ter-se esquecido disso. Falar dos problemas que se têm nos dias entre o Natal e o Ano Novo é vê-los multiplicarem-se como traças, a comerem tudo na casa.

Os meus espiões informam-me que Fiona entrou em trabalho de parto ontem à noite. O parto foi doloroso e estranho, e quando chegou o momento de o bebé nascer, não havia bebé, só água, sangue e um saco vazio de pele solta, como se algo tivesse comido a criança na barriga da mãe, assim como certos predadores chupam a carne de uma crisálida.

É claro que o Povo gritou logo que era bruxaria. Só a bruxaria poderia explicar tal coisa.

A parteira com o lábio leporino deitou as culpas à predileção de Fiona por figos secos, pois que *se os figos forem comidos fora da época, o Diabo exigirá os seus*. Fiona, histérica, negou que o Diabo tivesse algo a ver com aquilo, e atribuiu as culpas àquele dia na feira, quando eu lhe deitei o mau olhado.

William não diz nada, mas pressinto o seu incómodo. A presença continuada do seu tio significa que não se atreve a ir visitar Fiona. De facto, é quase divertido ver a rapidez com que a abandonou. A gravidez dela já era uma coisa suficientemente má, mas o desaparecimento da criança não nascida é mais do que aquilo para que ele tem estômago. Agora, fica nos seus aposentos e recusa-se a sair até ao fim do ano. O período entre o Natal e o Ano Novo é um tempo escuro, incerto: um tempo em que os cães uivam, as bruxas voam e os mortos observam os vivos. Talvez ele me sinta a observá-lo e pense que estou morta. Espero que sim.

Entretanto, o Povo anda inquieto. Os augúrios foram terríveis. Nascimentos estranhos, sons invulgares, o comportamento fora do comum do gado: tudo aponta para bruxaria. Eu, claro, sou a principal suspeita. O meu desaparecimento não explicado; as minhas palavras sinistras a Fiona. E também já fui avistada. Um velho que saía da estalagem depois de uma noite a beber muito jura que me viu no céu, montada numa vassoura. Um segundo velho contesta isso, e afirma que eu ia montada numa estaca de feijoeiro. De uma maneira ou da outra, foi bruxaria, e todos os dias há quem

me aviste, a confirmar as suspeitas do Povo.

Do meu esconderijo, observo e aguardo. O gelo derreteu e preciso do meu barco para sair da ilha e voltar. Não vou longe. Mas a pessoa minha amiga na vila deixa-me lenha, pão, queijo e por vezes vinho debaixo de uma moita junto ao lago. Vou verificar o local com regularidade. Até agora não vi ninguém, nem sequer pegadas na neve.

Quem *é* a pessoa minha amiga na vila, e porque arrisca a vida por mim? Vir em meu auxílio é perigoso, e, no entanto, quem quer que seja continua a vir. Penso na Anciã, na sua árvore do espinheiro. Será ela? Sento-me junto às árvores, ao lado da minha cova da fogueira, a tentar ler o fumo que se ergue. Seria um consolo vislumbrar pelo menos um rosto amigo. Mas só vejo a ilhota, com as suas bétulas prateadas sob a neve, e a escuridão do pinhal e os patos junto ao lago.

# Janeiro

## O Mês Frio

†

*Chapéus cheios, bonés cheios,*
*Cestos, cestos, sacos cheios.*

Provérbio do século XVII



# Um

Chega agora a época de cortar lenha, e devo manter-me no meu sítio na ilhota. Todos os dias, à volta do lago, ouço o Povo a cortar lenha. Janeiro é o mês frio, o mês de geadas e de augúrios, e uma semana de sol em janeiro significa tempo mau em maio. Por mim, acolho o sol com agrado. A neve já se foi e durante o dia posso desfrutar dos primeiros pálidos raios de sol de um novo ano. As noites são geladas, mas, graças aos meus lobos, durmo sempre facilmente. Graças à lenha fornecida pela pessoa amiga desconhecida da vila, a minha fogueira arde dia e noite e posso cozinhar a comida – um peixe do lago, um coelho, um pato, uma mancheia de batatas tardias. O corvo de cabeça branca volta de dia, juntamente com um bando de pegas.

*Uma é tristeza, duas alegria;*
*Três casamento, quatro nascimento.*
*Cinco é céu, seis é inferno...*

É claro que não acredito em tais coisas. O vosso inferno e o vosso Diabo não significam nada para mim. O Povo preocupa-se tanto com o pecado e com todas as maneiras de o absolver que não vê o jugo que lhe põe a Igreja. A Igreja controla o que comem, o que bebem; declara quando festejar e quando jejuar; quando ter filhos, quando se abster, escolhe quando e quem amar. E em troca a Igreja toma-lhes a riqueza e constrói mais monumentos para sua glória. A Igreja está lá à nascença, na morte, em todos os momentos importantes entre as duas. Como um cuco no ninho, consome tudo o que pode e deita fora o que não pode usar.

O ar está frio e límpido hoje. Ouço os sinos da igreja. Um som bonito, o desses sinos, e no entanto não significam nada a não ser problemas para mim – para mim e para todos os da minha condição. Hoje, significam um funeral – e, com ele, mais uma porção de culpa para o monstro em que me tornei aos olhos do Povo. Nada acontece aqui sem alguém invocar o meu nome. Não o nome que ele me deu, não – por isso, pelo menos, sinto-me grata. Tornei-me *Moira Maluca,* a Rainha do Inverno, a Bruxa Preta das

Montanhas, e nos dias escuros do ano as lendas sobre mim cresceram sem parar, como batatas a grelarem numa cave, até não restar mais nada de mim a não ser rebentos, olhos e tentáculos.

*A Moira Maluca come crianças. Agora dorme, ou a Bruxa das Montanhas leva-te. A Moira Maluca dorme numa sepultura de uma virgem durante o dia e caça como um lobo à noite. A Moira Maluca voa numa estaca de feijoeiro e forra os bolsos com estrelas cadentes. O cabelo da Moira Maluca é negro como o carvão; os seus lábios são vermelhos como sangue do coração. Moços, cuidado; ela rouba-vos a alma e vagueareis pela Terra para sempre.*

As pegas são faladoras. Espalham a palavra. *Moira Maluca*. *Moira Maluca*. Espalham a notícia pelo céu, pelos bosques, para o outro lado do lago, e eu sinto que largo o passado e me torno sem nome outra vez.

*A Moira Maluca voa numa carruagem puxada por escaravelhos, os Cavalos do Diabo. Quando o vento sopra do oeste, a Moira Maluca está a caçar. A Moira Maluca tem um gato preto. O seu nome é Willumskillum...*

Más notícias para os gatos pretos da vila. A partir de agora, serão perseguidos, as suas peles penduradas na árvore encantada. As bagas da sorva e o fio vermelho são subitamente divisas a circularem na vila.

Pergunto-me se William ouvirá estas histórias. Pergunto-me se as espalhará. Ou será Fiona, que anseia por encontrar um sentido para a sua pequena tragédia? Fiona foi absolvida na igreja, o seu deslize de virtude perdoado. Qualquer pecado que tenha cometido foi culpa da Moira Maluca.

Moira Maluca, a Bruxa das Montanhas, a devoradora de tudo o que é sadio e bom. Moira Maluca, cujo coração é frio como as pedras e que desvia os jovens com as suas artimanhas e nunca mostra piedade. Moira Maluca, que é tão velha como os montes e se alimenta das almas de crianças.



# Dois

Dia de Santo Hilário: o dia mais frio, e o Povo vai fazer fogueiras nos seus pomares e cortar lenha para o frio e brindar às suas árvores de fruto, para garantir uma boa e proveitosa colheita.

*Brindai às árvores para que deem*
*Muitas ameixas e muitas pêras.*

Mas já se passou tanto tempo desde que vi umas ou outras. O que eu não daria agora por uma ameixa, uma pera ou até mesmo uma maçã ácida? As maçãs ácidas já desapareceram todas das árvores: não se encontram mais nenhumas. As oferendas de pão e queijo da pessoa minha amiga da vila só proporcionam uma mudança ocasional na monotonia da minha dieta alimentar. E, claro, estou grata aos meus lobos pelo que me trazem, mas anseio por algo mais do que coelho, peixe ou borrego.

Pela primeira vez desde que cheguei aqui, fui à floresta hoje. Deixei o meu pequeno barco escondido por baixo de um monte de tojo e fetos e fui pé ante pé para a floresta em busca das cinzas da minha vida.

Junto à vereda, despontam as campainhas brancas, apinhadas como conspiradores. As campainhas brancas dão-me esperança agora, mesmo no mês mais escuro: falam de nova vida e de sangue quente e da promessa distante da primavera.

Nada resta da minha cabana. Só uma pilha de toros enegrecidos e a terra queimada à volta da cova da fogueira. O meu tear foi-se, e o que teci e o vestido de noiva da rapariga de abril. Mas encontrei a minha panela, meio enterrada na terra mole. Tirei-a para fora e limpei-a. Pergunto-me porque não a levaram. Mas a panela de uma bruxa está amaldiçoada. Só um tolo lhe tocaria. Quem sabe o que a Moira Maluca cozinhou nela – olho de serpente, coração de sapo, sangue de criança? Quem sabe que fórmulas mágicas segredou no fumo que se erguia?

Esperei que caísse a noite para me aventurar até ao anel das fadas. Na vila, as portas estavam aferrolhadas e as janelas trancadas para não entrar o frio. A lua era jovem e estava debruada a branco – haveria geada de manhã.

Via as pedras encantadas ao luar – algumas brancas, outras pretas, como as peças de um jogo. A árvore do espinheiro destacava-se contra o céu brilhante, como um espantalho. Parecia morta, de ramos nus para além da sua grinalda de azevinho. Até mesmo os farrapos e as fitas pendiam imóveis, sem uma aragem que os agitasse.

Entrei no anel das fadas. A minha boneca de bolso ainda estava na fenda da velha árvore do espinheiro. Atacada pela geada e pela neve, já não está branca, está cinzenta, com o vestido de pano estaladiço; os pontos desfiados. Quando já nada restar dela, serei livre de novo e correrei com os veados e nadarei com os peixes e florirei com a árvore do espinheiro. Quando já nada restar dela, até mesmo a Moira Maluca se irá, e eu ficarei livre de mim mesma, e dele, e de tudo o que seja humano...

*Sabia que virias cá antes que passasse muito tempo.*

A voz não era mais do que um sussurro. No mais fundo da pele da árvore do espinheiro, a Anciã sonha com a primavera.

*Pensaste que eu estava morta. Admite-o*, disse ela, e eu achei que detetava algum humor na voz; um tom caloroso sob a casca gelada, como o brilho nos olhos de uma mulher velha.

– Admite: pensaste o mesmo de mim – disse eu, e os ramos estremeceram, divertidos.

*Oh, tu és das fortes*, disse a Anciã. *Eu saberia se te tivesses finado.*

Acredito nela, como acredito que ela é a minha amiga da vila. Só ela poderia ter feito aquelas coisas. Só ela poderia ter sabido onde eu me encontrava. *Ela* trouxe-me a lenha; a comida; ela trouxe-me o barco a remos. Enviou-me os lobos no pino do inverno; o corvo de cabeça branca para me trazer notícias. É minha amiga, embora eu tenha roubado as oferendas dos seus ramos.

– Devo-te a vida, Velha Mãe – disse eu, e ela riu-se.

*O que é uma vida ou duas, entre amigas?*

– Mas, e agora? E o William? Quanto tempo falta para que o feitiço funcione?

Um encolher de ombros, bem no fundo da pele da árvore do espinheiro. *Paciência, minha filha. As sementes estão semeadas.*

Se ao menos eu tivesse paciência. Se ao menos conseguisse dormir até à primavera. Se ao menos fosse a árvore do espinheiro, demasiado velha para amar, demasiado sábia para odiar.

*Volta depressa para o teu covil, lobinha*, disse ela. *Uiva à lua, mas em silêncio. E quando a Lua do Lobo se erguer, olha na direção das estradas e põe-te à escuta de cascos de cavalos...*

– Porquê, Velha Mãe? – perguntei, ansiosa. – O que virá? O que sabes?

Mas a velha árvore estava outra vez adormecida e não disse nem mais uma palavra. E, assim, esperei e observei a lua e pus-me à escuta do som de cavalos.

# Três

O Dia de São Paulo está a chegar e o Povo rezará para que neve, porque *se a erva crescer verde no Dia de São Paulo, os prados do verão com fome vão pagar.*

Por mim, observo os ouriços-cacheiros, porque o ouriço-cacheiro sabe para onde o vento vai soprar e constrói a sua toca de feição. Agora, anuncia vento do oeste, o que significa um mês tempestuoso, mas eu continuo segura na minha ilhota, com os meus lobos para me manterem quente.

Mas receio bem que isso mude em breve. O lavrador já perdeu demasiadas ovelhas para os lobos ao longo das últimas semanas, e agora jura que lhes vai dar caça e matar as suas crias e levar-lhes as peles. Mais uma vez, vejo os habitantes da vila com tochas na floresta. Mais uma vez, ouço vozes erguidas e os latidos dos cães da vila. Os cães não chegarão à ilhota. Mas o cheiro dos lobos excita-os. Em breve, trará homens ao nosso covil, armados com facas e arcos com flechas.

Os meus amigos lobos sabem-no, claro. Receio por eles assim como por mim. Têm de subir para terras mais altas: a neve; as montanhas rochosas. Eu tenho a minha gruta; a minha fogueira. Sobreviverei sem eles.

Na vila, as gentes do Povo andam às avessas. Algumas acreditam que o poder da oração as libertará dos seus problemas. Outras adotam o ponto de vista oposto e dizem que a Moira Maluca está zangada com elas e deve ser aplacada com oferendas. Isso convém-me – ou convir-me-ia, se as suas oferendas fossem mais úteis. Mas um prato de bagas vermelhas num muro ou sal polvilhado à soleira de uma porta não são propriamente o tipo de auxílio de que preciso.

Seja como for, estou mais uma vez só. Fica apenas o corvo de cabeça branca. Todos os dias, traz-me notícias. Todos os dias, fala comigo. E agora, das estradas, traz-me o som de cascos de cavalos contra o chão, e sei, pelo batimento acelerado do meu coração, que a Lua do Lobo se está a erguer.

# Fevereiro

## O Mês Rodopiante

†

*Com aqueles seis meses passados,*
*Bem passados e bem findos,*
*Em tempos tão bravo, o meu amado*
*Com amor adoeceu por fim.*

The Child Ballads, 295



# Um

Chega agora o tempo de lavrar e a sementeira do feijão e da aveia: Santa Brígida, e o seu dia, e a Lua do Lobo a erguer-se formosa. Os lobos passaram as montanhas. Ouço-os uivar ao longe. Mas os meus amigos andam ainda por perto, a observar a minha lenta transformação.

O corvo de cabeça branca trouxe notícias hoje. William ficou doente. Um resfriado, talvez, como o seu pai, embora não tenha saído de casa este ano. O seu tio ficou, para atender às suas necessidades e dirigir o castelo. Deixados à solta, o mais certo é que os serviçais se descontrolem, que roubem, que saqueiem as adegas e descurem o gado e a sala de armas. As criadas tornam-se desmazeladas, os cozinheiros engordam e os gatos dormem junto à lareira.

Na vila, alastram os boatos. A maleita do Amo William não é a primeira má notícia. *Inverno ameno, cemitério pleno*, e este ano não tem sido propício. O número de mortos este ano aumenta entre os idosos do Povo, e não há rezas que lhes valham. É a Moira Maluca, diz o Povo; zangada com o desrespeito dele. Com a primavera a aproximar-se, a Rainha do Inverno fica zangada, trazendo borrascas e neve. Cavalga à noite no seu cavalo preto; fia as nuvens escuras e esfarrapadas no seu fuso de raios.

E chegam agora as oferendas: fitas e farrapos atados aos ramos das árvores; pratos com pão e sal às portas das casas. O padre prega a abstinência. O Povo finge obedecer-lhe. Mas as crianças brincam no anel das fadas e procuram pedras de bruxa junto ao lago e andam à caça de duendes nos bosques e contam histórias da Moira Maluca.

Moira Maluca (ou *Mary Maluca* ou *Mary Mack*, como algumas das crianças me chamam agora) vive no tronco de um abrunheiro. Alimenta-se do sangue dos pecadores. Usa uma coroa de espinhos e um vestido todo pespontado a escaravelhos pretos. Observa o mundo do Povo e pode por vezes conceder-lhe os seus desejos. Para a convocar, ata-se uma fita vermelha no ramo de um abrunheiro e dança-se à volta dele no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, cantando:

*Mary Mack, Mary Mack,*

*Toda de sangue e toda de negro*
*Traz-me o que à minha alma falta,*
*Maluca contente, Mary maluca.*

São uns versos que já ouvi mais do que uma vez quando ando na floresta. Castanha como os fetos, ando sem ser vista. Preta como bagas, escondo-me nas sombras.

*Mary Mack.* De onde veio isso? Seja como for, é mais um passo de distância do nome que ele me deu. Posso ter sido Malmuira, em tempos. Mas agora Mary Maluca toma o seu lugar, e eu não sou Mary Maluca. Agora sou quase sem nome outra vez, e serei completamente sem nome em breve; sem nome, sem alma e livre...

# Dois

Fevereiro é o mês rodopiante, e esta semana tem sido de turbulência. Ventos agrestes do leste: chuva, gelo e agora o elemento da Rainha do Inverno, o granizo, que matraqueia os telhados e dispersa os patos no lago revolto.

Dois funerais, uma doença misteriosa e agora uma maleita crescente entre as ovelhas que as torna primeiro agressivas, a seguir trôpegas e por fim apáticas até à morte. Deve ser alguma espécie de bruxaria. Seis até agora, e mais para vir. Pode vir a ser um desastre.

Também o gado se ressente. Uma podridão atacou os celeiros e estragou a maior parte do feno da época. Os alimentos escasseiam. A erva está reduzida a quase nada. Os cavalos alimentam-se de pó de farelo e os pastos não são mais que pedras e lama.

A doença de William continua. O médico foi vê-lo duas vezes; numa delas só e na outra acompanhado por um especialista da cidade. Não estão de acordo sobre a causa da doença. O médico da cidade fala de um desequilíbrio dos humores e prescreve um tratamento com sanguessugas. O médico da vila acredita que é uma maleita do coração. Talvez seja. Espero que sim. Espero que ele sinta alguma parte do que eu senti quando me abandonou. Na junção dos ramos da árvore do espinheiro, a boneca de bolso feita com a mortalha da rapariga morta é pouco mais do que um punhado de farrapos, cosidos com agulhas de espinheiro. Talvez William sonhe comigo. Penso que é justo, depois de todas as noites desesperançadas em que sonhei com ele.

Fiona tentou duas vezes ir vê-lo, mas mandaram-na embora. Penso que ela está com medo. A deceção dela – o escândalo, a gravidez falhada – tornaram-na velha antes do tempo. Anda de preto agora e cobre o cabelo e fala de ir para um convento.

Não tenho pena dela. Está viva. Não lhe devo mais do que isso. Mas deu-lhe agora para andar pelos bosques, como se à procura de alguma coisa. Ontem, atou um farrapo à volta do tronco da árvore do espinheiro que se encontra isolada junto ao lago. Não deixou nenhuma oferenda, não cantou nenhuns versos, mas, mesmo assim, sei o que ela quer. Hoje, deixo que me

encontre.



Não estávamos longe da minha cabana em ruínas. O meu barco estava seguro, fora de vista. Também eu poderia desaparecer num instante, se houvesse necessidade. Meses a viver com os lobos tornaram-me ainda mais silenciosa. Avanço ao longo da vereda da floresta, por vezes de pé, outras vezes de gatas. Ouço o vento por cima da minha cabeça, os muitos sons suaves das árvores sem folhas. Choveu durante a noite. O chão está macio e húmido. Não faço ruído no matagal ao atravessar a floresta.

Ao longo dos meses em que vivi ao ar livre, tornei-me ainda mais esfarrapada. Tenho lama seca colada ao cabelo. Há galhos e folhas nas minhas tranças. Cheiro a lobo, e pior. As minhas roupas são uma miscelânea de peças encontradas e roubadas: um sobretudo demasiado grande para mim, uma saia castanha feita de um saco de farinha. Uma miscelânea de peças de lã comida pelas traças, todas manchadas com sangue e sujidade e suor. Pareço uma coisa bravia. Não, mais do que isso. Pareço o demónio que eles creem que eu sou. Pareço Mary Maluca.

Encontrei Fiona na vereda. Deixei que avançasse na minha direção. Por um momento, não me viu; eu estava sentada imóvel e parecia um cepo de uma árvore morta. E então pus-me de pé e ela viu-me e recuou um passo, como se para fugir. Mas depois pareceu mudar de ideias e olhou para mim com olhos de miosótis e disse:

– Eu sabia que ainda estavas viva.

Quatro meses depois do parto, Fiona ainda parece grávida. O seu rosto está redondo; a sua barriga também. Só os seus olhos parecem encovados, mais velhos e mais frios do que antes. Eu disse:

– Ele julgou que podia dar cabo de mim. Estava enganado.

Ela lançou-me um olhar de ódio. – Não tenho medo de ti – disse. – Tiraste-me tudo o que eu tinha. Que mais me podes fazer?

– Não te tirei nada – respondi. – O William foi infiel. Se te amasse realmente...

– Estou a falar do meu filho – disse ela. A sua voz era baixa e fria e áspera. Uns fios do seu cabelo de prímula tinham-se escapado do lenço que lhe cobria a cabeça e voavam ao vento como lanugem de cardo. – Tu tiraste-mo – disse ela, ainda a olhar para mim. – Tu tiraste-mo com a tua bruxaria.

Abanei a cabeça. – Não tirei nada – retorqui. – A minha única querela é com o William.

– Mentirosa! – disse ela com veemência. E do casaco tirou uma mancheia de algo como farrapos. Reconheci a minha boneca de bolso.

– Tu fizeste isto – continuou Fiona. – Tu roubaste a criança da minha barriga. Roubaste-o antes de eu poder ver-lhe a cara. Roubaste-o antes de eu poder dar-lhe um nome!

– Não fiz nada – disse-lhe eu. – Juro pela minha vida.

Mas começava a sentir-me apreensiva. Pensei na Anciã. *O preço será elevado. Seja qual for, pagá-lo-ei*, dissera eu. E agora perguntava-me: que acordo fiz com ela? E o que paguei ao certo?

# Três

Mais uma volta do mês rodopiante, e a neve tombou de novo nos montes. Por agora, poupa o vale, mas o céu mantém-se escuro e ameaçador.

Fiona já não vem aos bosques. Disse tudo o que queria dizer. Por vezes, no entanto, vejo o seu rosto em sonhos e ouço a sua voz áspera, acusadora. Põe-me inquieta, embora eu não lhe tenha tirado a criança. A minha disputa nunca foi com ela. Foi sempre com William. No entanto, as palavras da árvore do espinheiro – e as minhas – voltam muitas vezes para me assombrar. Lembro-me do sorriso dela quando chegou à minha porta. Dos seus olhos, tão vivos e brilhantes.

Que idade terá realmente? É o que me pergunto. De que terra antiga e distante surgiu? As gentes viajantes não nascem; não morrem. Viajamos; é tudo o que sabemos. Não temos pais, não temos filhos. Voamos; aterramos como lanugem de cardos, lançando raiz onde quer que possamos. Crescemos, florimos, prosseguimos viagem. Somos as gentes viajantes.

Tento imaginar o filho de Fiona. Se de facto ela *teve* mesmo um filho. Um filho à imagem de William, com os seus olhos de campainha azul e o seu cabelo brilhante. Mas a minha maldição é sobre a descendência de William. Disse que a veria findar. Jurei na campa do pai dele e deixei a pedra com a runa para selar a jura. Penso nas minhas palavras, como pedras arremessadas à água do lago, provocando ondas até à margem. A quem mais chegaram as minhas palavras? E quanto disto sabe a árvore do espinheiro?

Ontem à noite, fui vê-la de novo. Em fevereiro há a Lua do Lobo, e ontem à noite estava a uivar. Farrapos de nuvens pelo céu. Um vento como uma lufada de terrores. E a árvore do espinheiro, no meio daquilo tudo, negra como um ninho de aranhas, fria como a tumba, e a dormir como os exércitos dos mortos-vivos...

À sua volta, as pedras do anel das fadas estavam cinzentas e pretas na luz baça. Na vila, nada bulia. Só algumas janelas estavam iluminadas, com o clarão amarelo das lareiras insuportavelmente remoto aos meus olhos. A árvore do espinheiro dormia, mas sob a sua pele eu sentia a promessa do tempo da primavera. Escondido debaixo da casca da árvore, há sangue.

Sonha. Canta. Murmura para consigo.

– Velha Mãe – disse eu.

Do mais fundo da casca da árvore, um som ténue de algo que poderia ser divertimento.

– Velha Mãe, por favor – disse eu. – Fala comigo.

Mais uma vez, aquela risada distante. Soa como uma criança, soterrada bem fundo, a brincar debaixo do anel das fadas. Ouço música, vozes.

*Mary Mack, Mary Mack,*
*Meteu um bebé num saco,*
*Não devolveu o bebé nunca,*
*Maluca contente, Mary maluca.*

A árvore do espinheiro estará a troçar de mim? De qualquer modo, não fala. Só aquele som distante e fantasmagórico de música vem de debaixo da terra, onde as raízes da árvore do espinheiro, fundas, muito fundas, chegam até ao Largo da Festa e para lá dele, até ao próprio reino da Morte.

# Quatro

E agora, quando o mês rodopiante dá nova volta, mais notícias do castelo. A saúde de William não melhora, apesar de um exército de médicos. Outro especialista foi chamado; um especialista em matérias do sobrenatural, que proclama que William foi enfeitiçado e exige todo o tipo de ingredientes dispendiosos para os seus remédios.

O homem é um charlatão, claro. *Todos* os médicos de William são uns charlatães. Pelo olho do meu amuleto da aliança de casamento vi-os vir e ir, com poções e mezinhas, malas de médico e sanguessugas, cânticos, ventosas e fórmulas mágicas. Mas este homem é um *especialista*. Chegou com duas carroças de livros, e, depois de duas semanas de estudo, anunciou a causa da doença de William.

William é vítima, diz ele, da maldição de sangue de uma bruxa. Lançada à luz de uma lua azul, alimentada por fórmulas mágicas, a maldição só poderá ser quebrada por bagas de sorva, fio vermelho, uma recitação da runa *Raedo* – e o sangue do coração da bruxa, derramado à luz de uma Lua do Corvo...

Mas há poucas probabilidades de que isso aconteça. William já tentou encontrar-me e fracassou. Agora que o meu feitiço está a resultar, seria louca se me mostrasse. No entanto, quase quero ir. Quase quero vê-lo. Passaram tantos meses e ainda não o esqueci. Vejo o seu rosto em sonhos. Ouço a sua voz. Sinto o seu toque. Por muito que o odeie agora, uma parte dele está dentro de mim. É como uma farpa debaixo da minha pele; algo aguçado, demasiado pequeno para o remover. No entanto, tenho de me libertar dele antes de poder ser eu de novo.

Na vila, de pouco mais se fala a não ser de bruxaria. O Povo pendura farrapos vermelhos por cima das portas das suas casas, vai à igreja, jejua e reza e deixa oferendas à sombra da árvore encantada para apaziguar Mary Maluca. É voz corrente que Mary Maluca é a responsável, tanto pela doença de William como pela perda do filho de Fiona, assim como por muitos outros males menores: ovelhas doentes; cereais bolorentos; ratazanas nas capoeiras; vacas de tetas secas. Pequenos acidentes ou azares são vistos como sinais da malícia da bruxa. As mães embalam os seus bebés

para os adormecerem e cantam canções sobre a Rainha do Inverno. As crianças fazem máscaras de sacos de farinha e correm umas atrás das outras, aos gritos. O corvo de cabeça branca traz a notícia de que, na cidade, já foram enforcadas duas bruxas, a conselho do homem de William, e que outras estão sob suspeita. Mendigas, sem dúvida, ou velhas, demasiado confusas para fugirem. Mas depois de o Povo provar sangue, é difícil apaziguá-lo. Tenho de tomar cuidado para não ser vista. Os boatos voam como pegas. A Lua do Lobo está em quarto minguante e em breve virá a Lua do Corvo. A lua mágica, à luz da qual o meu sangue terá um significado especial...

# Março

## O Mês Louco

†

*A seguir mandou vir de fora da cidade,*
*A seguir a minha presença queria;*
*A mim, a rapariga morena, morena*
*Que em tempos sua esposa seria.*

*Nem um pouco o homem médico*
*O seu sofrimento podia aliviar:*
*Só a rapariga morena, morena*
*Lhe podia a vida de novo dar.*

The Child Ballads, 295



# Um

Março: o mês bravio, impulsivo; trazendo consigo o narciso, o jacinto, a erva-andorinha; o ranúnculo, a violeta, a prímula e a flor do açafrão. Março chega e na árvore do espinheiro despontam flores brancas. Março chega, com a lebre dançarina; com a canção da liberdade da cotovia. Março entra e o inverno volteja, de mão dada com a esperançosa primavera, quando mais uma vez se inicia a dança das estações e a terra acorda aos seus pés.

Mas o frio ainda não acabou. O mês passado foi ameno e as gentes da vila temem a chicotada de um inverno de abrunheiro. A Rainha do Inverno torna-se cada vez mais cruel quando o seu poder começa a desvanecer-se. No entanto, no anel das fadas, a Anciã murmura com a promessa de renascimento e as ovelhas engordam e os patos selvagens voam e o salmão nada rio acima.

O meu lar na ilhota está mais uma vez animado com lontras, rãs e aves canoras. Nos bosques, as bétulas soltam a sua seiva. Recolho o seu mel escuro. Pela primeira vez em meses, sinto o calor do sol na nuca e o cheiro da erva nova a crescer. A árvore do espinheiro junto ao lago está mais uma vez ornamentada com oferendas. Algumas são para a Rainha do Inverno. Outras para Mary Maluca. E outras ainda para a Donzela Marion, ou Maia, a Rainha de Maio, que chega nas flores brancas e no canto das aves.

O padre – um homem da cidade – apressa-se a denunciar estes odiosos costumes do campo. Não há Rainha do Inverno, diz ele, nem ainda uma Rainha de Maio. Obediente, o Povo baixa a cabeça e prepara-se para o jejum da Quaresma. Cantam os seus hinos, confessam os seus pecados, mas no anel de fadas dançam, enquanto a Lua do Corvo amola a sua lâmina e se ergue como uma foice no céu.

Da cidade, o corvo de cabeça branca traz notícias de várias outras detenções. Vagabundos, não da nossa gente, mas mais cedo ou mais tarde o Povo poderá descobrir um de nós por acaso. As gentes viajantes já foram muitas vezes vítimas dos seus temores; agora, no atual clima de medo, somos todos nós vulneráveis. Especialmente eu, claro. Sem os meus poderes, estou presa neste corpo, neste lugar. Tenho de ter cautela, digo a mim mesma.

No entanto, o apelo da primavera é quase irresistível. Apetece-me correr, apetece-me dançar. Apetece-me nadar no lago de águas geladas. Acima de tudo, apetece-me largar esta pele, tornar-me de novo uma das minhas gentes. Para isso, no entanto, William tem de morrer. É esse o preço que a árvore do espinheiro exige. É esse o preço que tenho de pagar se não quero ficar proscrita para sempre...

# Dois

Hoje, o corvo de cabeça branca trouxe-me notícias. Uma carta do castelo; dirigida a mim, e pelo punho de William, numa letra tão direita como um verso numa lápide.

*Minha Querida Malmuira,*

*Sei que não mereço que leias esta Nota. E-N-G-A-N-E-I-T-E. Perdoa-me por isso e por te Escrever agora. Mas, apesar de todas as minhas dores, minha Amada, não te Esqueci. Não consigo Comer, não consigo Dormir, o meu Coração não consegue encontrar Descanso, e tudo por Amor a Ti.*

*Suplico-te que venhas agora até mim. Liberta-me desta M-A-L-E-I-T-A. Pelo amor que em tempos me tiveste, imploro-te, tem Pena do meu Sofrimento.*

*Teu para Sempre,*

*William*

Li a carta mais uma vez, seguindo as letras com a ponta do dedo. Depois, esperei pela noite e dirigi-me para o anel das fadas.

A árvore do espinheiro estava a dormir, como sempre. Mas eu sentia-a a acordar, lentamente, sob o seu casaco de casca. E, se escutasse com atenção, ouvia ainda o seu riso, nas profundezas da terra meio gelada, e o eco das vozes de crianças.

– Velha Mãe, ouves-me?

Não houve resposta. Só o vento nas árvores.

– Ele escreveu-me uma carta, Velha Mãe. Enviou-a pelo corvo de cabeça branca. Escreveu que ainda me ama. Diz que não pode viver sem mim.

A árvore do espinheiro soltou uma espécie de suspiro, do fundo das dobras da sua pele de inverno. *E acreditas nele?*

– Não – respondi.

*E, no entanto, tencionas ir até ele.*

– É assim tão óbvio?

*Tudo é muito óbvio quando se é tão velha como eu,* disse ela.

– É claro que ele está a mentir – prossegui. – Isto é uma armadilha.

*É claro que é. Então, sempre vais?*

– Seria uma loucura eu ir – respondi. No entanto, ambas sabíamos que o faria. Eu sabia-o, como o salmão sabe que tem de nadar rio acima; como o ouriço-cacheiro sabe de que lado os ventos do inverno estão a soprar. Irei quando chegar a lua cheia. Quando o abrunheiro florir. Foi a promessa que lhe fiz, há tanto tempo, na feira do inverno. É uma loucura, mas tenho de o fazer. Não tenho eu uma dívida a saldar? E não sou Mary Maluca?

# Três

Não acredito nele. Já não sou a rapariga inocente de há um ano. No entanto, as suas palavras ainda me perturbam mais do que esperava. *Não consigo Comer, não consigo Dormir... e tudo por Amor a Ti.* Embora eu saiba que é uma mentira, o meu coração não quer crer. Em vez disso, dança como uma estrela e salta como um salmão e dói-me como uma pedra e não há nada que eu possa fazer para calar a sua canção louca e esperançada.

Esta manhã, a árvore do espinheiro veio até mim, inesperadamente, lá no lago. Quase não a reconheci: a primavera trouxe-a de volta à vida. Agora, o cabelo dela está tão escuro como o meu; o seu rosto, embora não jovem, está fresco e sem rugas. Com o meu vestido verde e as minhas contas de olho-de-tigre, parece uma mãe, já não uma velha decrépita.

– A estação fica-te bem, Mãe – disse eu.

Ela sorriu. Os seus olhos eram tão escuros como o lago.

– Deste-me uma coisa, em tempos – disse ela. – Agora, tenho um presente para ti.

E, abrindo a sua sacola, tirou algo que eu reconheci. Era o meu vestido, o meu vestido de seda preta, feito do vestido de noiva da rapariga de abril. Todo bordado com rosas e folhas e minúsculos miosótis.

– Levei-o quando vieram à tua procura. Pensei que poderias precisar dele outra vez, algum dia.

Estendi a mão para lhe tocar: o bordado cuidado, complicado. Parecia-me ser há tanto tempo que o tinha feito. Há tanto tempo que mal recordava a sensação que dava ter uma coisa assim tão bela.

– Ainda usas essa aliança de casamento – disse a árvore do espinheiro.

– Sim, eu sei.

Por um momento, fiquei em silêncio. Depois:

– Queria que ele me visse – disse. – Como via a Fiona.

E, nesse momento, soube que era verdade. Teria sacrificado tudo o que tinha para ser Fiona. Para largar a minha pele, as minhas roupas, para me largar a mim própria. Para ser uma das raparigas da vila. Bonita como uma prímula, pálida como uma primavera, a ronronar como uma gata.

Mas nós não entramos na pele do Povo. O Povo tem nomes – o Povo tem

*almas*. Essas coisas são o que nos tornam diferentes. Essas coisas existem para os proteger de predadores como eu.

– Leva-o – disse a árvore do espinheiro. – É teu. Usa-o quando fores ter com ele.

Peguei no vestido, recordando a história da princesa da cozinha. Mas a árvore do espinheiro não é a fada madrinha, a ajudar-me a conquistar o príncipe. No entanto, devolveu-me o meu vestido. Será que *quer* que eu vá ter com ele?

– Há algo que preciso de saber – disse eu. – Sobre o bebé da Fiona.

A árvore do espinheiro encolheu os ombros. – Que bebé? – perguntou.

– Tu levaste-o – insisti. – Porquê?

A árvore do espinheiro sorriu. Naquele momento, pensei que parecia muito bela. – Tu já sabes porquê – disse ela.

Sabia. No meu íntimo, sempre soubera. Porque nós somos as gentes viajantes. Não nascemos. Não morremos. Somos o cuco e a lebre; a árvore do espinheiro e o azevinho. Não temos família nem lar. Somos os filhos de toda a parte. O nosso berço é a charneca. A nossa linhagem é a mais antiga de todas. E não morremos nem adoecemos nem desfalecemos, mas rimos e bailamos e caçamos e voamos; e tomamos o que podemos dos amansados, o Povo, cujos nomes e cujas almas os protegem. Tomamos o que temos de tomar e nunca olhamos para trás e espalhamos as nossas sementes aos quatro ventos e pelas montanhas e sobre o mar e por todo o céu estrelado.

# Quatro

Março entra com pele de ovelha, como eu. Mas sairá com o rugido de um leão. O corvo de cabeça branca mantém-me a par de todas as notícias do castelo, mas isso não basta. Estou sempre a pensar na carta de William e nos olhos brilhantes da árvore do espinheiro e no bebé de Fiona.

Fiona não me fala desde que me procurou nos bosques. De facto, tanto quanto vejo, Fiona não sai de casa, nem sequer para ir à igreja. Fica dentro de casa, com os cortinados corridos, e a minha aliança de casamento não me mostra nada. Não que eu queira saber de Fiona, mas não deixo de pensar nela muitas vezes.

Quero dizer-lhe que o seu filho ainda está vivo, seguro nos braços das gentes viajantes. Sem nome, será sempre bravio e voará com o corvo e a pega. Sem alma, nunca morrerá, mas entrará de novo no mundo, até o mundo acabar. Isso devia reconfortá-la, se gosta do filho. Mas o Povo é muitas vezes estranho. Quem sabe o que ela pensa? E porque me importa isso?

Em breve, a Lua do Corvo ficará cheia. A lebre vai dançar na encosta do monte. E talvez seja do vento de março ou talvez de alguma magia mais negra em ação, mas sinto-me inquieta hoje. Nada me prende a atenção: nem o canto do melro nem os mosquitos sobre o lago ou as nuvens no frio céu azul. Hoje, algo maior me chama.

A estrada para o castelo é segura – desde que eu viaje de noite. Ninguém me vê. A gorda Lua do Corvo ainda não se ergueu. O coração bate-me com força quando recordo a última vez que viajei neste caminho, e sinto os pés doridos de tanto caminhar. Quando chego, o céu já está pálido. Os montes castanhos ainda têm neve nos seus cumes. A vereda está ladeada por narcisos. Sento-me no chão e vejo a alvorada, que surge como uma prímula, e digo para comigo que o meu único verdadeiro amor está a olhar da sua janela.

Mas o meu único amor não era verdadeiro. Embora o saiba no meu coração, o meu coração não acredita em mim. A árvore do espinheiro dir-me-ia que é por isso que não recuperei ainda os meus dons; que só com a morte dele serei livre. Ao longo do inverno, acreditei; no entanto, com a

primavera, o meu louco coração salta-me no peito, e, mais uma vez, arrisco tudo.

Como a princesa da cozinha no conto, tentei pôr-me bonita. O lago ainda está tão frio como gelo, mas lavei as mãos e o rosto e penteei o cabelo para o desembaraçar de sujidade e folhas. O vestido de noiva da rapariga de abril não é tão próprio para março como o meu sobretudo e o meu xaile, mas sabe bem sentir a seda contra a pele. Não tenho sapatos; não tenho coche; no entanto, quase consigo imaginar o que seria ter William aqui ao meu lado de novo; tê-lo a *ver-me* realmente...

*Tempo! Tempo!*, crocita uma pega por cima da minha cabeça. O seu aviso desperta-me do meu devaneio. A lua da manhã está pálida no céu. Em breve se seguirá o sol. O meu amuleto da aliança de casamento mostra-me o quarto de William, com os cortinados ainda corridos para a noite.

Este é o meu momento, digo para comigo. Irei até ao seu leito. A passo, sem nunca correr. E olharei para os seus olhos e ver-me-ei refletida neles e saberei que a fraqueza dele é a minha força, a sua impotência o meu poder...

# Cinco

Entrei pela porta dos serviçais, como fiz tantas vezes como gata ou ratazana. Mas desta vez entrei como eu própria, descalça nas frias lajes de pedra do chão, e, evitando a cozinha movimentada, com os seus grandes fornos, espetos e lareira, encontrei o caminho para o andar de cima e percorri o corredor até ao quarto de William.

Não estava lá ninguém. Nem criada nem criado nem médico. Era cedo, e supus que a casa ainda não estava completamente acordada. De qualquer modo, avanço como um fantasma. Ninguém me viu entrar. Os cortinados estavam corridos: o quarto às escuras; mas eu via o leito com dossel que em tempos partilhara com William, com a sua coberta de seda e as suas cortinas de brocado de um dourado baço. Via as almofadas em que pousara a minha cabeça, tão perto da dele: e sentia o odor dele, tão parecido com o perfume do oceano.

– William – disse eu.

Ele mexeu-se. Virou a cabeça para mim. Sonolento no escuro, o seu rosto era indistinto. No entanto, havia algo que não parecia bem normal. Algo na maneira como se moveu, talvez. Algo no seu odor, não o odor de um homem doente, nem sequer o de um jovem...

– És mesmo tu? – perguntou ele. E a sua voz não era como a voz de William, mas mais grave e mais forte. E a sua mão na minha dava uma sensação diferente; nada como a de um homem doente, mas como a pata maciça de um urso castanho a acordar do sono.

A manápula apertou-me o pulso. E agora eu sabia que, fosse quem fosse, aquele homem não era William. Sentia a sua estranheza; sentia o cheiro a tabaco que emanava dele, e a suor noturno e a raiva.

Tentei soltar-me, e ele riu-se. Era muito mais forte do que eu. E subitamente soube quem era – o médico de William, o homem dos livros, que mandara para a forca tantas mulheres do seu Povo na sua busca de Mary Maluca.

Devia ter trocado de aposentos com William, na esperança de que eu viesse. Devia ter lido a carta dele para mim – talvez até a tivesse ditado. E, conhecendo a minha natureza como conhecia, depois disso só teria de

esperar que eu mordesse o isco, embora eu soubesse que estava cheio de ganchos e agulhas. E tinha uma faca, claro; porque, para quebrar o feitiço, só precisava do sangue do meu coração, derramado sob uma Lua do Corvo cheia.

O homem berrou alto: – Já a tenho, meu Senhor! Vinde depressa!

Ouviu-se o som de uma resposta abafada da antecâmara para lá dos cortinados. Mesmo através deles, reconheci a voz do meu William. Em breve, haveria serviçais, guardas, empunhando espadas e varapaus. Em breve, os cortinados seriam corridos, revelando a lua fantasmagórica no céu...

Ele puxou-me para si, prendendo-me os braços. Ouviu-se o som de seda a rasgar-se. As roupas dos mortos nunca duram, diz-se, e o vestido da rapariga de abril cedera. Uma costura repuxada rasgou-se sobre o meu peito, e, subitamente, tive medo.

O médico mantinha-me apertada a si, e ria-se. – O que julgaste que estavas a fazer? – perguntou. – Tencionavas seduzir o meu Amo com a tua vestimenta elegante roubada?

Talvez sim, pensei. Talvez precisasse de acreditar. Os meus olhos tinham visto, os meus ouvidos tinham ouvido; no entanto, o meu coração continuava a não conseguir suportar a verdade. Talvez nunca conseguisse, pensei, até sentir a navalha penetrá-lo.

Mais uma vez, ele riu-se. – Sua rameira estúpida. Como pudeste alguma vez acreditar que ele gostaria de alguém da tua laia?



Eu respondi, embora me tremesse a voz: – Senhor, os da minha laia estão por toda a parte. Estão no ar que respirais e no escuro debaixo da vossa cama, e, quando morrerdes, e jazerdes na sepultura, os da minha laia estarão lá para se alimentarem de vós.

Ele riu-se e puxou-me mais a si. – Palavras audazes.

E agora eu sentia o seu odor almiscarado, a excitação bravia e descontrolada. Não havia medo. Medo nenhum. Só euforia, e a promessa de violência.

*Pensam que me conhecem,* disse para comigo. *Pensam que sou uma das suas raparigas da vila. Pensam que vou gritar e debater-me e chorar e deixar que me tirem o que puderem...*

Subitamente, já não tinha medo. Nem sequer me sentia zangada. O lobo sente-se zangado quando se volta contra o caçador? O corvo sente-se zangado quando se alimenta da carne de um cadáver? Em vez disso, senti algo dentro de mim a inchar e a encapelar-se como um oceano; a espadanar como uma cobra atacante; a dispersar como um bando de aves. Lutei, dei pontapés, arranhei, mordi, e depois, não sei como, vi-me *fora de mim*, a pairar serenamente sobre as duas formas a debaterem-se na cama, e alguém tinha arrancado o cortinado e a luz do sol inundava o quarto, e havia sangue – oh, tanto sangue – por toda a coberta dourada...

Depois, como uma pedra a cair dentro do lago, voltei à minha pele. Doía-me alguma coisa; tinha o vestido rasgado; havia um grande peso no meu peito. E William, junto à cama, de camisa de noite, pálido como a Lua do Corvo.

– Oh, meu Deus. O que fizeste?

Tentei respirar. Doía-me o peito. Debati-me para me libertar do peso morto do médico, deitado em cima de mim. O meu vestido de noiva estava encharcado de sangue. Tinha os braços feridos e a sangrar. Mas o médico estava morto, e empurrei-o para o lado, e vi que a navalha estava na minha mão, a sorrir como uma garganta aberta.

*Mary Mack, Mary Mack*
*Toda de sangue e toda de negro...*

Comecei a rir. Tudo aquilo era demasiado. O homem morto, a Lua do Corvo e a maneira como William estava a olhar-me fixamente, como se eu fosse a própria Morte que tivesse vindo para levar a sua alma. Era tudo demasiado terrível, tudo demasiado absurdo para outra coisa que não o riso.

E o riso era como uma onda gigante que me erguia ao céu da cor de prímulas, de tal modo que eu era lanugem de cardos e fogo de artifício e luz das estrelas.

William tinha tombado de joelhos. Eu via-o de cima. Via-me a mim também, mas não era importante. Pobre morena, com o seu vestido rasgado. Quase sentia pena dela. Solta-a, disse para comigo. Deixa-a afastar-se a rastejar para morrer, como uma raposa apanhada numa armadilha. Estava livre dela por fim, e bravia e sem nome mais uma vez.

– Tem piedade – disse William. – Eu estava enganado. Cometi um erro. Perdoa-me.

*Perdoo-te?*, repeti. A minha voz parecia vir ao mesmo tempo da rapariga morena e de todo o lado; do céu e das ovelhas a pastarem na charneca e das raízes debaixo do chão e das flores prontas a despontarem. *Tu chamaste-me feia, e rameira. Mentiste e traíste-me. Pior do que isso, deste-me um nome. E quando eu fiquei a ser tua, puseste-me de lado como uma grinalda murcha. Como posso perdoar-te?*

– Deixa-me só viver – respondeu William. – Por favor, por favor; quero ser livre.

Pestanejei, e mais uma vez era a rapariga, a olhar pelos olhos da rapariga. Tinha dores e sentia-me atordoada, mas sabia bem vê-lo de joelhos diante de mim e sorrir e sentir o sangue nos meus braços e saber que vencera por fim.

– Faço-te uma promessa, meu amor – disse eu. E tirei a aliança de ouro do meu dedo ensanguentado. – Toma isto como sinal da minha boa vontade e do meu perdão.

William pegou na aliança, com o rosto contorcido com medo e repulsa.

Aproximei-me um pouco. Agora via-me refletida nos seus olhos, como um fantasma do verão.

– Os meus votos para ti serão tão verdadeiros como quaisquer votos feitos numa igreja – disse eu. – E qualquer donzela da vila sabe que o ouro é uma promessa vinculativa. Usa esta aliança por mim, até à Véspera de Maio. Usa-a, e pensa em mim todas as noites. Usa-a, quando a tua pele ficar fria e o teu coração começar a bater cada vez mais devagar. E quando estiveres por fim debaixo da terra, eu dançarei por um ano e um dia e cantarei com a voz de um rouxinol.

E com estas palavras fugi do castelo, descalça e com o vestido estragado, até chegar à beira do lago e finalmente tombar ali debaixo do abrunheiro, com o meu sangue quente a empapar as suas raízes e os meus olhos abertos a refletirem o céu.

# Abril

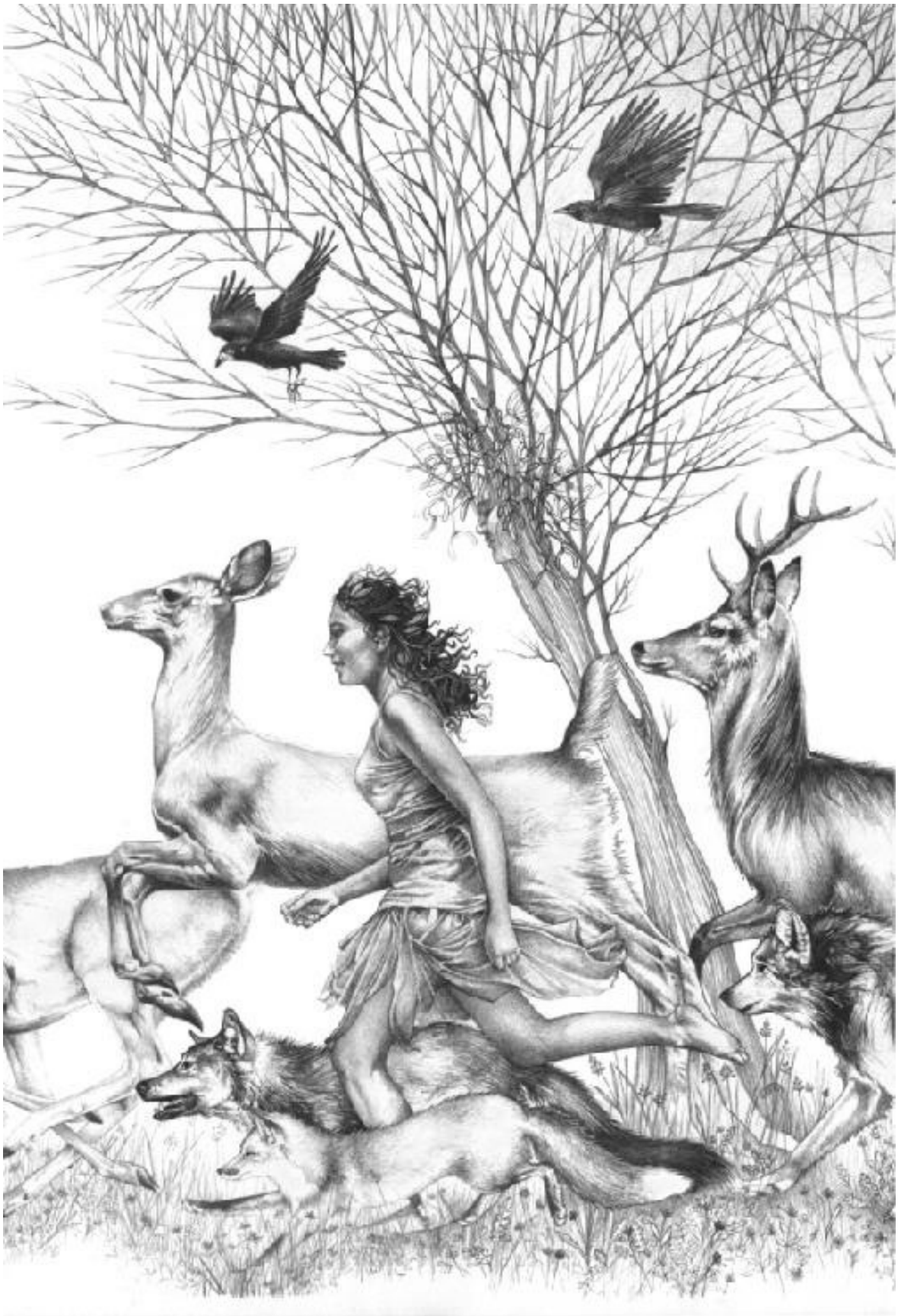
## O Mês da Árvore do Espinheiro

†

*«Por favor», disse ele,*
*«esquece, esquece,*
*Por favor esquece,*
*perdoa;*
*Oh, concede-me ainda*
*algum espaço,*
*Para eu estar bem e*
*viver!»*

*«Oh, nunca esquecerei*
*nem perdoarei,*
*Enquanto tenha fôlego;*
*Bailarei na tua tumba*
*verde, verde*
*Onde jazes por baixo.»*

The Child Ballads, 295



# Um

Hoje sou a ave da primavera, o cuco que canta nos bosques. O Povo da vila ouve a minha canção e sorri, e sabe que o inverno acabou. A Rainha do Inverno está a desvanecer-se e a Rainha de Maio vem tomar o seu lugar. As crianças brincam a um jogo de saltar. Só eu ouço as palavras que cantam:

*Cuco, cerejeira,*
*Boa ave, diz-me tu,*
*Quantos anos até eu morrer*
*Um... Dois... Três... Quatro...*

As crianças sabem o que os seus pais não sabem. Compreendem melhor as coisas. *Sabem* que há bruxas nos bosques e serpentes debaixo do lago silencioso. Sabem que se pisarem uma fenda a vida da sua mãe estará perdida. E sabem que a Rainha de Maio, apesar de toda a sua juventude e beleza, não deixa de ter fome da sua carne tenra e tem de ser aplacada com oferendas.

Não sei quanto tempo fiquei debaixo do abrunheiro. Quando recobrei por fim os sentidos, era de noite. As estrelas brilhavam. Acima de mim, via Corvus, o Corvo, e Vénus, sob a sua asa aberta. Tentei sentar-me. Sentia o corpo dorido do frio. Fedia a sangue e a suor – o meu, e o do odioso médico. Tinha os braços lacerados com cortes profundos. O meu vestido não passava de farrapos ensanguentados. Mas estava novamente livre e sabia-me bem ver-me sob as estrelas e saber que a minha espera terminara.

O corvo de cabeça branca estava empoleirado num dos ramos mais altos. Quando comecei a mover-me, saltou para baixo, pondo a cabeça de lado atentamente. À luz das estrelas, parecia um brinquedo. Quase parecia estar a sorrir.

– Tu outra vez – disse eu.

*Croque*.

– Fiz o que me disseste. Estou livre dele.

*Não propriamente,* disse o corvo de cabeça branca. *Há uma coisa que falta fazer.*

– O quê? – perguntei.

*Na Véspera de Maio*, disse o corvo. *Vem até mim quando a Lua de Leite estiver em quarto minguante. Quando a árvore encantada estiver florida. Aí nos encontraremos face a face, na tua pele, e aí celebraremos o teu renascimento.*

Depois o corvo voou para longe e eu regressei ao meu lar na ilhota. Tratei as minhas feridas com betónica, óleo da lamparina e uns salpicos de vinho. Envolvi-me em cobertores e peles e dormi durante quarenta e oito horas, e, depois de acordar por fim com o sol da manhã, entrei na pele de uma lontra no lago e cacei e nadei e brinquei com as minhas crias e alimentei-me e pus-me ao sol num penedo e fiquei na pele da lontra durante tanto tempo que quase me esqueci de que era uma rapariga, a sonhar que era uma lontra.

# Dois

Assim passei as duas semanas seguintes; dormia na minha própria pele, mas viajava para outras partes durante o dia. Fui um cavalo selvagem na charneca, uma cotovia sobre os bravios montes azuis. Fui um feto verde, enroscado como uma serpente; um corvo a debicar carne de cadáveres. Todos os dias viajava; todas as noites regressava. E assim fui ficando mais forte a cada dia que passava; mais forte e com mais certezas.

A viajar como uma pega, ouvi falar da morte do médico. *Bruxaria*, dizem os serviçais. *Mary Maluca*, murmura o Povo. De qualquer modo, o cadáver foi sepultado em segredo, numa sepultura anónima, nas traseiras do cemitério da igreja. Na pele de um mocho castanho, vi-os metê-lo na terra, e depois de se irem embora, deixei uma pedra com a runa *Hagall* inscrita, juntamente com a cabeça de uma ratazana preta, para mostrar o meu respeito pelo defunto.

Há uma semana, decidi mudar-me da pequena ilha. Os homens de William estiveram cá outra vez, com cães de caça e arcos e flechas. Ainda tenho o meu barco, e levei-o para a margem do lago mais afastada, para uma gruta escondida por trás de uma cascata. As chuvas da primavera engrossaram o caudal do ribeiro da montanha e tornam a entrada invisível. Há espaço dentro da gruta para o meu barco, os meus cobertores e os meus pertences. E atravessando a água mantenho-me a salvo dos cães, que de outro modo poderiam farejar o meu paradeiro. Aqui longe, do outro lado do lago, ouço os sons das suas buscas infrutíferas.

Acho-os quase ridículos agora. Quase tenho pena dos seus esforços. Sob a forma de uma pequena cabra castanha, provoco os desgraçados caçadores. Roubo uma sacola; espalho os alimentos; fujo com um par de botas e ponho os cães a ladrar. No entanto, aquele jogo não tarda a cansar-me. Sou demasiado velha para tais criancices.

E hoje sou o primeiro cuco da primavera, a contar os últimos dias de William MacCormac.

*Cuco, cerejeira,*
*Boa ave, diz-me tu,*

*Quantos anos até eu morrer*
*Um... Dois... Três...*

# Três

Entretanto, a notícia que vem do castelo é que William está cada vez mais fraco. Ninguém sabe o que o achaca, e os médicos perderam a esperança. Os homens a quem ele mandou caçar-me voltaram todos para o castelo. Agora, os seus serviçais deslocam-se a todos os lares na terra, na esperança de encontrar alguém que possa desfazer a maldição da bruxa.

Hoje, sou um estorninho. Vejo-os vir de longe. Vêm pelo caminho da vila, a pedir para falar com todas as raparigas da vila. O jovem Amo William, dizem, casará com a rapariga que consiga quebrar o feitiço e dar-lhe-á toda a sua fortuna; terras, ouro e gado.

As raparigas da vila estão desejosas de agradar. Os pais delas, ainda mais. A felizarda que seja bem sucedida pode receber uma fortuna. Duas ou três das raparigas mais afoitas avançam, prontas a tentar a sua sorte. Os serviçais escoltam-nas respeitosamente até ao castelo, onde são mantidas sob vigilância para William as identificar.

Mary Maluca consegue mudar a sua aparência, diz-se. Ela poderia ser qualquer uma daquelas raparigas. E William já não tem muito tempo. Pálido, com o corpo acossado por dores, procura a sua Malmuira; mas eu entrei na pele de uma lebre, de uma ratazana, de uma rã, de um salgueiro-chorão, e não me encontram em lado nenhum.

Penso no conto da princesa da cozinha e do príncipe que a amava. Que tonto que era aquele príncipe, procurá-la pelos seus adornos. Se William me tivesse amado, reconhecer-me-ia em qualquer parte; num peixe, numa raposa, numa cabra, num morcego, num ramo de abrunheiro. Reconhecer-me-ia e amar-me-ia aonde quer que eu decidisse viajar, e quereria estar comigo, fosse qual fosse o preço para o seu coração ou a sua alma. Mas isso a mim já não me importa. Agora estou em tudo. Agora sou o vento, a chuva, os nós de amor na árvore do espinheiro. Agora sou os bichos que se alimentarão da sua mortalha quando chegar o Dia de Maio.

# Quatro

O mês das chuvadas traz luz e vida: e a árvore do espinheiro está pronta a desabrochar em flor. Vejo os rebentos a crescerem: as folhas seguidas de perto pelas flores. Cheira a leite e a mel. Os velhos do Povo colhem os rebentos da árvore do espinheiro. Chamam-lhe *Pão e Queijo do Pobre*, e muitos viajantes esfomeados ganham forças com aqueles rebentos de um verde pálido.

Mas ninguém saqueia a árvore encantada. Ela é demasiado velha, demasiado quebradiça. No entanto, este ano está cheia de vida; carregada de flores; pesada com o néctar do seu sono de seis meses. No ano passado, estava meio morta, mas este ano está branca da cabeça aos pés. Agora é como uma noiva; agora está bem. A estação foi-lhe favorável.

Entretanto, a Lua de Leite aguça os seus chifres. O corvo de cabeça branca chama-me agora. *Em breve será a hora*, diz, *e tudo voltará ao seu lugar.*

Eu regressei à minha ilhota, agora que já passou o perigo imediato. Prefiro-a à gruta, que é fria e desconsolada. A minha fogueira está de novo acesa: para evitar ser vista, filtro o fumo por entre uma rede de ramos. O meu abrigo está intacto; os homens não devem ter vindo à ilhota. Tudo está de novo no seu lugar; tudo em ordem.

E, no entanto, algo me perturba. Talvez sejam os sinos da igreja, que tocam tão alto aos domingos. Ou talvez seja a Lua de Leite, tão parecida com a lua de há um ano, que me observava deitada na relva e viu Fiona colocar o seu feitiço na árvore e segredar a fórmula mágica à Rainha de Maio. Não lhe vi o rosto, mas devia ser Fiona. Foi ela quem me levou até William, naquela manhã de maio límpida e luminosa; foi ela quem fez o feitiço da pedra furada que pôs tudo isto em marcha. Pergunto-me o que estará a fazer agora. Nunca mais a vi, nem uma vez. Fica em casa, com os cortinados cerrados, e recusa-se a sair seja para quem for. Pergunto-me em que se ocupará lá dentro. Mesmo como ave ou gato não consigo vislumbrá-la.

Contudo, na ausência de certezas, o corvo de cabeça branca faz-me companhia. Não fala, mas mantém-se ao meu lado ou empoleira-se na

minha vara da pesca. Por vezes, alimenta-se das migalhas que lhe deixo. Outras vezes, traz-me pequenos presentes. Um pedaço de uma pedra brilhante; uma concha; uma conta de vidro; uma fita escarlate. Tal como as gentes da vila, deixa as suas oferendas junto ao abrunheiro na margem do lago, que está agora todo coberto de folhas e de verde de verão. E, claro, as crianças vão brincar para a margem do lago e molhar os pés e apanhar esgana-gatos. E por vezes vêm donzelas banhar-se e apanhar nós dos espinheiros e pedir à Donzela Marion que lhes traga amor e cantar canções à Rainha de Maio.

*Logo na manhã seguinte fi-la minha noiva,*
*Mal o sol mostrou os seus raios;*
*Os sinos tocaram e as aves cantaram,*
*E coroei-a Rainha de Maio.*

Apetece-me avisá-las. Não acreditem. A balada é uma bela mentira. Acreditei nela em tempos, mas aprendi uma dura lição. *Quem em maio casar sentirá pesar*. A Rainha de Maio não é uma noiva da árvore do espinheiro, mas um espírito vingativo, banhado em sangue. E tem muitas faces: Moira Maluca a meio do inverno, Donzela Marion no tempo do verão. A Rainha do Inverno; a Rainha de Maio. Mary Mack, toda de preto; e Maia, toda de branco em flor. E quando é cruel, chamamos-lhe louca; e quando é bondosa, quase conseguimos esquecer a crueldade do inverno. Assim ela perdura, de ano para ano, tomando o que lhe é devido – a vossa vida, o vosso sangue, a vossa virgindade – e acautelem-se as que a desprezam ou tentam amansá-la com os seus feitiços, porque ela despedaçar-vos-á o coração com os dentes e pendurá-lo-á na árvore encantada...

# Cinco

E agora, enquanto a Lua de Leite passa de cheia a minguante, o corvo de cabeça branca começa a ficar inquieto. Todo o dia andou desassossegado, a crocitar, e agora, ao cair da noite, voa para o topo das árvores por fim. Esta noite, sabe-o, eu devo ficar só. Esta noite, o nosso círculo fica quase completo e em breve terminará.

Já há semanas que não deixo o meu covil para andar pelos bosques na minha própria pele. Vejo e ouço e pressinto muito mais quando sou viajante. Mas agora sinto o apelo da noite: o aroma dos espinheiros junto ao lago, e quero vê-lo com os meus próprios olhos, mais uma vez, enquanto ainda sou eu.

Mudou muita coisa desde o ano passado. Eu era uma donzela, de catorze anos. Agora sou tão velha como as montanhas. Era uma rosa silvestre, doce e pálida; agora sou uma rosa de Natal, tão escura como mortífera. Derramei lágrimas e derramei sangue. Fui mansa e fui bravia. E juro que não voltarei a ser mansa nem tentarei ser como uma das raparigas do Povo nem me desviarei dos modos antigos das gentes viajantes.

A noite está fresca, mas límpida, e falta menos de uma hora para aparecer a lua. Banho-me no lago – ainda com o frio do inverno, mas a água está limpa e convidativa. Visto-me bastante lentamente, com o meu vestido de pele de coelho e a minha capa de penas. A seguir, descalça na terra verde e macia, caminho ao longo da vereda da floresta, onde as primeiras campainhas azuis começam a mostrar as suas cabeças acima do tapete de musgo. Da vila, ouço o som de um sino de igreja a tocar. É a véspera do Dia de São Marcos: um dia em que as raparigas da vila rezam para encontrarem o amor.

*Na Véspera de São Marcos ao meio-dia,*
*A bela donzela lavará seu vestido,*
*Para encontrar o marido no escuro,*
*Rezando ao bom São Marcos.*

É claro que São Marcos não tem nada a ver com encontrar o amor. Mas o

padre compreende que as raparigas precisam de rezar a *alguém* – e mais vale que seja a um dos santos em vez de à louca da Rainha de Maio, que lhe perturba os pensamentos e assombra os sonhos e faz tremer as suas velhas pernas.

O som do sino é melancólico. Recorda-me algo. E depois vejo a Lua de Leite a erguer-se acima dos topos das árvores e o meu coração sabe o que o badalar do sino quer dizer: William morreu por fim.

Por um momento, sinto tristeza. Não por ele, mas pelo amor que lhe tive em tempos; pelas minhas esperanças; pelas promessas dele; e pela perda da minha inocência. Já não sou aquela formosa rapariga morena que foi até ele tão bravia e doce. Sou muito mais velha agora. E, embora possa dar valor ao que aprendi, sinto uma dor que é quase arrependimento. As lições terão sempre de ser assim tão duras? As batalhas terão sempre de ser assim tão sangrentas? E tem de ser sempre a nossa gente a manter as rodas em movimento? O ano gira, gira, gira. Agora completou o seu círculo. Inverno e verão: vida e morte; a pedra furada e a aliança de casamento; todas ecoam aquele interminável amadurecimento. Quem pode impedir o mundo de girar?

Entro na pele de uma coruja que voa por cima de mim, as suas asas – as *minhas* asas – tão macias como a neve, a minha voz um grito de desafio. Venci a batalha, eu sei. O sino dá-me a vitória. E em breve estarei mais uma vez entre a sebe de espinheiro e o anel das fadas e verei as pedras como punhos erguidos a saírem do musgo do chão, e, ali com as minhas irmãs, dançarei e rejubilarei e mais uma vez me juntarei ao círculo.

# Véspera de Maio

†

*Erguemo-nos então*
*daquele doce arvoredo,*
*Pelos prados passeámos*
*nós sem mais;*
*Sentei o meu amor numa*
*encosta de prímulas,*
*E colhi para ela um ramo*
*de maias.*

Canção popular, século XVIII

# Um

E chega agora o último dia do mês, quando as bruxas fazem as suas folias. Na vila, o Povo pendura saquinhos de verbena e endro às janelas e faz amuletos de bagas de sorva para impedir as bruxas de entrarem. Mas não conseguem impedir-me a mim. Se for minha vontade, entrarei.

Esta noite estou vestida de preto de amora para melhor andar pelos bosques sem ser vista. Trago o cabelo preso com uma fita de couro e entrançado com penas de corvo. Quando o entranço, reparo que tem fios de prata. Mas o vento sopra, as nuvens são pó de giz e a noite é uma noite para Mary Maluca cirandar e para o bom Povo se virar para os seus missais.

Dirijo-me para o anel das fadas lentamente, muito lentamente. Ninguém me vê ir, a não ser uma raposa no matagal. Por um momento, vejo-me refletida nos olhos da raposa; uma figura minúscula vestida de preto, pouco maior do que a picada de um alfinete. A raposa eriça o pelo quando passo, e reparo que está prenhe. Chego por fim à orla da floresta. A lua em quarto minguante é um navio de prata num mar de nuvens esfarrapadas. As pedras do anel das fadas são dentes, tão brancos e aguçados como os da raposa.

A árvore do espinheiro já está à minha espera. Coroada com flores de maio, e com o vestido verde que eu trazia quando fugi do castelo, parece tão jovem que, sem essas coisas, mal a teria reconhecido. Anciã como é, esta noite poderia ser uma donzela de catorze anos. Traz o cabelo solto, e tão negro como abrunhos, e o seu rosto é fresco e juvenil. Olha-me com olhos escuros, escuros, e sorri quando entro no anel das fadas.

– Bons olhos te vejam, irmã – diz-me.

– Bons olhos te vejam, irmã. Abençoada sejas.

– Há ainda mais uma para chegar – diz ela, olhando para a escuridão. E nesse momento algo se mexe, e uma figura avança para a clareira. É Fiona, de castanho da cor de fetos, e traz um bebé.

Mas *não* é Fiona. Fiona era uma coisa com nome: uma rapariga da vila, fraca e da cor de barbas de milho. Esta é uma mulher das nossas; uma das gentes viajantes com muitas caras. Traz o cabelo solto, dourado de agosto, e coroado com bagas escarlates. E a criança nos seus braços tem o cabelo brilhante e os olhos azuis e ri como um cuco.

– Quem és tu? – pergunto.

– Eu era o corvo de cabeça branca – diz ela. – Eu era a aia Fiona. Mas isso nunca foi quem eu era. Como tu, sou parte de algo maior.

Viro-me para a árvore do espinheiro. – Como pode isto ser?

A árvore do espinheiro sorri de novo. Parece jovem; muito mais jovem do que eu sou agora. – Estes são os costumes da nossa gente – diz. – Primavera renascida, do ventre do inverno. Vida, arrancada aos braços da Morte. É assim que continuamos, ano após ano, vida após vida. Sem nome, sem batismo, nascemos. Reinamos sobre a Terra, sobre as estações. Reinamos sobre o céu e os bosques verdes, sobre os oceanos e as montanhas. O Povo chama-nos muitos nomes. Maria, a mãe. Moira, a velha. Marion, a Rainha de Maio. Alguns chamam-nos bruxas, megeras. Outros chamam-nos a Deusa Tripla. Mas somos muito mais do que isso. Somos as gentes viajantes. Viajamos desde o início dos Mundos. E continuaremos para sempre, mudando de rosto ao longo do ano, tomando aquilo de que necessitamos do Povo e retribuindo com aquilo de que ele necessita de nós. Boas colheitas, chuva e calor e amor, e a esperança de um novo início.

Por um momento, deixei que as suas palavras pairassem entre nós como gotas de chuva. E, subitamente, vejo tudo, da pedra furada ao anel das fadas, de maio a dezembro, do tempo do outono à primavera, da inocência ao conhecimento.

– Planeaste isto desde o início – digo. – William. A morte dele. A criança.

A árvore do espinheiro acena com a cabeça. – Esta nossa criança – diz, com um sorriso ao bebé risonho. – Esta criança será o Rei do Verão, a quem o Povo chama o Homem Verde. Nascido de três mulheres, reinará em fertilidade e harmonia até se tornar o Rei do Inverno, mantendo a terra sob neve e gelo até a primavera regressar para o desafiar. E depois tombará, como o seu pai, e o rito começará de novo, com o filho do verão renascido mais uma vez e todas nós nos nossos lugares.

O corvo de cabeça branca pega-me na mão. – Desde que pendurei o feitiço – diz –, passaste a pertencer ao nosso círculo. Vida saída da morte. Amor, do ódio. Verão, do inverno. Um círculo de três, unidas na nossa irmandade. Para sempre, até ao fim dos Mundos.

Durante muito tempo, fico em silêncio. Mas agora compreendo as palavras dela. Donzela, mãe, três em um. É assim que continuamos. É assim que as nossas vidas prosseguem. Não sós, mas sempre ligadas, como filhas, irmãs, mães. E quando chegar de novo a minha vez, serei de novo uma donzela, com a minha inocência renascida como a flor dos nós de amor

na árvore do espinheiro. Até lá, sou a Anciã, a guardiã da sabedoria e dos mistérios. As raparigas virão procurar o meu conselho e pendurar os seus feitiços nos meus ramos. As crianças dançarão no círculo e segredarão que me viram mexer-me, e espreitarão entre as pedras no anel das fadas e contarão histórias sobre Mary Maluca. E durante todo o verão eu manter-me-ei aqui, até os meus ramos ficarem nus. E depois, ao longo do inverno, dormirei, aconchegada dentro da minha pele de espinheiro. Dormirei, e tenho a esperança de que sonharei; e, sonhando, entrarei na pele de uma cotovia e cantarei uma canção sobre a luz das estrelas.

O ano gira, gira, gira. Do inverno para o verão, da escuridão para a luz, a fazer girar o mundo como madeira num torno, a dar forma aos meses e às estações. Amanhã é o primeiro de maio. Um dia para o amor e a alegria, e canções e grinaldas para a Rainha de Maio. Amanhã, os bosques estarão rajados de verde, e os brotos de fetos brincam à beira da água. As sebes estão brancas e o seu perfume é de favo de mel e abrótea, e as aves e os mosquitos e as borboletas dançarão no ar iluminado pelo sol. Esta noite é a Véspera de Maio, e a lua vai baixa. As minhas irmãs já estão à espera. Véspera de Maio, e quarto minguante.

É a hora de uma bruxa ir viajar.

†

# Agradecimentos

Algumas histórias são planeadas com muitos anos de antecedência; outras aparecem sem aviso e exigem ser escritas. Esta história cabe nesta última categoria, trazida por um corvo de cabeça branca por volta do Dia de Todos os Santos de 2016. Ninguém a esperava – muito menos a minha editora, que, mesmo assim, a acolheu e moveu montanhas para que fosse publicada a tempo da minha estação preferida.

São necessários nove Mundos para fazer um livro: e a maior parte dos que labutam nos bastidores nunca vê o seu nome impresso. Por conseguinte, gostaria de agradecer a todos quantos trabalharam tão incansavelmente para ajudar a tornar este livro tão bom quanto poderia ser: às minhas adoráveis e perspicazes editoras, Gillian Redfearn e Bethan Jones; à minha revisora de provas, Liz Hatherell; ao meu fantástico agente de relações públicas, Ben Willis; e ao maravilhoso gestor de produção, Paul Hussey; assim como a Jon Wood, Stevie Finegan, Genn McMenemy, Craig Leyenaar, Mark Stay e a toda a boa gente na editora Gollancz.

Agradeço também ao meu agente, Peter Robinson, e ao seu capaz assistente, Matthew Marland; a Sue Gent, pela sua capa inspirada, e à ilustradora Bonnie Helen Hawkins, que me chegou por acaso no vento de um dia de verão e cuja visão contribuiu para dar vida à minha história. Agradeço igualmente à minha família, ao Kevin e à Anouchka; aos livreiros, vendedores, *bloggers*, *YouTubers* e *Tweeters*, cujo entusiasmo contribuiu para dar asas a esta história: e, claro, a vós, os leitores, sem os quais nenhuma história seria algo mais do que meras palavras.

# Table of Contents


Ficha Técnica
Véspera de Maio
    Um
Maio
    Um
    Dois
    Três
    Quatro
    Cinco
Junho
    Um
    Dois
    Três
    Quatro
    Cinco
Julho
    Um
    Dois
    Três
    Quatro
Agosto
    Um
    Dois
    Três
    Quatro
    Cinco
Setembro
    Um
    Dois
    Três
    Quatro
Outubro
    Um
    Dois
    Três

Novembro
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco

Dezembro
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis

Janeiro
- Um
- Dois
- Três

Fevereiro
- Um
- Dois
- Três
- Quatro

Março
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco

Abril
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco

Véspera de Maio
- Um

Agradecimentos